



Universiteit
Leiden
The Netherlands

Instrumentos musicais nas línguas bantu e a herança no português do Brasil

Mendes Martins de Menezes, A.

Citation

Mendes Martins de Menezes, A. (2024, September 25). *Instrumentos musicais nas línguas bantu e a herança no português do Brasil*. LOT dissertation series. LOT, Amsterdam.
Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/4093421>

Version: Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/4093421>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

CAPÍTULO III

Principais processos de criação lexical aplicados em nomes de instrumentos musicais em bantu

3.1 Processo deverbativo

O vocabulário específico para os instrumentos musicais compreende algumas motivações para a criação lexical, uma delas, a partir da derivação verbal. É comum em bantu a ocorrência desse mecanismo, processo formado pela adição de morfemas (Meeussen 1967). Segundo Schadeberg (2006), a derivação de substantivos vindos de verbos envolve diversos processos produtivos, alguns tão difundidos que foram reconstruídos no PB, ex. *-dìm- (1) “cultivar” > *-dìma (1a) “campo cultivado”, *-dòng- (1) “organizar” > *-dòngò (1a) “linha”, *-bín- (1) “dançar, cantar” > *-bínà (1a) “canção, dança”.

As primeiras classificações dos instrumentos musicais agrupavam-nos de acordo com a matéria que os constitui. Hoje, existe uma classificação mais refinada que considera outros aspectos importantes como a forma de produção do som (Hornbostel & Sachs 1914). Nesse contexto, evidencia-se a ação particular de toque do instrumento, bem como outras características principiantes, ex. aerofones: gritar, soprar, apitar, caçar; cordofones: curvar, (bater, tocar); idiofones: soar, chocalhar, agitar, sacudir, golpear; membranofones - tambor: bater, punir, (tocar inst.), rugir, rosnar, retumbar; tambores de fricção: absorver, aspirar, puxar, beber (com barulho), esfregar.

Para Schadeberg (2006), no campo das ações, resultados e instrumentos, as raízes deverbativas com sufixo final em /-o/ são muito comuns e se apresentam em todas as classes, exceto cl. 1/2. Tais substantivos referem-se à própria ação, ao resultado da ação, ao lugar ou ao instrumento (muitas

vezes com o aplicativo -il). No domínio dos instrumentos musicais, as derivações indicam vogais finais variadas, ex. em /a/: *-bìng- (1) > *-bìngà (4) cl. 9/10, (11/10); °-kíb- > °-kíba cl. 9/10, 12/13, (5/6); °-dìmb- > *-dìmbà (1) cl. (i)5/6, 3/4, 7/8, 9/10, 11; °-jug- > °-jùgà cl. 9/10; °-bùnd- > °-bùndà cl. 9/10, (8); °-pùit- > °-puità cl. 9, 7, 5; °-kùit- > °-kùità; °-cák- > °-caka cl. 7/8, 12/13, 9/2, 5/6; em /e/: *-pémb- (3) > *-pémbé cl. 5/6, (9/10), (9/6); °-nyég- > °-nyégè cl. 11/10; °-dénd-ud- > °-déndè cl. 3/4, (12/13); °-cék- > °-céké cl. 3/4, 7/8, 11/10; em /i/: *-pùng- (3) > *-pùngì (3a) cl. 9/6, 9/2; °-cíg- > *-cígí cl. 7/8, 11/10; °-dóód- > °-dóódi cl. 3/4 / °-dúd- > °-dúdi cl. 3/4; *-dìd- (1) > °-dìdi cl. 3, 9, 5/6, 12/13; *-gòmb- (3) > *-gòmbí (4) 9/(6), 9/10, (9/2), (9/6), (11/10); °-kùmb- > °-kùmbí cl. (9), 11/10, 7/8; °-jug- > *-jùgì (5) cl. 5/6, 14/6; em /o/: °-tóng- > *-tóngò cl. 1/6, 9/6, 3/4, 7/8, 19/18; °-jug- > *-jugo (5) cl. 5, 7/8; em /u/: °-gùng- “curvar” > °-gùngò cl. 11(+9/6), 5/6; *-kúb- > °-kúbudu cl. 3/4, (12/13); *-dùm- (1) > °-dùmù cl. 9/6; °-gúd- > °-gúdu cl. 7/8, 3/4, 11, 9. Os referidos processos de derivação verbal são apresentados e discutidos a seguir. Vale ressaltar que, nessa discussão, não serão apresentadas as tabelas com dados para os temas derivados, uma vez que já foram apresentados e discutidos no capítulo anterior.

3.1.1 °-tóng- “apitar” > *-tóngò (5), 6825, cl. 1/6, 9/6, 3/4, 7/8, 19/18 “trompete, flauta, apito”

O termo *ítóngò* (benga) corresponde ao tema revisado °-tóngò atestado na maioria dos grupos linguísticos da zona A. O tema é derivado da proposta de forma verbal °-tóng- “apitar”. Abaixo, alguns reflexos na zona A e na língua pove (B305):

Tabela 177 - Reflexos de °-tóng- “apitar”

A13	balong	ítóng	“siffler”	(Mboundja 2003: 354)
A15c	akoose	âtóng	“whistle” (v.)	(Hedinger 2012: 489)
		âtóng	“blow (horn)”	(Hedinger 2012: 378)

A22	bakwiri	tongà	“whistle” (v.)	(Ardener 1997: 69)
A622	nugunu	otóŋgó	“siffler”	(Welaze 2006: 76)
A71	eton	lój (v.)	“siffler”	(van de Velde 2006: 396)
A74	bulu	loñ ⁸⁷	“siffler”	(Alexandre 1956: 206)
B305	pove	tóŋgókó	“siffler”	(Mickala Mamfoumbi 2004: 716)

Na língua mpongwe (B11a), Raponda-Walker (1961: 147) anota a correspondência *tonga* para “corner (dans un instrument)”. Fora do bantu (Bantoíde), atestou-se um reflexo na língua noni (beboíde), *tóŋ* “to blow a trumpet or horn” (Blench 2009). Nesse sentido, Hedinger (2012) registra duas ações que correspondem ao modo (particular) de toque do instrumento de sopro: “apitar” e “soprar”, porém o sentido “apitar” é o mais frequente. Em pove (B305), Mickala-Mamfoumbi (2004) mostra um dado com aplicativo sem efeito de alteração no sentido.

A C₁ do tema é refletida diretamente em quase todos os dados, exceto na língua bulu (A74), onde se percebe o processo fonológico regular /*t(V) > l/. A vogal refletida é a posterior meio-aberta, identificada em todos os dados mencionados. A C₂ reconstruída baseia-se, principalmente, nas correspondências identificadas nas línguas bakwiri (A22), nugunu (A622) e pove (B305). Quanto ao tom, há evidências que indicam proposta *A em duas línguas das zonas A e B, ex. akoose (A15c) *-túm- (1) > *álóme* “send” (Hedinger 2012: 459), pove (B305) *-túm- (1) > *tómáká* “envoyer” (Mickala Mamfoumbi 2004: 516).

⁸⁷ Anotação de acordo com o sistema adotado pelo autor ñ = [ŋ].

3.1.2 *-pòng- (3), 2652, “soprar (o vento)” > *-pòngì (3a), 5065, cl. 9/6, 9/2 “trompa musical (trompete)”

Mpúngí (kiluba) é um termo empregado para designar “trompa musical (trompete)”. Este instrumento é também encontrado em comunidades luba e sua utilização principal é destinada à caça e à sinalização. O nome provém do tema reconstruído *-pòngì cl. 9, 9/6, 9/2 que é derivado de uma forma verbal reconstruída no BLR3, *-pòng- (3) “soprar (o vento)”, atestada nas zonas M, P, S. Os sentidos propostos para o tema *-pòngì relacionam-se entre si pelo processo metonímico, ou seja, todos os conceitos têm uma conexão real. O primeiro sentido “trompa musical (trompete)”, frequentemente atestado em classes cl. 9, 9/2, 9/6 nas zonas B, C e H, deriva em classes cl. 9/10 “presa de elefante”, “marfim” em línguas das zonas B e H. Logo, as relações semânticas se justificam pela origem deverbativa do tema, com indício na língua kiluba (L33), *kámpúng-íd-í* cl. 12/13 (Gillis 1981: 108).

O presente estudo mostra um conjunto de dados com complementação de zonas (B e L) para o mesmo sentido:

Tabela 178 - Reflexos de *-pòng- “soprar (o vento)”

A43a	basaa	hòŋ	“souffler”	(Teil-Dautrey 1991: 82)
B42	sangu	pòŋg	“blow (as wind)”	(Idiata 199x)
L53	ruund	-punga	“to blow (wind)”	(Nash 1996)
M15	mambwe	-punga	“to blow (wind)”	(Halemba 1995)
M63	ila	unga, ku	“to blow (of the wind)”	(Smith 1907: 474)
P23	makonde	púngà	“blow”	(Krall 1963: 399)
S16	nambya	-punga	“blow (of wind)”	(Moreno 1988: 130)

O sentido específico reconstruído é confirmado nos dados mencionados, “soprar (o vento)”. A C₁ é refletida diretamente na maioria dos reflexos, exceto em ila (M63) onde constata-se o apagamento da mesma, todavia, caracteriza-se como processo fonológico normal e produtivo na língua, *p > Ø; em ruund (L53) o reflexo é visto como irregular, pois o processo esperado

na língua seria /*p > h/; possivelmente, justificado por influências das línguas vizinhas; em basaa (A43a), a correspondência em /h/ é regular e provém do processo /*p(V) > h/. A vogal /u/ de segundo grau de abertura é privilegiada nos dados apresentados. A C₂ é refletida diretamente e corresponde ao processo /*ng > ng/, exceto em basaa (A43) onde atesta-se a redução do complexo nasal /ŋ < *ng /, justificado pela aplicação da regra de Meinhof (Stappers s.d.: 21) O tom *B pode ser confirmado em sangu (B42), ex. *-bàd- (1) > *bàd* “count” (Idiata 199x), *-cèk- (1) > *tsèk* “laugh” (Idiata 199x).

3.1.3 °-cíg- “apitar” > *-cígí, 521, cl. 7/8, 11/10 “instrumento musical de sopro”

O termo *loséké* (tetela) refere-se ao tema *-cígí com atestações, principalmente, nas línguas da zona C, denominando “instrumento musical de sopro” em cl. 7/8, 11/10. O mesmo é derivado da proposta verbal °-cíg-⁸⁸ “apitar”. Os dados mostram o sentido geral “tocar instrumento” nas zonas B e H que se especializou e passou a designar “apitar”, sentido hipônimo, (Grzega & Schöner 2007) e deu origem ao nome do instrumento musical de sopro. Abaixo, reflexos para o sentido mais geral:

Tabela 179 - Reflexos de °-cíg- “tocar instrumento”

B43	punu	-siga	“jouer d’un instrument”	(Nsuka-Nkutsi 1980)
B52	nzebi	-sííg-, usî:ga	“jouer (d’un instrument)”	(Marchal-Nasse 1989: 604)
H16	kongo	sika- sikidi	“instrument (jouer d’une)”	(Dereau 1957: 85)

⁸⁸ O BLR3 registra também a forma osculante *-cik- “tocar música, bater tambor”, 6106, zona R.

H41	mbala	-síga	“produire un bruit, un son, jouer d’un instrument à un jeu”	(Mudindaambi 1980: 929)
-----	-------	-------	---	-------------------------

O sentido específico “apitar” é atestado em quatro línguas das zonas B, H e L:

Tabela 180 - Reflexos de °-cíg- designando “apitar”

B41	sira	-síga-	“siffler”	(Dodo-Bounguedza 1993)
B43	punu	usígha múvyósi	“to whistle, siffler”	(Yukawa 2006: 40)
H12	vili	ku sik’	“jouer d’un instrument de musique ou émettre un son par la bouche”	(ILALOK 2008: 171)
H41	mbala	-síga mwiida	“siffler de la bouche”	(Mudindaambi 1980: 929)
L12b	holu	-sík- mwiita	“siffler”	(Daeleman 2003: 76)

A C_1 identifica-se como uma consoante oclusiva palatal surda com reflexos regulares que correspondem ao processo fonológico /s < *c/. A C_2 é refletida diretamente em algumas línguas, em outras se percebe o ensurdecimento da oclusiva velar sonora em kongo (H16), vili (H12) e holu (L12b), /k < *g/ processo produtivo nestas línguas. A vogal anterior fechada é privilegiada nos reflexos mencionados. O tom *A é atestado em quatro línguas ex. punu (B43) *-dób- (1) > *lóba* “to fish” (Yukawa 2006: 24); nzebi (B52) *-dób- (1) > *-lób- /ulób* (Marchal-Nasse 1989: 592).

3.1.4 *-bìng- (1), 213, “caçar, fazer sair, perseguir, gritar, chamar” > *-bìngà (4), 215, cl. 9/10, (11/10) “inst. musical de sopro”

Mbinga (kimbundu) “instrumento musical de sopro” corresponde ao tema reconstruído *-bìngà (4) cl. 9/10, (11/10) “chifre, presa de elefante” > “instrumento musical de sopro”. Partindo do princípio de que as trompas são destinadas, primeiramente à caça, com a função de comunicação (antes, durante e depois), transmitindo mensagens, assim como os apitos (Ganseman 2008), o presente estudo coloca em evidência a derivação do tema a partir da forma verbal reconstruída, *-bìng- (1) “caçar, fazer sair, perseguir”. Em kiluba (L33) Gillis (1981: 123) registra reflexos (com aplicativo -ud- para sentidos interessantes que envolvem particularidades no tipo de caça, ex. *kúbíngílá* “chasser par les cris”, *kúbíngílá tóni* “en criant chasser les oiseaux”. Nesse contexto, levantou-se outros dados que refletem o verbo *-bìng- também para os sentidos “gritar, chamar”.

Tabela 181 - Reflexos de *-bìng- designando “gritar, chamar”

H12	vili	bingul' (ku)	“appeler de loin, héler”	(ILALOK 2008: 31)
H131	suundi	kúbí:ngúlà	“appeler, faire appel, faire venir”	(Baka 1999: 50)
H16	kongo	binga	“crier, appeler”	(Laman 1936: 42)
L31a	ciluba	kubingila ne munzu	“siffler (désappreuver)”	(Gabriel 1925: 212)
M42	bemba	-bing-	“call especially to see (someone)”	(Guthrie & Mann 1995: 120)

Nota-se a ocorrência de reflexos com os aplicativos -ud- e -ud- que acompanham a indicações semânticas também registradas por Gillis (1981) com efeito condicionante. Desse modo, a forma verbal *-bìng- “caçar, fazer sair, perseguir” é propensa à difusão de sentido, e o campo semântico alcança

particularidades que envolvem a ação, ou seja, sentidos hipônimos (Grzega & Schöner 2007). Os sentidos “gritar” e “chamar” estão ligados à função primária das trompas (instrumento de comunicação), logo, é pertinente a derivação *-bĩngà (4) cl. 9/10, (11/10) “chifre” < “presa de elefante” < “instrumento musical de sopra”.

3.1.5 *-pémb- (3), 2440, “soprar” > *-pémbé cl. 5/6, (9/10), (9/6) “chifre musical”

*-pémb- (3), 2440, “soprar” > “assoar o nariz”

O termo *ihẽmbe* (rundi) “trompa musical” é encontrado principalmente na região dos Grandes Lagos e provém do tema reconstruído *-pémbé cl. 5/6, 9/10 “trompa musical”, que é derivado da forma verbal *-pémb- (3), 2440, “assoar o nariz”, zonas: A, B, C, H, K, L, M e R. De acordo com novas atestações semânticas, a forma verbal foi reconstruída pelo BLR3 para o sentido especializado “assoar o nariz”. O estudo coloca em evidência um agrupamento de dados que possibilita propor o sentido geral e primário “soprar”. Nesse contexto, a proposta de derivação do tema é baseada nos reflexos abaixo, distribuídos nas zonas A, F, H, J para o sentido “soprar”. O sentido geral associa-se se à ação particular de toque do instrumento.

Tabela 182 - Reflexos de *-pémb- designando “soprar”

A43a	basaa	hém	“souffler”	(Teil-Dautrey 1991: 32)
F31	nilamba	kwi-peemba	“blow on, blow up”	(Nurse & Philippson 1975)
H41	mbala	-heembul-	“souffler”	(Ndolo & Malasi 1972: 118)
JD61	rwanda	-héembur-	“souffler dans telle ou telle direction”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 803)
JE24	kerebe	kuhemba	“blow on, blow up”	(Nurse & Philippson 1975)

O sentido geral primário “soprar”, identificado no presente estudo, mostra que a forma * pémb- sofreu o processo de especialização de sentido “assoar o nariz”, atestado pelo BLR3 com larga distribuição. A seguir, alguns exemplos representativos.

Tabela 183 - Reflexos representativos de *-pémb- “assoar o nariz”

A24	duala	wémbè	“schneuzen”	(Dinkelacker 1914: 92)
B42	sangu	pémb	“blow nose”	(Idiata 199x)
C36d	lingala	-fémbè	“souffler de l’air par les narines, se moucher discrètement ou violemment”	(Kawata 2003: 77)
H16	kongo	vémba	“se moucher, souffler (faire du bruit avec son nez en se mouchant)”	(Laman 1936: 1057)
K14	luvale	-pémba	“blow nose”	(Horton 1953: 258)
L11	pende	hemba	“moucher”	(Gusimana 1972: 55)
L52	lunda	pemba	“blow nose”	(White 1957: 56)
M63	ila	pémba	“to blow the nose”	(Smith 1907: 452)
R22	ndonga	pemba	“blow nose”	(Viljoen <i>et al.</i> 1984: 66)
S16	nambya	-pemba	“blow one’s nose”	(Moreno 1988: 130)

O sentido “assoar o nariz” difundiu-se linguisticamente apresentando reflexos de norte a sul do domínio bantu. Outros sentidos próximos foram encontrados, ex. nyoro (JE11) *hemba* “blow up a fire” (Davis 1952: 42), kerebe (JE24) *-hémba* “blow bellows” (Odden 2006: 31), taabwa (M41) *kupema* “respirer” (Van Acker s.d.: 564).

A C₁ refletida é a oclusiva bilabial surda, confirmada e refletida diretamente em quase todos os dados, salvo em duala (A24) onde mostra o processo regular /*p(V) > w/; em mbala (H41), rwanda (JD61) e pende (L11) constata-se /*p > h/, regularmente nestas línguas. Em bolia (C35b) percebe-

se o apagamento da oclusiva bilabial surda, *p > Ø, também processo normal na língua. Em kongo (H16) a C₁ apresenta-se regularmente como uma consoante fricativa. A C₂, oclusiva bilabial sonora pré-nasalizada, é confirmada diretamente em todos os dados. A vogal anterior meio fechada é atestada nos dados. Há casos de alongamento vocálico registrados em mbala (H41) e rwanda (JD61), processos espontâneos nestas línguas influenciados por um complexo nasal. O tom reconstruído é confirmado nos dados mencionados. O reflexo registrado na língua rwanda (JD61) também contribui para *A, ex. *-búmb- (1) > -búumb- “travailler l’argile ou des matières analogues” (Coupez *et al.* 2005: 228).

3.1.6 °-dóód- “latir, gritar, conversar, assobiar” > *-dòòdì (4) cl. 3/4 - tema revisado: °-dóódi cl. 3/4 “assobio”/ °-dúd- “gritar, apitar” > *-dúdí (4) cl. 3 “assobio” - tema revisado: °-dúdi cl. 3/4 “assobio”

°-dóód- “latir, gritar, conversar, assobiar” > tema revisado °-dóódi cl. 3/4 “assobio”

O termo *mùlózi* (mbunda) corresponde ao tema revisado °-dóódi cl. 3/4 “assobio, (flauta)” com larga distribuição linguística, correspondendo às zonas A, B, C, E, H, J, K, L, M, N e S. O estudo propõe derivação verbal para o tema e coloca em evidência um conjunto de reflexos distribuídos nas zonas B, H, K e L para os sentidos conectados “latir, gritar, conversar, assobiar”. Os sentidos verbais têm ligações diretas com os sentidos primários, propostos neste estudo, em classes 3/4, 11, 5, 5/0 “grito, barulho (bate papo)”.

Tabela 184 - Reflexos de °-dóód- “latir, gritar, conversar, assobiar”

B43	punu	ulólə	“aboyer, glapir”	(Blanchon 1995)
B73c	yaa	lǎ́ (ú)	“crier”	(Mouandza 1991: 131)
H11	kibembe	kùlòlò	“aboyer”	(Jacquot 1981: 181)
H41	mbala	-lóola	“bavarder”	(Mudindaambi 1977: 657)
K11	chokwe	-lòla	“falar ou cantarolar longamente”	(Barbosa 1989: 280)

L31a	ciluba	-lòla	“déblatérer, grossir les choses”	(Kabuta 2008: 158)
L35	sanga	-lòjy-	“siffler (par la bouche); se fait pour appeler ou pour émettre un air de musique”	(Coupez 1976: 106L)

A proposta de derivação verbal baseia-se, semanticamente, no princípio da emissão do som. O reflexo registrado na língua sanga (L35) mostra a ligação direta com o tema °-dóódì, e Coupez (1976) descreve a ação “assobiar pela boca com o objetivo de chamar ou emitir um ar de música”. Em chokwe (K11) o autor registra o sentido “falar ou cantarolar longamente”. Dessa forma, entende-se que a ligação entre os sentidos se faz através da continuidade de som.

Os reflexos da C₁ indicam regularmente a oclusiva alveolar sonora. Para a C₂ os dados também privilegiam a mesma oclusiva, com reflexos regulares provenientes do processo fonológico /*d > l/, exceto em sanga (L35), onde constata-se *d > ʒ, processo normal diante da vogal anterior fechada; e em yaa (B73a) nota-se o apagamento da consoante, processo produtivo na língua, ex. *-dók- (1) > líú (ú) “vomir” (Mouandza 1991: 131). Quanto à vogal, as correspondências refletem a vogal posterior meio-fechada, indicada diretamente em yaa (B73c).

A proposta de tom *A baseia-se nas informações mencionadas em línguas das zonas B e L. Por exemplo, em punu (B43) *-dób- (1) > ulóbə “pêcher à la ligne” (Blanchon 1995) e as línguas da zona L refletem o tom *A através do processo de inversão, ex. ciluba (L31a) *-dómb- (1) > -lòmba “demander” (Kabuta 2008: 158), sanga (L35) *-dómb- (1) > -lòmb- “demander” (Coupez 1976: 113L).

°-dúd- “gritar, apitar” > tema revisado °-dúdi cl. 3/4 “assobio”

Mulúzi (hemba) corresponde ao tema reconstruído (revisto) °-dúdi cl. 3/4 “assobio”. Da mesma forma que o tema °-dóodi, o estudo propõe sentido primário ao tema °-dúdi e mostra em classes 9/10 o princípio semântico “grito, barulho” (reflexos mencionados na tabela 52). Nesse contexto, o referido tema (osculante) é derivado da proposta de forma verbal °-dúd- “gritar, apitar” atestada nas zonas A, C, D, K, L e R.

Tabela 185 - Reflexos de °-dúd- “gritar, apitar”

A91	kwakum	dúló	“crier”	(Belliard s.d.: 26)
C35a	ntomba	úla	“siffler”	(Mamet 1955: 333)
C36d	lingala	-úla ou - ndúla mondúle	“jouer d’un instrument de musique à vent”	(Van Everbroeck 1985: 285)
		-úla	“siffler, souffler dans un instrument”	(Kawata 2003: 262)
C61	mongo	lula	“whistle (v.)”	(Ruskin s.d.: 645)
D13	mituku	-úlá tólj	“siffler”	(Stappers 1973: 90)
K15	mbunda	ùlúlà	“gritar”	(Diarra 1992)
L33	kiluba	ku-lula mu-loshi	“siffler”	(Jenniges 1909: 168)
R11	umbundu	ulula	“gritar (pedir socorro brandando)”	(Le Guennec & Valente 1972: 310)

Em yaa (B73c) atestou-se o termo *lúlù (ú)* para “attiser le feu” (Mouandza 1991: 131).

A maioria dos dados indica o sentido “apitar”. Em lingala (C36d) constata-se sentidos específicos: “tocar instrumento musical à vento” e “apitar, soprar um instrumento”. O sentido “gritar”, também atestado para a forma °-dóod- é registrado em mbunda (K15) e umbundu (R11).

A proposta de C₁, oclusiva alveolar sonora, baseia-se nos reflexos regulares provenientes do processo /*d > l/, nas línguas mongo (C61), mbunda (K15) e kiluba (L33), e em kwakum (A91) reflexo direto /*d > d/. Nas demais, os dados mostram o apagamento da mesma, porém, em lingala (C36d) o autor mostra *-úla ou -ndúla*, indicando a C₁ reconstruída com a retenção da nasal. A C₂ tem a mesma identificação da C₁ e é refletida regularmente em todos os dados mencionados. A vogal refletida privilegia /*u/ de segundo grau de abertura nas línguas de cinco e sete vogais (sem ocorrência de espirantização).

As informações tonais indicam o padrão *A para a forma verbal °-dúd-. Ex. ntomba (C35a) *-dók- (1) > *-lúá* “vomir” (Mamet 1955: 343); lingala (C36d) *-dób- (1) > *-lóbɔ* “pêcher à la ligne” (Kawata 2003: 138); mituku (D13) *-dók- (1) > *-úka* “vomir” (Stappers 1973: 91).

3.1.7 °-kíb- “apitar, soprar instrumento musical” > °-kíba cl. 9/10, 12/13, (5/6) “apito”

O nome *ohiva* (nyaneka) refere-se à proposta de tema °-kíba cl. 9/10, 12/13, (5/6) para “apito”, atestada nas zonas K, M, R e S. O estudo permitiu identificar um grupo de dados, os quais permitem propor o verbo °-kíb- para “apitar, soprar instrumento musical” de onde origina o referido tema. Abaixo, alguns dados identificados nas zonas K, L, M e R:

Tabela 186 - Reflexos de °-kíb- “apitar, soprar instrumento musical”

K31	luyi	siba	“siffler”	(Jacottet 1901: 232)
K33	kwangali	siva	“whistle” (v.)	(Kloppers 1994: 153)
K332	rumanyo	-shíva	“whistle” (v.)	(Möhlig <i>et al.</i> 2005: 454)
K333	mbukushu	-shíva	“whistle” (v.)	(Wynne 1979: 601)
L62	nkoya	kushíba múlothí	“to whistle”	(Yukawa 1987: 43)

M63	ila	siba, ku	“to blow, as a musical instrument(s); to whistle, to blow a trumpet”	(Fowler 2000: 608)
M64	tonga	íkú-siba	“whistle”	(Carter 1962: 81)
R41	yeyi	-shiwa	“whistle”(v.)	(Lukusa 2009: 202)

Na língua ila (M63) o autor descreve especificamente a ação “soprar instrumento musical”.

A C₁ da proposta de forma verbal, /*k/, é refletida indiretamente sob forte influência da vogal /*i/ de primeiro grau de abertura. Em luyi (K31) e kwangali (K33) o reflexo é regular, proveniente do processo /*k (*_~i) > s/. Na língua rumanyo (K332) /*k (*_~i) > ʃ/, ex. a classe 7, /*ki/, se apresenta em /sh(i)/ (Möhlig 2005: 38). Em mbukushu (K333) atesta-se o mesmo reflexo, provavelmente influência da língua vizinha. Em nkoya (L62), o reflexo é ambíguo e pode corresponder a dois processos: /*k(*_~i, *_~i) > ʃ/; /*c(*_~i, *_~i) > ʃ/. Em yeyi (R41), o processo esperado seria /*k(i) > ty/; todavia, atesta-se /ʃ/, provavelmente, resultado de influências das línguas vizinhas. E, somente nas línguas da zona M, ila (M63) e tonga (M64), o reflexo corresponde a /*c/. Com base na maioria dos reflexos que apontam a vogal anterior fechada influenciando a identidade da C₁, propõe-se /*k/. Para a C₂ os reflexos privilegiam a oclusiva bilabial sonora.

As indicações tonais registradas nas línguas tonga (M64) e rumanyo (K332) favorecem uma proposta de padrão *A, para a forma verbal °-cíb-. Ex. tonga (M64) *-dób- (1) > *íkú-loba* “catch fish with a hook” (Carter 1962: 72), *-bón- (1) > *íkú-bona* “see” (Carter 1962: 61); em rumanyo (K332) *-kúd- (1) > *kukûla* “to grow” (Möhlig *et al.* 2005: 19), *-dók- (1) > *kulûka* “to vomit” (Möhlig *et al.* 2005: 7).

3.1.8 *-dìd- (1), 959, “chorar, gritar, gemer” > °-dìdì cl. 3, 9, 5/6, 12/13 “flauta”

O termo *dílélé* (kiluba) corresponde à proposta de tema °-dìdì reconstruída em classes 3, 5/6, 9, 5/6, 12/13 para “flauta”. Na mesma perspectiva dos temas revisados °-dóódi e °-dúdì, propõe-se para o tema °-dìdì origem deverbativa, com base numa forma reconstruída no BLR3, para os sentidos “chorar, gritar, gemer”. O referido tema também pode ter o princípio semântico relacionado aos sentidos “grito, barulho”. Nesse contexto, atestou-se na língua kongo (H16) o termo *ndele* para “bruit” (Laman 1936: 665) e em bolia (C35b) *ilelo* para o sentido “cri” (Mamet 1960: 226). Provavelmente, o sentido “flauta” é difundido em classes 3/4 a partir do sentido primário relacionado diretamente com os sentidos verbais. O tema °-dìdì é derivado da forma *-dìd- (1), 959, “chorar, gritar, gemer”, zonas: A, B, C, E, F, G, H, J, K, L, M, P, R, S.

Tabela 187 - Reflexos representativos de *-dìd- “chorar, gritar, gemer”

A44	tunen	-lèl-	“pleurer”	(Dugast 1967: 103)
B42	sangu	-dèd-	“cry, wail”	(Idiata 199x)
C35a	ntomba	lela	“crier”	(Mamet 1955: 274)
C71	tetela	ndelá	“crier”	(Hagendorens 1984: 63)
D54	bembe	ilela	“crier”	(Kyanza 1996: 157)
E51	kikuyu	kurera	“cry”	(Hinde 1904: 17)
F12	bende	-lílá	“cry, weep, snarl, grunt (of a pig), sing (of a bird), emit a continuous sound, mew”	(Abe 2007: 48)
G42	swahili	lia	“cry”	(Johnson 1950: 128)
H16	kongo	dila	“pleurer, crier”	(Laman 1936: 117)
JE13	nyankole	rira	“wail”	(Davis 1952: 326)
JE15	ganda	òku-lira	“cry”	(Mulira & Ndawula 1952: 143)

JD62	rundi	kurira	“pleurer”	(Rodegem 1970: 361)
K14	luvale	-lila	“cry, wail”	(Horton 1953: 157)
L31a	ciluba	-dílá	“pleurer; émettre un son; chanter; crier”	(Kabuta 2008: 84)
L32	kanyok	-dil	“pleurer; résonner, sonner”	(Mukash Kalel 2012: 224)
L33	kiluba	kúdílá	“crier à tue-tête, rugir”	(Gillis 1981: 123)
L35	sanga	-dí-	“pleurer; émettre son, bruit; résonner, jouer (instrument de musique); crier”	(Coupez 1976: 14D)
M42	bemba	-lil-	“cry; give voice, animals, birds, instruments”	(Guthrie & Mann 1995: 47)
N31b	chewa	lirà	“to cry, weep, sound”	(Mtenje 2001)
P21	yao	-dílá	“weep; wourn; cry”	(Ngunga 2001)
R11	umbundu	-lila	“gritar (soltar gritos)”	(Le Guennec & Valente 1972: 310)
S21	venda	-lilà	“weep, cry”	(Murphy 1997)

Alguns sentidos mencionados mostram estreita relação com o sentido para o instrumento musical, ex. em bende (F12) o autor também registra “emitir um som contínuo”; em ciluba (L31a) constata-se a indicação “emitir um som; cantar”; em sanga (L35), Coupez (1976: 14D) anota uma descrição que significa “emitir som, ruído; ressoar, tocar (instrumento musical)”. Dessa forma, acredita-se que um estudo mais aprofundado possa mostrar um sentido

especializado para a forma verbal. Quanto à estrutura segmental e tons, não há necessidade de discussão uma vez que a forma reconstruída é segura.

3.1.9 *-gòb- (3), 6885, “curvar”/ *-kòb- (3), 1859, “ligar, curvar”/ *-kúb- (5), 4539, “curvar” > *-gubu (5) cl. 3/4 “cabaça (instrumento musical)” - tema revisado: °-gúbu cl. 5/6, 11/10 “arco musical”

O termo *egobóre* (nkore-kiga) corresponde ao tema °-gúbu cl. 5/6, 11/10 “arco musical”. Esse tema foi reconstruído para o sentido cabaça (instrumento musical). O estudo permitiu refinar o sentido e os dados atestam e especificam o cordofone “arco musical”. Com base na atestação de dois dados, os quais dão ideia da característica principal do instrumento, a saber: swahili (G42) *ghuba* “bend (n.)” (Johnson 1950: 49) e sanga (L35) *-òbe (ngò)* cl. 4n “jambés arquées”, aprofundou-se a pesquisa e identificou-se três formas verbais, osculantes, reconstruídas no BLR3 que designam o sentido “curvar”, interpretado, neste estudo, como a característica principal do instrumento: *-gòb- (3) “curvar”, *-kòb- (3) “ligar, curvar” e *-kúb- (5) “curvar”.

O tema *-gòb- (3) “curvar”, 6885, foi atestado pelo BRL3 na área oriental do domínio bantu, zonas J, L, M, N, S. Todavia, as atestações não se restringem à região leste. Outros reflexos foram levantados nas zonas B e F.

Tabela 188 - Reflexos de *-gòb- “curvar”

B42	sangu	gòòb	“bend”	(Idiata 199x)
F12	bende	-ghóbhólá	“bend a road”	(Yuko 2006)
JD52	haavu	-gob-(ere)	“plier en enroulant (corde)”	(Aramazani 1985: 108)
L31a	ciluba	-oobeka	“faire plier, courber”	(Kabuta 2008: 266)
S31	setswana	gòba	“be bow-legged”	(Brown 1980: 76)
S41	xhosa	-goba	“bow (bend)” v.	(Fischer 2004: 66)

S42	zulu	gobisa	“bend (curve)”	(Doke <i>et al.</i> 1958: 38)
S44	ndebele	-goba	“bend, become bent”	(Pelling 1971)

Os sentidos são específicos e se referem ao conceito “dobrar, curvar”. Algumas línguas mostram o verbo com adição de extensão, ex. em bende (F12) *-ghóbhólá* com efeito associativo “bend a road” (Yuko 2006); em haavu (JD52) *-gob-(ere)* com efeito intensivo “plier en enroulant (corde)” (Aramazani 1985: 108), em ciluba (L31a) *-oobeka* com efeito causativo “faire plier, courber” (Kabuta 2008: 266), em zulu (S42) *gobisa* sem modificação no sentido, ex. “bend (curve)” (Doke *et al.* 1958: 38). Fischer (2004: 66) registra em xhosa (S41) um sentido mais específico ligado diretamente ao tema (*-gubu) > °-gúbu referindo-se a “curvar o arco”.

A C₁, oclusiva velar sonora, se apresenta em reflexos diretos na maioria das línguas mencionadas no agrupamento, exceto em ciluba (L31a), onde constata-se o apagamento da mesma, proveniente do processo regular /*g > Ø/. Em bende (F12) a ocorrência em /gh/ é produtiva, ex. *-gàngà (1) > *bhúghángá* cl. 14 “medicine” (Yuko 2006) Para a C₂, oclusiva bilabial sonora, as correspondências se apresentam diretamente /*b > b/; a ocorrência /bh/ em bende (F12) pode ser exemplificada: *-bókò (1) > *mabhoko* cl. 6 “left hand” (Yuko 2006). Quanto à vogal, os reflexos em /o/ privilegiam a vogal posterior meio-aberta. O alongamento atestado em sangu (B42) e ciluba (L31a) é pertinente.

O tom *B pode ser confirmado em sangu (B42) *-bàd- (1) > *bàd* “count” (Idiata 199x), em bende (F12) *-cèk- (1) > *-séká* “laugh” (Yuko 2006) e em ciluba (L31a) *-cèk- (1) > *-seka* “rire” (Kabuta 2008: 294).

O BLR3 também reconstruiu a forma derivada *-gòbük- (3a), 6889, para “accrocher” na zona J, ex. shi (JD53) *óokugobeka* (Polak-Bynon 1978: 36), rundi (JD62) *kugobeka* (Rodegem 1970: 117) e *-gobud- (3a), 6890, para o

reversivo “décrocher” também na zona J, ex. shi (JD53) *óokugoboola* (Polak-Bynon 1978: 36).

Outro registro no BLR3 é a forma osculante *-kòb- (3), 1859, para “ligar, dobrar” atestado nas zonas L, M, N.

Tabela 189 - Reflexos de *-kòb- “curvar”

L23	songe	kobéka	“courber, faire um crochet”	(Oost 1990: 32)
L35	sanga	-kob-	“accrocher”	(Coupez 1976: 133K)
L32	kanyok	-kobek	“donner à un objet la forme courbe, la forme d’un arc, courber”	(Mukash Kalel 2012: 430)
M41	taabwa	kukoba	“accrocher (aux épines, aux branches)”	(Van Acker 1907: 79)
M42	bemba	-kob-	“crook”	(Guthrie & Mann 1995: 123)
N31b	chewa	koa	“to bend”	(Mtenje 2001)

No conjunto de dados, construções com adição de extensão são registradas em línguas da zona L, sem efeito no valor significativo do verbo, ex. em songe (L23) *kobéka* designando “courber, faire um crochet” (Oost 1990: 32), em kanyok (L32) *-kobek* “donner à un objet la forme courbe, la forme d’un arc, courber” (Mukash Kalel 2012: 430).

Os reflexos da C₁ correspondem diretamente à oclusiva velar surda e são provenientes do processo regular /*k > k/. A C₂, oclusiva bilabial sonora, também é atestada diretamente em quase todos os dados mencionados no agrupamento, exceto em chewa (N31b), onde atesta-se o apagamento da

mesma, proveniente do processo regular na língua /*b > Ø/. Para a vogal, os reflexos confirmam a vogal posterior meio-aberta.

Quanto ao tom reconstruído, *B, pode ser confirmado nas línguas sanga (L35) *-cèk- (1) > -sek- “rire” (Coupez 1976: 91S); kanyok (L32) *-cèk- (1) > -sek- “rire, rigoler” (Mukash Kalel 2012: 665); bamba (M42) *-bòd- (1) > -bol- “become rotten” (Guthrie & Mann 1995: 7).

O sentido “curvar” também alcança reflexos referentes à forma similar, também osculante, *-kúb- (5) “curvar”, 4539, atestado pelo BLR3 na zona J.

Tabela 190 - Reflexos de *-kúb- “curvar”

JD53	shi	óokukubá	“se courber, ê. courbé”	(Polak-Bynon 1978: 45)
JD61	rwanda	-kúb-	“plier en une ou plusieurs fois”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 1381)
JD62	rundi	gukúba	“plier, courber, enrouler”	(Rodegem 1970: 241)

O sentido “curvar” é indicado nas três línguas do pequeno agrupamento. A C₁, oclusiva velar surda, é confirmada nesta série de línguas e provém do processo regular /*k > k/. A C₂, oclusiva bilabial sonora, também é atestada diretamente nos três dados mencionados. Para a vogal, os dados privilegiam /*u/ de segundo grau de abertura, pela regularidade da consoante (não havendo processo de espirantização).

O tom *A se confirma com reflexos diretos nas línguas rwanda (JD61) e rundi (JD62). Em shi (JD53) a correspondência também pode vir de *A, ex. *-báb- (1) > óokubabá “brûler” (Polak-Bynon 1978: 18).

Com relação às outras formas, *-gòb- (3) e *-kòb- (3), *-kúb- (5) “curvar” implica na vogal e no tom reconstruído.

O mesmo problema de vogal e tom, para formas verbais osculantes, que designam o mesmo sentido, é indicado em outros exemplos registrados no

BLR3: *-kóny (3), 1945, “dobrar”, zonas C, G, H, J, L, N, S/ *-kùny (4), 3783, “dobrar” zona J; *-kúny (4), 3784, “dobrar” zonas C, J.

3.1.10 °-gùng- “curvar” > °-gùngù cl. 11(+9), 5/6 “arco, arco musical de boca”

O termo *lungungu* (kimbundu) provém da forma °gùng- “curvar”. Na mesma perspectiva de °gúbu, o tema °-gùngù apresenta origens deverbativas associadas à característica principal do instrumento “curvo”. As buscas pelo sentido “curvar” possibilitaram a nova proposta de forma verbal °-gùng- “curvar”, atestada nas zonas B, D e M.

Tabela 191 - Reflexos de °-gùng- “curvar”

B43	punu	uyongúlə	“arrondir”	(Blanchon 1995)
D54	bembe	ikungama	“se couber en arc”	(Kyanza 1996: 138)
M42	bemba	-ong ⁸⁹	“bend”	(Guthrie & Mann 1995: 118)

Outros dados foram atestados nas zonas N e P, todavia, optou-se por citar fora do agrupamento devido o traço surdo envolvendo a C₁, ex. em sena (N44) *kukunga uta* “armar o arco” (Alves 1939: 17), em makhuwa (P31) a forma totalmente reduplicada *u-kunga kunga* HL designando “bend into a circle” (Kisseberth 1996).

No pequeno agrupamento, os dados conceituam a ação “curvar”. Em punu (B43) constata-se uma construção com adição de extensão, *uyongúlə* sem efeito no valor significativo, ex. “arrondir” (Blanchon 1995). Outra construção envolvendo adição de extensão é atestada em bembe (D54), *ikungama* (com efeito causativo) “se courber en arc” (Kyanza 1996: 138).

⁸⁹ Sem marcação = tom baixo.

Os reflexos da C₁, oclusiva velar sonora, apresentam-se de forma regular nas três línguas mencionadas, ex. em punu (B43) a realização em /ɣ/ corresponde ao processo /*g > ɣ/; em bembe (D54) o reflexo em /k/ resulta do processo de ensurdecimento regular na língua /*g > k/; em bamba (M42) a consoante realiza-se em Ø, /*g > Ø/, processo regular. Para a C₂, oclusiva velar sonora pré-nasalizada, os reflexos são atestados diretamente, /*ng > ng/. Quanto à vogal, sugere-se /*u/ de segundo grau de abertura devido à oposição entre /o/ e /u/, nesta série de línguas.

Concernente à tonalidade, os reflexos registrados em punu (B43) e bamba (M42) favorecem o padrão *B, ex. em punu (B43) *-gàb- (1) > *uyabíla* “distribuer quelque chose” (Blanchon 1995), em bamba (M42) *-bòd- (1) > *-bol-* “become rotten” (Guthrie & Mann 1995: 7).

O BLR3 registra a forma derivada *-gongud- (5) indicando o reversivo “endireitar algo torto”, 6799, zonas J, N, P.

3.1.11 *-gòmb- (3), 1431, “bater palmas, bater tambor, tocar inst. musical” > *-gòmbí (4), 6658, cl. 9/(10) “inst. musical geral” > cl. 9/10, (9/2), (11/10) “harpa” > cl. 9/(6), 11/10 “cítara”

Ngombi (tsogo) corresponde ao tema *-gòmbí que é derivado da forma *-gòmb- “bater palmas, bater tambor” > “bater, fazer barulho” > tocar inst. musical”.

Nesse contexto, é interessante destacar que Cloarec-Heiss (1999: 45) já sinaliza uma possível derivação verbal de *ngombi* “harpa”. A forma reconstruída *-gòmb- (3), segundo o BLR3, foi atestada no lado oriental do domínio bantu para os sentidos “bater palmas, bater tambor” nas zonas F, J, L, M, N, P e S. Todavia, atestou-se alguns dados que refletem a referida forma verbal, praticamente nas mesmas zonas (+ zonas complementares que compreendem também o lado ocidental B, D, H) atestando sentidos mais gerais.

Tabela 192 - Reflexos de *-gòmb- “bater palmas, bater tambor” > “tocar inst. musical”

B42	sangu	kòmb	“clap hands, beat drum”	(Idiata 199x)
D13	mituku	-omb ⁹⁰	“frapper”	(Stappers 1973: 84)
D28	holoholo	-omb ⁹¹	“jouer (tambour)”	(Coupez 1955: 149)
D54	bembe	ikØmba ⁹²	“battre”	(Kyanza 1996: 142)
H16	kongo	kombukuta	“faire du bruit”	(Laman 1936: 309)
JD61	rwanda	-goomber ⁹³	“siffler par la bouche pour communiquer à distance et s’orienter mutuellement”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 632)
JD62	rundi	kugômbora	“choquer, cogner”	(Rodegem 1970: 120)
L23	songe	-ômba	“jouer d’un instrument de musique”	(Oost 1990: 23)
L31a	ciluba	-omba ⁹⁴	“battre (se dit du coeur, du pouls)”	(Kabuta 2008: 265)
L33	kiluba	kómbá nsákádímbá	“remuer le hochet”	(Gillis 1981: 266)
L35	sanga	-ómb-	“faire résonner”	(Coupez 1976 vol. II: 10)
		kômba kifuti	“taper un coup qui résonne”	(Missions Bénédictines 1950: 105)

⁹⁰ Sem marcação = tom baixo.

⁹¹ Sem marcação = tom baixo.

⁹² Ø = vogal /ɔ/; sistema adotado pela fonte para distinguir /ɔ/ de /o/.

⁹³ Sem marcação = tom baixo.

⁹⁴ Sem marcação = tom alto.

M42	bemba	-omb- ⁹⁵	“beat rhythm”	(Guthrie & Mann 1995: 117)
N31b	chewa	omba	“to sound”	(Mtenje 2001)
P21	yao	-góómbá	“beat; strike; play musical instrument (drum, flute, guitar, etc.)”	(Ngunga 2001)
S21	venda	-omba L ⁹⁶	“beat (as a drum)”	(Murphy 1997)

No conjunto de dados, os sentidos reconstruídos que correspondem a “bater palmas” e “bater tambor” são atestados em três línguas, ex. em sangu (B42), Idiata (199x) registra os dois sentidos “clap hands, beat drum”, em holoholo (D28) “jouer (tambour)” e em venda (S21) “beat (as a drum)”. Numa série de línguas que correspondem às zonas D, H, JD, L e N, os sentidos indicam ação mais geral, ex. mituku (D13) “frapper”, bembe (D54) “battre”, kongo (H16) “faire du bruit”, rundi (JD62) “choquer, cogner”, ciluba (L31a) “battre (se dit du coeur, du pouls)”, em sanga (L35) dois sentidos: “faire résonner” e o composto *kômba kifuti* para designar “taper un coup qui résonne”, e em chewa (N31b) “to sound”.

Na língua rwanda (JD61), Coupez *et al.* (2005: 632) registram um dado com aplicativo -id-, *-goomber-*, designando o sentido condicionado “siffler par la bouche pour communiquer à distance et s’orienter mutuellement”. Nas zonas L, M e P constatam-se sentidos designando tocar instrumento de música, ex. songe (L23) “jouer d’un instrument de musique”; bemba (M42) “beat rhythm”; yao (P21) “beat; strike; play musical instrument (drum, flute, guitar, etc)”, ou seja, “tocar qualquer instrumento”. Em kiluba (L33) Gillis (1981: 266) menciona o dado composto *kómbá nsákádímbá* indicando “remuer le hochet” que se refere a mexer ou agitar um chocalho.

⁹⁵ Sem marcação = tom baixo.

⁹⁶ L = tom baixo.

De acordo com a distribuição, o sentido mais geral “bater, fazer barulho”, atestado também no lado ocidental bantu, deriva o sentido especializado “tocar inst. musical” atestado nas duas áreas (ocidental e oriental) do domínio bantu. Desse modo, sugere-se refinamento no sentido da forma reconstruída *-gòmb- “bater, fazer barulho, tocar inst. musical” que deriva o tema *-gòmbí com primeiro sentido “inst. musical geral” que se estende a “harpa” > “cítara”.

A C₁, oclusiva velar sonora, apresenta reflexos regulares atestados na maioria das línguas do agrupamento. O processo de apagamento da consoante /*g > Ø/ é constatado em mituku (D13), songe (L23), ciluba (L31a), sanga (L35), bamba (M42), chewa (N31b) e venda (S21); em holoholo (D28) constata-se também o reflexo em Ø, quando se espera o reflexo direto da consoante. O ensurdecimento /*g > k/ é refletido em sangu (B42), bembe (D54) e kongo (H16); o mesmo processo pode ser percebido em duas línguas da zona L, ex. kiluba (L33), onde regularmente o processo corresponderia no apagamento /*g > Ø/, e em sanga (L35), onde há também registro do reflexo regular. Todavia, tais irregularidades, possivelmente, referem-se às influências da língua vizinha bamba (M42). O processo de correspondência direta /*g > g/ é atestado em rwanda (JD61), rundi (JD62) e em yao (P21). A C₂, oclusiva bilabial sonora pré-nasalizada, se confirma com a atestação dos reflexos diretos em todos os dados mencionados. Quanto à vogal, em bembe (D54) atesta-se e confirma-se a vogal reconstruída, /o/ aberto, e os demais reflexos também privilegiam a mesma vogal.

Referente ao tom, o padrão *B se confirma nos reflexos mencionados na maioria das línguas, ex. sangu (B42) *-dìd- (1) > -lèl- “cry, wail” (Idiata 199x); mituku (D13) *-cèk- (1) > -sea “rire” (Stappers 1973: 76); holoholo (D28) *-dìm- (1) > -lim- “cultiver” (Coupez 1955: 147); rwanda (JD61) *-bòd- (1) > -bor- “pourrir” (Coupez *et al.* 2005: 216); rundi (JD62) > *kubora* “pourrir” (Rodegem 1970: 42); ciluba (L31a) *-cèk- (1) > *seka* “rire” (Kabuta 2008: 294); kiluba (L33) *-dìd- (1) > *mudídí* “pleurer”; sanga (L35)

*-dìd- (1) > *-díl-* “pleurer, émettre son, bruit; résonner, jouer (instrument de musique); crier” (Coupez 1976: 14D); bamba (M42) *-dìd- (1) > *-lil-* “cry; give voice, animals, birds, instruments” (Guthrie & Mann 1995: 47); yao (P21) *-dìd- (1) > *-dílá* “weep; wourn; cry” (Ngunga 2001); venda (S21) *-dìd- (1) > *-lila* L “weep, cry” (Murphy 1997).

3.1.12 °-dìmb- “bater, dar golpes” > *-dìmbà (1), 980, cl. 5/6, 3/4, 7/8, 9/10 “tambor de fenda” > 5/6, 7/8 “lamelofone” > 5/6, (3/4), 7/8, (9) “(placa de) xilofone”

O termo marimba é um bantuísmo brasileiro que significa “instrumento musical de percussão” e reflete o tema *-dìmbà (1) atestado em quase toda a área que cobre o domínio bantu. Os reflexos concentrados nas zonas florestais designam, principalmente, “tambor de fenda” em classes (i)5/6, 7/8, 3/4 e em algumas zonas que compreendem principalmente a região leste, o sentido se estende em variadas classes (ii)5/6, 7/8, 12/13, 11/10, cl. 9a/10a e passa a designar “lamelofone”, instrumento típico da África. Esses sentidos estão ligados diretamente ao sentido primário “instrumento de percussão”. As correspondências do tema se expandem em maior proporção e abrangem de oeste a leste bantu, designando em classes (i)5/6, 7/8, 3/4, 11/10 o sentido “(placa de) xilofone”. A busca pela origem do tema partiu da observação feita na atestação do reflexo conceitual *ómuliimbà* “son (ex. d’instrument de musique)”, registrado na língua shi (JD53) (Polak-Bynon 1978: 27). Através do indício semântico, levantou-se alguns dados verbais para “bater, dar golpes” que sugerem a forma °-dìmb-, atestada nas zonas B, JD e L.

Tabela 193 - Reflexos de °-dìmb- “bater, dar golpes”

B42	sangu	-dimb-	“frapper”	(Ondo Mebiame 1988: 345)
B43	punu	udĩmbə	“frapper, battre”	(Blanchon 1995)
JD53	nyabungu	kurimba	“frapper du tambour”	(Anonyme s.d.: 298)
JD61	rwanda	-diimbur-	“donner un coup”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 399)

		-diimbagur-	“frapper à coups redoublés”	
L11	pende	dìmbà	“se frapper”	(Gusimana 1972: 15)
L31a	ciluba	-imba	“battre le xylophone”	(Kabuta 2008: 178)

A C₁, oclusiva alveolar sonora, tem reflexos diretos em quase todos os dados mencionados, exceto em nyabungu (JD53), onde atesta-se o processo /*d > r/; em ciluba (L31a) constata-se o apagamento da consoante, reflexo em Ø. A C₂, oclusiva bilabial sonora pré-nasalizada, tem correspondências diretas, resultantes do processo regular /*mb > mb/. Para a vogal, os reflexos privilegiam /*i/ de segundo grau de abertura. A ocorrência do alongamento vocálico, atestado em punu (B43) e nos dois dados registrados na língua rwanda (JD61), é condicionada pelo contexto nasal. Nesta última língua, os registros indicam adição de extensão verbal, -ud-, sem modificação no sentido, ex. -*diimbur*- “donner un coup”, e a combinação -ag- + -ud- com efeito de intensidade, ex. -*diimbagur*- “frapper à coups redoublés”, bater à golpes redobrados (Coupez *et al.* 2005: 399).

O sentido sugerido para a forma °-dìmb- “bater, dar golpes” é atestado na maioria das línguas mencionadas, todavia em nyabungu (JD53) e em ciluba (L31a) os sentidos são mais específicos e referem-se a bater num instrumento musical, ou tocar um instrumento.

Nessa perspectiva, outros dados foram identificados para o mesmo sentido, “bater, dar golpes”, porém organizados em outra tabela, devido o traço surdo da C₁ que sugere a construção osculante °-tìmb- para o mesmo sentido “bater, dar golpes”.

Tabela 194 - Reflexos de °-tìmb- “bater, dar golpes”

JE13/ 14	nkore- kiga	kutimbura	“beat (a drum)”	(Taylor 1998: 151)
JD61	rwanda	-tiimb-	“frapper”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 2537)

JD62	rundi	gutimba	“frapper”	(Rodegem 1970: 494)
		gutimbagura	“frapper à coups redoublés”	
M42	bemba	-timb-	“thwack (drum, person)	(Guthrie & Mann 1995: 105)

A osculação entre as propostas verbais °-dìmb-/°-tìmb- “bater, dar um golpe” implica a consoante em posição C₁. Os dados atestados nas línguas mencionadas na indicam reflexos regulares e diretos da consoante oclusiva alveolar surda. O registro em nkore-kiga (JE13/14) mostra o aplicativo verbal *-ud- para o sentido específico “bater tambor” (Taylor 1998: 151). Em rundi (JD62), (Rodegem 1970: 494) registra um dado com a mesma combinação, *-ag- + *-ud-, indicada para °-dìmb-, com efeito de intensidade, ex. *gutiimbagura* “frapper à coups redoublés”. Outros exemplos de problemas de osculação em formas verbais foram mencionados para os cordofones.

Quanto ao tom sugerido, *B, os reflexos que indicam o padrão *B, ex. punu (B43) *-dìd- (1) > *-ulilə* “pleurer” (Blanchon 1995); rwanda (JD61) *-bòd- (1) > *-bor-* “pourrir” (Coupez *et al.* 2005: 216); rundi (JD62) > *kubora* “pourrir” (Rodegem 1970: 42); pendé (L11) *-cèng- (1) > *sèngà* “couper et dépecer pour la vente” (Gusimana 1972: 173); bemba (M42) *-bòd- (1) > *-bol-* “rotten” (Guthrie & Mann 1995: 148).

3.1.13 °-kùm̄b- “bater (tambor)” > tema revisado: °-kùm̄bí cl. (9), 11/10, 7/8 “tambor sinalizador (de fenda)”

O nome *nkumbi* (ciluba) corresponde ao tema revisado °-kùm̄bí cl. 9, 7/8, 11/10 para “tambor de fenda” que é derivado de uma forma verbal para o sentido específico “bater tambor”.

A busca pela origem do tema foi motivada a partir de observações em dois dados atestados nas zonas C e H, ex. mongó (C61) *lokombélé* cl. 11 “à l’antérieur ce tambour porte des éclats de palme pour augmenter la

résonnance; il est battu avec des maillots à boule de caout-chouc” (Hulstaert 1957: 1217) e kongo (H16) *kūmbila* “bruit” (Laman 1936: 333). Nos dois exemplos constata-se o aplicativo verbal -id-. Outro fato relevante é o sentido “barulho”, conceito característico desse tipo de instrumento. Nessa perspectiva, o estudo levantou alguns dados verbais, os quais permitem propor a forma °-kùmb- para o sentido “bater (tambor)” nas zonas A, D, H, K e L:

Tabela 195 - Reflexos de °-kùmb- “bater (tambor)”

A24	duala	umba, kumba	“frapper”	(Helmlinger 1972: 593)
D28	holoholo	komba	“battre du tambour”	(Schmitz 1912: 376)
H16	kongo	kūmika	“frapper sur”	(Laman 1936: 334)
K11	chokwe	ku kumba	“beat”	(Mac Jannet 1949: 40)
L11	pende	kùmbà	“faire du bruit”	(Gusimana 1972: 82)
L62	nkoya	kumbêta	“to beat drum”	(Yukawa 1987: 42)

Tabela 196 - Reflexos irregulares de °-kùmb- “bater tambor”

A22	bakwiri	kùmba	“drum” v.	(Ardener 1997: 18)
A43a	basaa	kumul	“frapper pour”	(Lemb Gastines 1973)
A44	tunen	-kùmb	“frapper”	(Dugast 1967: 216)
D54	bembe	-komb-	“beat drum”	(Guthrie 1970)
K21	lozi	kumbeta	“beat a drum, to”	(O’Sullivan 1993: 21)

As duas tabelas mostram dados com sufixo de extensão verbal com efeito condicionante, ex. kongo (H16) *kūmika* “frapper sur” (Laman 1936: 334), nkoya (L62) *kumbêta* “to beat drum” (Yukawa 1987: 42), basaa (A43a) *kumul* “frapper pour” (Lemb Gastines 1973), lozi (K21) *kumbeta* “beat a drum, to” (O’Sullivan 1993: 21).

As correspondências da C₁ indicam a oclusiva velar surda atestada nos dados mencionados na tabela 195, através do reflexo direto da mesma. Na tabela 196, os dados atestados também mostram reflexos diretos em posição C₁, quando se espera regularmente o apagamento em bakwiri (A22), em bembe (D54) o resultado do processo regular seria /*k > Ø/, nas outras línguas o processo regular corresponderia a /*k > h/. Provavelmente, essas irregularidades se justificam pelo contato de línguas (vizinhas) que podem ter resultado em possíveis empréstimos. Em posição C₂, quase todos os dados mostram reflexos diretos da consoante bilabial sonora pré-nasalizada /*mb > mb/, exceto em kongo (H16), onde constata-se o processo de redução do complexo nasal /*mb > m/ justificado pela regra de Meinhof (Stappers s.d.: 21). A vogal reconstruída, /*u/ de segundo grau de abertura, baseia-se nas ocorrências de oposição entre /o/ e /u/, nas línguas de 5 e 7 vogais.

Quanto ao tom, os reflexos registrados pelos autores Dugast (1967: 216) na língua tunen (A44) e Gusimana (1972: 82) em pende (L11), sugerem um padrão *B para a forma verbal. Outros exemplos nas línguas: tunen (A44) *-dèm- (1) > -lèm “être lourd” (Dugast 1967: 103), *-gènd- (1) > -kènd “marcher” (Dugast 1967: 220); pende (L11) (cf. ex. do reflexo do tema °-dìmb-, citado anteriormente).

O sentido específico reconstruído “bater tambor” é atestado diretamente nos reflexos registrados nas línguas holoholo (D28), bembe (D54), lozi (K21) e nkoya (L62).

3.1.14 °-jug- “fazer barulho confuso” > *-jògì (5), 4975, cl. 5/6, 14/6 “pequeno sino (de dança)”/ °-jùgà cl. 9/10 “pequeno sino (de dança)” / *-jugo (5) cl. 5, 7/8 “pequeno sino (esp.)”/ °-jògìd- > “fazer barulho confuso” > tema revisado °-jògìdà 9/10, 12/13 “chocalho (de dança)”

- °-jug- “fazer barulho confuso” > *-jògì (5) cl. 5/6, 14/6 “pequeno sino (de dança)” “pequeno sino (esp.)”
- > °-jùgà cl. 9/10 “pequeno sino (de dança)”
- > *-jugo (5) cl. 5, 7/8 “pequeno sino (esp.)”

Os termos *iyugi* (rundi), *énzóga* (nande), *ijugo* (nyoro) denominam espécies de “sino pequeno” em diferentes classes nominais e correspondem a temas derivados da forma °-jug- “fazer barulho confuso”. Os referidos temas associam-se ao conceito básico do verbo “fazer barulho confuso” de acordo com a característica principiante do instrumento “sino”. Nesse contexto, identificou-se alguns reflexos referentes à forma °-jug- nas zonas C e JD.

Tabela 197 - Reflexos de °-jug- “fazer barulho confuso”

C35b	bolia	yoka	“faire du tapage”	(Mamet 1960: 259)
C61	mongo	yoka	“make uproar”	(Ruskin s.d.: 636)
JD61	rwanda	-yógayog-	“faire un bruit confus”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 2803)

Coupez *et al.* (2005: 2803) registram um reflexo da forma totalmente reduplicada em rwanda (JD61) e especifica o sentido “fazer barulho confuso”.

A C₁, aproximante palatal, é atestada regularmente em rwanda (JD61) através do processo /*j > y/. Em bolia (C35b) e em mongo (C61), a correspondência regular seria resultante do processo /*j > Ø/; todavia, atesta-se também o

reflexo em /y/, que pode ser explicado devido influências vindas da língua vizinha bangi (C32), onde regularmente o processo mostra /*j > (y)/. Para a C₂, em rwanda (JD61), o reflexo é direto e se apresenta em /g/; nas duas línguas da zona C, o processo de ensurdecimento regular é manifestado /*g > k/. Quanto à vogal, as línguas de 7 vogais, bolia (C35b) e mongo (C61) não atestam vogais abertas, portanto sugere-se /*u/ de segundo grau de abertura.

Referente às informações tonais, ainda não é possível propor um padrão, devido divergências dos reflexos nas línguas, ex. em bolia (C35b) Mamet (1960: 259) indica reflexo baixo, que corresponde a *B; em rwanda (JD61) Coupez *et al.* (2005: 2803) registram a correspondência de tom alto, *A. Nas duas línguas, os reflexos correspondem diretamente os tons do PB.

°-jùgìd- “fazer barulho confuso” > tema revisado °-jùgìdà 9/10, 12/13 “chocalho (de dança)”

O termo *enjôgera* (tooro) denomina “chocalho de dança” e reflete o tema (*-jùgèdà) > °-jùgìdà derivado da forma °-jùgìd- “fazer barulho confuso”. O presente estudo levantou alguns dados atestando o sentido específico “fazer barulho confuso”.

Tabela 198 - Reflexos de °-jùgìd- “fazer barulho confuso”

JD61	rwanda	-yogeer ⁹⁷	“faire un bruit confus”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 2804)
		-yugiir-	“bourdonner”	
JD62	rundi	kuyogera ⁹⁸	“faire sans cesse le même bruit”	(Rodegem 1970: 561)

⁹⁷ Sem marcação = tom baixo.

⁹⁸ Sem marcação = tom baixo.

A informação semântica registrada por Coupez *et al.* (2005: 2804) na língua rwanda sugere o sentido específico “fazer barulho confuso”. O mesmo autor indica também o termo *-yugiir-* significando “bourdonner” que não fica longe do sentido sugerido.

A C₁ é apresentada regularmente nas duas línguas através do processo /*j > y/. A C₂ também é refletida diretamente e identifica a oclusiva velar sonora. Para a vogal, na língua rwanda (JD61) há ocorrências de oposição entre /o/ e /u/. Portanto, sugere-se /*u/ de segundo grau de abertura, mesmo se em rundi (JD62) o autor indica /o/.

O padrão tonal inteiramente baixo é refletido diretamente nas duas línguas vizinhas, ex. *-còngud- (1a) > em rwanda (JD61) *-soongur-* “tailler en pointe” (Coupez *et al.* 2005: 2336), em rundi (JD62) *gusongora* “tailler en pointe” (Rodegem 1970: 448).

O BLR3 registra outro tema da mesma origem, *-jogud- (5) “fazer barulho confuso”, 7098, atestado nas zonas C e J. O mesmo é apresentado a seguir.

***-jogud- (5), 7098, “fazer barulho confuso”**

Outro tema na mesma origem é atestado pelo BLR3 indicando o mesmo sentido “fazer barulho confuso” nas zonas C e J. O presente estudo levantou alguns dados nas mesmas zonas (+ L) indicando reflexos que favorecem a V₁ /*u/ de segundo grau de abertura.

Tabela 199 - Reflexos do tema revisado °-jugud- “fazer barulho confuso”

C32	bangi	yòkólá	“make noise”	(Whitehead 1899: 400)
C35a	ntomba	yokola	“faire du bruit”	(Mamet 1955: 263)
C36d	lingala	-yokola	“faire du bruit”	(Dzokanga 2001: 349)
JD61	rwanda	-yógor-	“faire un bruit confus”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 2805)

JD62	rundi	kuyógora	“crier, parlet fort, brailleur”	(Rodegem 1970: 561)
L31a	ciluba	-yòkòlà	“faire du bruit, parler à haute voix”	(Kabuta 2008: 341)

No conjunto de dados, observa-se que as línguas de 7 vogais que correspondem a bangi (C32), ntomba (C35a) e lingala (C36d) não atestam a vogal /*o/ aberta. Nesse contexto, sugere-se /*u/ de segundo grau de abertura, favorecendo a revisão da forma (*-jogud-) > -jugud-. Os reflexos da C₁ são provenientes do processo /*j > y/, regularmente apresentado nas línguas da zona JD, rwanda (JD61) e rundi (JD62) e em bangi (C32) o reflexo corresponde a /*j > (y)/. As correspondências em ntomba (C35a) e lingala (C36d) podem ser explicadas a partir de influências vindas da língua vizinha bangi (C32), pois nestas línguas a consoante /*j/ corresponde a Ø. Em ciluba (L31a) o reflexo regular também corresponde a Ø, todavia, fica difícil saber de onde vem a realização em /y/. Em C₂, a maioria dos reflexos provém de /*g > k/, processo de ensurdecimento produtivo nas línguas da zona C; em ciluba (L31a) constata-se a mesma realização, quando o esperado seria o apagamento da consoante, proveniente de /*g > Ø/, contudo, a correspondência em /k/ pode ser explicada devido influências a partir das línguas vizinhas bushoong (C83) e wongo (C85). Nas duas línguas da zona JD, rwanda (JD61) e rundi (JD62) a oclusiva velar sonora apresenta reflexos diretos /*g > g/.

Quanto ao tom, os reflexos indicam divergências, ex. as línguas mencionadas na zona C, bangi (32) e ntomba (C35a) refletem diretamente tom baixo, enquanto as línguas das zonas JD e L favorecem tom alto.

3.1.15 °-nyég- “ser instável” > tema revisado °-nyégè cl. 11/10 “chocalho (esp.)”

O termo *orunyege* (nyoro) reflete o tema revisado °-nyégè, reconstruído em cl. 11/(10) para “chocalho”, atestado em algumas línguas da zona J e derivado da forma °-nyég- “ser instável”. Os reflexos para o verbo foram constatados em línguas pertencentes às zonas B, H e J.

Tabela 200 - Reflexos de °-nyég- “ser instável”

B43	punu	-nyéyiyə	“secouer, faire sauter”	(Blanchon 1995)
		-nyéyisə		
H16	kongo	nyèka	“balancer”	(Laman 1936: 814)
JE15	ganda	-nyegà	“make a sound”	(Snoxall 1967: 262)
JD52	haavu	-nyegez-	“chercher un prétexte pour pleurer (enfant)”	(Aramazani 1985: 243)

Os sentidos atestados indicam conceitos gerais para “ser instável”. Em kongo (H16) Laman (1936: 814) menciona o sentido “balancer”, no contexto, certamente se referindo à ação de agitação. Na língua ganda (JE15), o termo *-nyegà* é registrado para o sentido “fazer um som” (Snoxall 1967: 262), subentendido também como ação de movimento que, conseqüentemente, faz produzir um som.

A maioria dos dados mostra adição de extensão, ex. em punu (B43) *-nyéyiyə* e *-nyéyisə* indicam “faire sauter”; na língua haavu (JD52) *-nyegez-* quer dizer “chercher un prétexte pour pleurer (enfant)”, ambos provocando efeito causativo. Em rundi (JD62) Rodegem (1970: 297) registra *kunyíganga* se referindo a “agitar, oscilar”, nesse caso, a extensão adicionada *-ang-* não modifica o valor significativo.

A C₁ do tema, nasal palatal, é atestada diretamente em todos os dados mencionados. Os reflexos da C₂, oclusiva velar sonora, também são

apresentados diretamente em ganda (JE15), em haavu (JD52); em kongo (H16) constata-se o processo de ensurdecimento regular na língua, /*g > k/. O reflexo em /ɣ/ registrado em punu (B43), para a referida consoante, pode corresponder tanto a /*g/ quanto /*k/ e é proveniente do processo /*k, *g > ɣ/. A vogal anterior meio-fechada é privilegiada nos reflexos apresentados.

Quanto ao padrão tonal, há reflexos que indicam tom *A, ex. punu (B43) *-bík- (1) > *ubíɣə* “annoncer un décès” (Blanchon 1995); ganda (JE15) *-bík- (1) > *kù-bikà* “announce a death” (Snoxall 1967: 21).

Outro grupo de dados foi atestado para os sentidos “agitar, sacudir”, todavia, favorece a forma osculante °-nyɪk-, apresentada a seguir.

°-nyɪk- “agitar, sacudir”

Alguns reflexos identificados em línguas das zonas K, JD e L sugerem a forma osculante °-nyɪk- “agitar, sacudir”.

Tabela 201 - Reflexos de °-nyɪk- “agitar, sacudir”

K14	luvale	-nyika	“shake”	(Horton 1953: 239)
		-nyikisa	“cause to shake, shake”	
JD62	rundi	kunyíganga	“s'ébranler, osciller”	(Rodegem 1970: 297)
L31a	ciluba	-nyekela	“secouer, faire tomber em secouer”	(Kabuta 2008: 262)
L35	sanga	-nyekangil-	“avoir chaque scandé par le bruit, d'une charge secouée ; secouer”	(Coupez 1976: 49NY)
L52	lunda	nyekeka	“vb. deposit roughly on ground, push and make sit down”	(White 1957: 53)

No conjunto de dados, todas as línguas mostram a adição de extensões, às vezes, com efeito causativo, ex. em luvale *-nyikisa* para “cause to shake, shake”; com efeito intensivo, ex. *-nyekangil-* (combinação *-ang-* + *-il-*) designando “avoir chaque scandé par le bruit, d’une charge secouée; secouer”, subentendido como o alcance múltiplo da sacudida. Em ciluba (L31a) Kabuta (2008: 262) indica *-nyekele* sem modificação no sentido. Na língua lunda (L52) a fonte registra *nyekeka* para “vb. deposit roughly on ground, push and make sit down”; nesse caso, interpreta-se como uma forma de sacudir, logo, também sem modificação no sentido. Em luvale (K14) o autor registra um reflexo sem extensão, ex. *-nyika* indicando o sentido referente a “sacudir, agitar”.

A C₁ do tema apresenta reflexos diretos em todos os dados mencionados. Para a C₂, constata-se também reflexos diretos da oclusiva velar surda. Quanto à vogal, em luvale (K14) e rundi (JD62) atesta-se o reflexo em /i/ em oposição à ocorrência de /e/ nas outras línguas do agrupamento, logo, sugere-se /*i/ de segundo grau de abertura favorecendo °-nyik- também com base na atestação da forma reduplicada, apresentada a seguir.

As informações tonais registradas nas línguas rundi (JD62) e ciluba (L31a) e sanga (L35) são divergentes, ex. em rundi (JD62) o reflexo corresponde ao tom *A, *-bík- (1) > *kubíka* “annoncer un décès” (Rodegem 1970: 35); nas línguas da zona L, as correspondências, inversamente, indicam tom *B. Portanto, a forma osculante °-nyik- segue sem confirmar o padrão tonal *A.

O BLR3 registra a forma reduplicada *-nyéganyeg- para “ser instável” atestada na zona J. Alguns dados foram levantados na mesma zona indicando sacudir, agitar, mover, mexer favorecendo °-nyíganyig- “ser instável”.

***-nyéganyeg- (5), 8036, “ser instável” - forma revisada: °-nyíganyig- “ser instável”**

A forma reduplicada (*-nyéganyeg-) > °-nyíganyig- foi reconstruída designando “ser instável” com atestações na zona J. Concernente à forma, o presente estudo levantou três dados na mesma zona, indicando também os sentidos “sacudir, agitar”.

Tabela 202 - Reflexos da forma revisada °-nyíganyig- “ser instável”

JE13	nkore	kunyiganyiga	“shake”	(Taylor 1998: 186)
JD61	rwanda	-nyéganyeg-	“bouger, remuer, s’agiter”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 1677)
JD62	rundi	kunyiganyiga	“remuer, bouger, s’ébranler”	(Rodegem 1970: 297)
JD66	ha	nyiganyiga	“shake”	(van Sambeek s.d.: 91)

Em nkore (JE13) e kiga (JE14) Taylor (1959: 186) indica o sentido “shake” que corresponde em português “sacudir, agitar”. As duas línguas vizinhas, rwanda (JD61) e rundi (JD62), atestam o sentido reconstruído indicando efeito intensivo para o verbo reduplicado *-nyéganyeg- referindo-se a mover, mexer, sacudir.

A C₁ do tema, nasal palatal, é atestada diretamente nos dados mencionados. A C₂, oclusiva velar sonora, também é atestada diretamente em todas as línguas do agrupamento /*g > g/. Quanto à vogal, somente em rwanda (JD61) atesta-se a vogal reconstruída /e/, nas outras línguas os reflexos mostram /i/. Portanto, há a oposição entre /e/ e /i/ favorecendo a construção sugerida °-nyíganyig-.

O padrão tonal *A confirma-se em rwanda (JD61), ex. *-bík- (1) > -bík- “annoncer la mort de qqn.” (Coupez *et al.* 2005: 180), em rundi (JD62), ex. *-bík- (1) > *kubíka* “annoncer un décès” (Rodegem 1970: 35).

3.1.16 °-dénd-ɪd- “tocar, fazer ressoar os sinos” > tema revisado °-déndè cl. 3/4, (12/13) “pequeno sino (esp.)”

O nome *umuděnde* (rundi) designa “pequeno sino” em classes 3/4. O mesmo reflete o tema revisado °-déndè que deriva da proposta de forma °-dénd-ɪd- que designa “tocar, fazer ressoar os sinos”. O BLR3 registra a forma mais longa *-déndɪdɪd- (5) para “ressoar, tocar”, 7600, também atestada na zona J. Todavia, no levantamento dos dados, não identificou-se reflexos para a referida forma. A seguir, alguns exemplos de reflexos da forma °-dénd-ɪd- “tocar, fazer ressoar os sinos”.

Tabela 203 - Reflexos de °-dénd-ɪd- “tocar, fazer ressoar os sinos”

JD53	shi	óoku-deédeera	“tinter, résonner (cloche, grelot)”	(Polak-Bynon 1978: 26)
JD61	rwanda	-déender-	“résonner en tombant ou en heurtant”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 390)
JD62	rundi	kudêndera	“faire résonner les sonnailles”	(Rodegem 1970: 68)

Os sentidos mencionados indicam claramente a ação de produzir som do instrumento musical “sino”, o que não deixa existir dúvidas quanto à derivação do tema revisado °-déndè. Por ex. em rwanda (JD61), Coupez também registra o termo *-déendezo* cl. 3/4 designando “battement unique d’une clochette” (Coupez *et al.* 2005: 391). Em rundi (JD62) a construção *kudêndera* com adição do aplicativo -ɪd- provoca efeito causativo, ex. “faire résonner les sonnailles”. Nas outras línguas do agrupamento, a mesma extensão sufixal é atestada sem causar modificação no sentido.

A C₁, oclusiva alveolar sonora, apresenta-se em reflexos diretos nos três dados mencionados. A C₂, mesma identidade da C₁, porém, com pré-nasalizada,

também tem reflexos diretos /*nd > nd/. Para a vogal, as correspondências privilegiam a vogal anterior meio-fechada.

Quanto ao padrão tonal, os reflexos indicam tom alto, *A, para a proposta verbal °-déndúd-, ex. shi (JD53) *-jíg- (3) > *óokuyiíga* “apprendre, imiter” (Polak-Bynon 1978: 39); rwanda (JD61) *-díng (1) > *-zíing-* “enrouler” (Coupez *et al.* 2005: 2864), rundi (JD62); *-bímb- (1) > *kuvyîmba* “enfler” (Rodegem 1970: 553).

3.1.17 °-càng- “ser instável” > °-càngù cl. 7, 11/10 “chocalho (de adivinho)”

O termo *kisangu* (kimbundu) corresponde ao tema bantu °-càngù em cl. 7, 11/10. Alguns dados verbais atestados nas zonas C, H, L, M e R mostram reflexos da forma °-càng- designando o conceito geral “ser instável” que deriva referido o tema.

Tabela 204 - Reflexos de °-càng- “ser instável”

B42	sangu	tsàng	“mix”	(Idiata 199x)
		tsàngan	“become mixed”	
C44	boa	sàngú	“rebondir”	(Nkabuwakabili 1986: 183)
H16	kongo	sànga	“danser, sauter, bondir de joie, triompher, pousser des cris de joie, d’allegresse, de jubilation; pousser le cri de guerre, de combat; sauter et crier son nom de clan”	(Laman 1936: 874)
L52	lunda	sanga	“denotes action still continuing”	(White 1957: 60)

M42	bemba	-sangalala	“to be happy, contented”	(Fathers’ 1954: 656)
R11	umbundu	sangula	“chocalhar, agitar o chocalho”	(Le Guennec & Valente 1972: 111)

No agrupamento, os sentidos mostram o conceito de instabilidade, baseado nas indicações de “misturar”, “rebondir”, “danser, sauter, pousser des cris de joie”, “to be happy, contented”, “chocalhar, agitar o chocalho”. Em algumas línguas, os reflexos marcam adição de extensão. Ex. com efeito causativo: sangu (B42) *tsàngan* “tornar-se misturado” (Idiata 199x), bemba (M42) *-sangalala* (aplicativo *-al-* reduplicado) designando “ser feliz, contente”. Na língua umbundu (R11) atesta-se o reflexo *sangula* sem efeito no sentido, ex. “chocalhar, agitar o chocalho”.

Os reflexos da C₁, oclusiva palatal surda, na maioria das línguas do agrupamento, são regulares e provêm do processo /*c > s/. Na língua bemba (M42) a correspondência pode refletir tanto /*c/ quanto /*j/. Em sangu (B42) o reflexo se realiza em /ts/. Outra observação pode ser percebida em boa (C44), onde o reflexo regular da consoante seria em /h/; todavia, a realização em /s/ pode ser explicada devido influências de línguas vizinhas, ex. mbesa (C51) e soko (C52). A C₂, oclusiva velar sonora pré-nasalizada, é refletida diretamente em todos os dados mencionados /*ng > ng/. Para a vogal, todos os dados atestam a vogal de abertura máxima.

Existem poucas informações, porém, o reflexo na língua sangu (B42) favorece padrão *B, ex. *-bàd- (1) > *bàd* “count” (Idiata 199x), *-cèk- (1) > *tsèk* “laugh” (Idiata 199x).

3.1.18 °-bònd- “bater” > °-bòndà cl. 9/10, (8) “tambor duplo”

O termo *mbòndà* (ntomba) designa um tipo de tambor (duplo) e corresponde ao tema °-bòndà cl. 9, 9/10, 7/8. O referido tema é derivado da proposta de forma °-bònd- para “bater” com base no conceito da ação do modo de toque do instrumento. Os reflexos foram atestados em línguas das zonas C, H e L.

Tabela 205 - Reflexos de °-bònd- “bater”

C32	bangi	bòndá	“beat into a shapable mass”	(Whitehead 1899: 274)
C36d	lingala	-bunda	“se battre”	(Kawata 2003: 44)
		-bundana	“se battre”	
		-bundela	“se battre”	
		-bundisa	“pousser à se battre”	
H16	kongo	búnda	“frapper, frapper sourdement dans les mains”	(Laman 1936: 75)
		bundulula	“bater muitas vezes”	(Maia 1994: 74)
H16c	yombe	búúndá	“battre”	(De Grauwe 2009: 132)
H21	kimbundu	-bunda	“bater”	(Maia 1994: 73)
		-bunda	“dar pancadas”	(Maia 1994: 163)
H31	yaka	-búúndúká	“frapper (par une machette non tranchante)”	(Ruttenberg 2000: 258)
L11	pende	búndá	“frapper; toquer; faire le bruit en frappant, jouer (tambour)”	(Gusimana 1972: 11)
		búndísà	“faire frapper”	

No conjunto de dados, o sentido geral registrado indica “bater”. Nas três zonas destacadas, constata-se construções com adição de extensão. Por exemplo, com efeito causativo: lingala (C36d) *-bundisa* “pousser à se battre” (Kawata 2003: 44, em pende (L11) *búndísà* “faire frapper” (Gusimana 1972: 11); com efeito intensivo (reduplicação do sufixo -ul-): kongo (H16)

bundulula “bater muitas vezes” (Maia 1994: 74), caracterizando o modo de toque do tambor; sem efeito na modificação do sentido: yaka (H31) - *búúndúká* “frapper (par une machette non tranchante)” (Ruttenberg 2000: 258). Em pende (L11), a atestação da construção simples *búndá* revela o sentido específico “bater tambor” contribuindo para a ligação conceitual com o tema °-bùndà, baseada na ação de toque do instrumento.

Os reflexos da C₁, oclusiva bilabial sonora, são apresentados diretamente em todas as línguas mencionadas /*b > b/. Em kimbundu (H21) o processo regular esperado seria /*b > Ø/, todavia, a ocorrência em /b/ pode justificar-se devido influências das línguas vizinhas kongo (H16) e yaka (H31). Em C₂, constata-se reflexos diretos da oclusiva alveolar sonora pré-nasalizada em todos os dados do agrupamento. A vogal /*u/ de segundo grau de abertura justifica-se pela não atestação da vogal /o/ aberta em bangi e por não haver processo de fricativização.

Quanto ao padrão tonal, em bangi (C32), a fonte mostra reflexos que provém de *B, ex. *-cèng (1) > *sèngé* “cut out (wood)” (Whitehead 1899: 305). Todavia, em três línguas das zonas H e L constata-se correspondências de tom *A, ex. yombe (H16c) *-díng- (1) > *zíngá* “enrouler” (De Grauwe 2009: 146); yaka (H31) *-díng- (1) > *-zíngá* “enrouler” (Ruttenberg 2000: 244); pende (L11) *-díng- (1) > *zíngá* “tresser em tordant, entrelacer” (Gusimana 1972: 232).

3.1.19 *-kúb- (3), 1984, “bater, tocar inst. musical” > °-kúbudu cl. 3/4, (12/13) “tambour duplo”

O termo *mukupela* (chokwe) designa tambor e reflete o tema °-kúbudu cl. 3/4, (12/13) que provém da forma verbal *-kúb- (3), 1984, “bater”. Na mesma tendência de vários outros nomes designando instrumentos musicais nesta

família, a derivação do tema baseia-se na associação do modo de toque à ação de bater (tocar tambor). Abaixo, alguns dados da forma *-kúb-.

Tabela 206 - Reflexos de *-kúb- “bater, tocar inst. musical”

A24	duala	óbà	“ein Musikinstrument spielen”	(Dinkelacker 1914: 73)
H16	kongo	kúba	“tinter, sonner”	(Laman 1936: 321)
H21	kimbundu	-kuba	“bater com as mãos no chão”	(Maia 1994: 73)
JE15	ganda	kùkubà	“strike; beat. Player (of musical instrument)”	(Snoxall 1967: 157)
JD62	rundi	gukúbagura	“frapper”	(Rodegem 1970:242)
L31a	ciluba	-kùbula	“battre, frapper”	(Kabuta 2008: 145)
L33	kiluba	kúkùpílá	“frapper, donner des coups”	(Gillis 1981: 237)
L35	sanga	-kùbuk-	“battre fort (coeur)”	(Coupez 1976: 221K)
M31	nyakyusa	kuba	“beat a drum”	(Felberg 1996: 63)
M42	bemba	kúbatil-	“beat earth floor of house”	(Guthrie & Mann 1995: 39)

No conjunto de dados, a maioria dos sentidos se apresenta de forma geral com conceitos para “bater”. Todavia, em línguas das zonas A, JE e M constata-se o sentido específico “tocar um inst. musical”, ex. em duala (A24) “ein Musikinstrument spielen”, em ganda (JE15) “strike; beat. Player (of musical instrument)”, em nyakyusa (M31) (Felberg 1996: 63) menciona um sentido ligado diretamente ao tambor “beat a drum”.

Muitas construções se apresentam com adição de extensão, sem efeito de modificação no sentido, ex. em rundi (JD62) a combinação (-ag- + -ud-) *gukúbagura* para “frapper”, em bemba (M42) (-at- + -id-) *kúbatil-* “beat earth

floor of house”, em ciluba (L31a) *-kùbula* “battre, frapper”, em kiluba (L33) *kúkùpílá* “frapper, donner des coups”; porém, em sanga (L35) atesta-se a adição *-uk-* com efeito causativo *-kùbuk-* “battre fort (coeur)”.

Os reflexos da C₁, oclusiva velar surda, apresentam-se regularmente e diretamente em quase todos os dados do agrupamento, exceto em duala (A24), onde constata-se o apagamento da consoante, processo regular na língua proveniente de */*k(V) > Ø/*. Em C₂, a oclusiva bilabial sonora, também apresenta reflexos diretos em quase todos os dados, exceto em kiluba (L33), onde constata-se o ensurdecimento irregular, quando se espera o mesmo processo de reflexo direto atestado nas outras línguas. Para a vogal, */*u/* de segundo grau de abertura se confirma nos reflexos mencionados.

Quanto ao padrão tonal, a maioria dos reflexos indica e confirma o padrão *A, ex. ganda (JE15) **-bík-* (1) > *kù-bikà* “announce a death” (Snoxall 1967: 21), rundi (JD62) **-báb-* (1) > *kubába* “brûler en passant au fer” (Rodegem 1970: 19), bamba (M42) **-dómb-* (1) > *-lòmb-* “ask for” (Guthrie & Mann 1995: 116). Nas línguas da zona L, os reflexos são provenientes do processo de inversão, ex. ciluba (L31a) **-dómb-* (1) > *-lòmbá* “demander” (Kabuta 2008: 158), kiluba (L33) **-dómb-* (1) > *kúlòmbá* “demander” (Gillis 1981: 138), sanga (L35) **-dómb-* (1) > *-lòmb-* “demander” (Coupez 1976: 113L).

A forma **-kób-* “bater” deriva **-kúbit-* (3a), 1985, “bater”, zonas J e P. Para esta, o presente estudo levantou alguns dados que indicam semanticamente conceitos de “bater, dar um golpe”:

Tabela 207 - Reflexos de **-kúbit-* “bater, dar um golpe”

JD53	shi	<i>-kúbit-</i> <i>óokukubírha</i>	“battre des mains (ex. rythme)”	(Polak-Bynon 1978: 45)
JD61	rwanda	<i>-kúbit-</i>	“frapper; battre, asséner, donner un coup à”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 1390)

JD62	rundi	gukúbita	“frapper, porter un coup”	(Rodegem 1970: 242)
		gukúbitagura	“frapper à coups redoublés”	
P21	yao	-kúvítà	“thrash, beat”	(Ngunga 2001)

Nas línguas rrwanda (JD61) e rundi (JD62) os autores registram o sentido adicional “dar um golpe”. Em rundi (JD62) Rodegem (1970: 242) menciona também um reflexo atestando a combinação (-ag- + -ud-) com efeito de intensidade, *gukúbitagura* “frapper à coups redoublés”. Com base na indicação das fontes, sugere-se adição de sentido para incluir “dar um golpe”. Em shi (JD53), Polak-Bynon (1978: 45) menciona bater as mãos em ritmo.

Os reflexos da C₁ mostram correspondências diretas da oclusiva velar surda /*k > k/. Para a C₂, os dados mostram também reflexos diretos na maioria das línguas citadas, exceto em yao (P21), onde constata-se a fricativização. Pela regularidade da C₁, os reflexos privilegiam e confirmam /*u/ de segundo grau de abertura.

O tom *A da forma se confirma nas três línguas mencionadas, ex. *-bábud- (1a) > em rundi (JD62) *kubágura* “passer au feu” (Rodegem 1970: 20), em rrwanda (JD61) *-bábur-* “brûler superficiellement” (Coupez *et al.* 2005: 106), em yao (P21) *-vávúlà* “burn superficially” (Ngunga 2001).

3.1.20 *-dùm- (1), 1984, “rugir, rosar” > °-dùmù cl. 9/6 “tambor (esp.)”

O nome *ndùmù* designa “tambor” em cl. 9 e reflete o tema °-dùmù atestado em algumas línguas que correspondem às zonas A, B e C designando “tambor (esp.)” em classes 9, 9/6, 5, 6, 8. O referido tema é derivado da forma verbal reconstruída *-dùm- (1) “rugir, rosar”. Nesse contexto, levantou-se alguns dados representativos do verbo bastante difundido no domínio bantu.

Tabela 208 - Reflexos representativos de *-dùm- (1) “rugir, rosnar”

A24	duala	-lúm	“frapper”	(Dugast 1967:216)
A72a	ewondo	dum	“tonner, faire du bruit”	(Tsala s.d.: 128)
B42	sangu	lùm	“roar, rumble”	(Idiata 199x)
B43	punu	udũmǎ	“tonner, faire grand bruit, être célèbre”	(Blanchon 1995)
G42	swahili	vuma	“roar”	(Johnson 1950: 466)
H16	kongo	dùma (de dù ⁹⁹)	“tonner, retentir, craquer (coup de canon); gronder”	(Laman 1936: 133)
H16c	yombe	duúma	“gronder (pluie)”	(De Grauwe 2009: 154)
K11	chokwe	-vùma	“soar, ecoar, produzir som; trovejar, troar, ribombar, retumbar”	(Barbosa 1989: 663)
L31a	ciluba	vúma	“gronder, résonner, retentir; rugir, grogner”	(Kabuta 2008: 336)
L35	sanga	-vúm-	“résonner”	(Coupez 1976: 17V)
L41	kaonde	vumisha	“beat a drum”	(Woods 1924: 187)
L52	lunda	-vuma	“make deep resounding noise; rumble”	(White 1957: 75)
N31b	chewa	buma LL	“to make a humming noise, roar of a lion”	(Mtenje 2001)
S21	venda	-bvuma L	“roar”	(Murphy 1997)

No conjunto de dados, alguns sentidos mais gerais colaboram e sugerem a derivação de °-dùmù “tambor (esp.)”. Ex. em punu (B43), Blanchon (1995)

⁹⁹ dù significa “onomat. pour un bruit brusque” (Laman 1936: 130). A indicação semântica do autor também pode ser atestada em outra língua da zona H, ex. em yaka (H31), Ruttenberg (2000: 208) registra *mázu* cl. 6 designando “bruit (gén.)”. Na zona S, língua venda (S21), encontrou-se *bvù* (id.) “kick, dive into water” (van Warmelo 1989: 18). Nesse contexto, há indícios do verbo *-dùm- (1) “rugir, rosnar” ter origem ideofônica e intermediar a origem do tema °-dùmù com princípio semântico “barulho” que passa a designar “tambor”.

menciona além do sentido “tonner”, os sentidos “faire grand bruit, être célèbre”; neste contexto, os tambores também são tocados no intuito de celebrar algo. Em chokwe (K11) os sentidos registrados indicam “soar, ecoar, produzir som; trovejar, troar, ribombar, retumbar” (Barbosa 1989: 663). Nas zonas centrais, ciluba (L31a) e sanga (L35) atesta-se também o sentido “résonner”. Na língua kaonde (L41), Woods (1924: 187) menciona um sentido mais específico, mostrando a ligação direta do verbo com o nome, ex. a construção com extensão, *vumisha*, indicando “bater tambor”. Desse modo, a derivação do tema °-dùmù está ligada ao conceito básico “fazer barulho” que corresponde a uma tendência produtiva, atestada no presente estudo, para as famílias dos instrumentos idiofônicos e membranofônicos.

A protoforma é segura, portanto, não há necessidade de discussão quanto aos segmentos fônicos e tonalidade.

3.1.21 °-pùt- “absorver, aspirar, puxar, beber (com barulho)” > tema revisado °-pùtà cl. 9, 7, 5 “tambor de fricção”

O termo *kipwita* (kimbundu) designa “tambor de fricção” em algumas regiões do domínio bantu, compreendendo as zonas H, K, L e R, e provém do tema (*-puita) > °-pùtà. De acordo com a característica do som que produz, o referido tema é derivado do verbo °-pùt- “absorver, aspirar, tragar” pela associação do barulho da sucção com o som produzido através da ação de toque particular do instrumento.

A origem verbal do tema se baseia em três fatos, já mencionados no capítulo anterior; todavia, não será nada demasiado citá-los novamente: a) a indicação do termo *pwitá* em luvale (K14) designando tanto o nome do “tambor de fricção” quanto o som por ele produzido, ex. “id. denotes the sound of the reed drum” Horton (1953: 275); b) a menção de Gansemans (1980: 60) quanto à origem do nome do tambor *-pwita*: “O nome do instrumento deriva do verbo *kupwita*, que significa: beber fazendo barulho com a boca, sorver;

c) o reflexo atestado na língua umbundu (R11) *epwita* designando “batuque atravessado por uma vara de caniço, e que se toca com as mãos molhadas, para assim, produzir o som gutural” (Costa 2015: 164). Um som gutural significa “som rouco, grave ou profundo que provém da garganta” (Houaiss 2009). Nessa perspectiva, o presente estudo levantou alguns dados, precisamente em línguas da zona L (grupos 20, 30 e 50) descrevendo os conceitos “absorver, aspirar, puxar, beber (com barulho)”.

Tabela 209 - Reflexos de °-pùit- “absorver, aspirar, puxar, beber (com barulho)”

L23	songe	pwita	“humer”	(Oost 1990: 12)
L31a	ciluba	pwita ¹⁰⁰	“absorber, aspirer”	(Kabuta 2008: 286)
L33	kiluba	kúpwítá [kúɸwítá]	“humer, laper, boire dans la main, boire avec bruit”	(Gillis 1981: 268)
L35	sanga	-pwít- ¹⁰¹	“boire en aspirant bruyamment”	(Coupez 1976: 267P)
L52	hunda	-pwita	“vb. drink”	(White 1957: 58)
L53	ruund	-pwít	“to pull”	((Hoover 1975: P-7)

Os sentidos mencionados no agrupamento indicam conceitos de sucção (ato ou efeito de sugar, aspirar), essas ações envolvem um tipo de barulho em comum, atestadas em línguas vizinhas na região central do domínio bantu. Em songe (L23) a fonte registra o sentido “humer” indicando em português “cheirar” (aspirar pelo nariz). Em ciluba (L31a) Kabuta (2008: 286) registra o ato de absorver, aspirar, que tem a ver com o primeiro sentido mencionado. Em ruund (L53) a fonte anota o sentido “puxar”. Nas línguas kiluba (L33) e sanga (L35), os autores descrevem o verbo beber de forma barulhenta, ex. “boire avec bruit”, “boire en aspirant bruyamment”, ou seja, beber de forma barulhenta, em francês “siroter”. Nestas línguas, existe a ocorrência de outros reflexos denominando o verbo “beber” para outra forma, ex. *-tóm- (5) > em

¹⁰⁰ Sem marcação = tom alto.

¹⁰¹ Sem marcação = tom alto.

kiluba (L33) *kútómá* “boire, fumer, priser (tabac)” (Gillis 1981: 56), em sanga (L35) > *-tòm-* “boire (gén.)” (Coupez 1976: 176T). As atestações também se referem ao sentido “fumar”; logo, subentende-se que a maneira de beber, neste contexto, difere da forma barulhenta, atestada especificamente para °-pòt-. Em lunda (L52) White (1957: 58) anota “vb. drink”; provavelmente, o termo também seja empregado no mesmo contexto “beber fazendo barulho”.

A C₁, oclusiva bilabial surda, apresenta-se diretamente em todos os dados do agrupamento, com algumas observações, ex. em kiluba (L33) o reflexo é transcrito pelo autor de acordo com o processo regular /*p > φ/; a mesma correspondência seria esperada em songe (L23) e ciluba (L31a), todavia, as fontes não usam o mesmo critério de sinalização. Em lunda (L52), também atesta-se o reflexo em /p/ quando o esperado seria o processo /*p > h/; contudo, pode ser explicado devido influências vindas da língua sanga (L35), onde o processo /*p > p/ é regular. Para a C₂, oclusiva alveolar surda, todos os dados mostram regularmente reflexos diretos /*t > t/. Quanto às vogais, em V₁₁, os reflexos privilegiam /*u/ de segundo grau de abertura e em posição V₁₂, atesta-se também uma vogal de segundo grau de abertura /*i/.

As informações tonais atestadas em ciluba (L31a), kiluba (L33) e sanga (L35) favorecem o padrão *B, de acordo com o sistema de inversão, ex. ciluba (L31a) *-cèk- (1) > *seka* “rire” (Kabuta 2008: 294); kiluba (L33) *-bòd- (1) > *kúβólá* “pourrir” (Gillis 1981: 404), sanga (L35) *-cèk- (1) > *-sek-* “rire” (Coupez 1976: 91S).

3.1.22 *-kánd- (5) “bater, punir” > °-kándá cl. 3/4, 5/6 “tambor (esp.)”

De acordo com o levantamento de dados linguísticos, o nome *linkàndà* designa “tambor (esp.)” em cl. 5/6, especificamente nas línguas bangi (C32), digo (E73) e salampasu (L51); em outras línguas, há ocorrências do mesmo nome com prefixos de classes 3/4, ex. *mukanda* em kamba (E55). O termo

reflete o tema proposto °-kándá e, provavelmente, esteja ligado ao verbo reconstruído *-kánd- (5) “bater, punir”, atestado em algumas línguas das zonas H, L, M e S.

Tabela 210 - Reflexos de *-kánd- “bater, punir”

H12	vili	kand' (ku)	“frapper violemment”	(ILALOK 2008: 73)
H16	kongo	kánnda	“battre, frapper”	(Laman 1936: 211)
L35	sanga	-kánd-	“punir en frappant très fort”	(Coupez 1976: 36K)
M42	bemba	-kánd-	“punish (person)”	(Guthrie & Mann 1995: 32)
S42	zulu	khanda	“beat (to hammer with a stone), (to beat with a kerrie)”	(Doke <i>et al.</i> 1958: 378)

Apesar de não haver nenhuma indicação semântica específica referindo a bater o instrumento, considera-se o conceito geral “bater, punir” como forma de toque do tambor, justificado também pelos outros verbos encontrados indicando a mesma ação que deriva o nome do instrumento.

A C₁ do tema apresenta-se em correspondências diretas na maioria dos dados atestados /k > k/, exceto em zulu (S42), onde constata-se o reflexo em /kh/ resultante do processo regular na língua /k > kh/. A vogal de abertura máxima é evidente em todos os registros. Em C₂, todas as línguas mencionadas no agrupamento indicam diretamente a oclusiva alveolar sonora pré-nasalizada. Em kongo (H16), observa-se o dobramento da pré-nasalização.

O padrão tonal reconstruído, *A, baseia-se nos reflexos registrados nas línguas sanga (L35) e bemba (M42), ex. *-dómb- (1) > em sanga (L35) *-lòmb-* “demander” (Coupez 1976: 113L), em bemba (M42) *-lómb-* “ask for” (Guthrie & Mann 1995: 116).

3.1.23 °-cák- “bater as mãos, sacudir, agitar” > °-caka cl. 7/8, 12/13, 9/2, 5/6 “chocalho (esp.)” > °-cakacaka cl. 9/10, 12/13, 6 “chocalho (esp.)”

O nome *kisaka* (kimbundu) denomina “chocalho” em cl. 12/13 e reflete o tema °-caka. O mesmo está ligado à forma verbal com conceitos de “bater as mãos”, “sacudir”, “agitar”. Os reflexos para o verbo são atestados no lado ocidental do domínio bantu, compreendendo as zonas B, C, H, K, L e R. As correspondências favorecem a construção °-cák- designando “bater as mãos” em três línguas das zonas B, C e H e “sacudir, agitar” em dez línguas das zonas C, H, K, L e R.

Tabela 211 - Reflexos de °-cák- “bater as mãos”

B82	buma	nsak	“applaudissement, battement des mains au rythme de la danse” (v.)	(Bursens 1999)
C36d	lingala	-sáka	“applaudir”	(Kawata 2003: 241)
C71	tetela	nsáká ányá ¹⁰²	“secouer (les mains)”	(Hagendorens 1984: 270)
H10A	kituba	nsáki	“battre des mains”	(Swartenbroeckx 1973: 633)

As atestações estão distribuídas em três zonas (B, C, H) a partir das quais a forma se estende e passa a designar “sacudir, agitar” pela associação da relação movimento e som, obtido através da produção do aplauso. O dado mencionado em tetela (C71) mostra a relação direta indicando o termo *nsáká* tanto para ação “sacudir” quanto para a ação condicionada “sacudir as mãos” (*nsáká ánya*), compreendida como aplaudir, bater as mãos.

Em C₁, os reflexos da oclusiva palatal surda, provêm do processo regular /*c > s/, na maioria dos dados, com a retenção da nasal. Para a C₂, os reflexos

¹⁰² *anya* cl. 6 “mãos”, no singular *lonya* cl. 11 (Hagendorens 1984: 162).

apresentam-se diretamente através do processo /*k > k/, com algumas observações, ex. em buma (B82) e kituba (H10A), a realização em /k/ pode vir tanto de /*k/ quanto de /*g/; a ocorrência nas duas línguas da zona C, lingala (C36d) e tetela (C71) podem ser explicadas a partir de influências vindas das línguas vizinhas buma (B82) e songe (L23), respectivamente. Quanto à vogal, os reflexos mostram a vogal de abertura máxima.

Para os tons, os reflexos registrados em lingala (C36d) e tetela (C71) indicam correspondências diretas do padrão *A, ex. lingala (C36d) *-dób- (1) > -*lɔbo* “pêcher à la ligne” (Kawata 2003: 138), tetela (C71) *-bód- (1) > *mbólá* “briser (verre)” (Hagendorens 1984: 31).

Outros dados foram levantados referentes à forma °-cák- designando “sacudir, agitar”.

Tabela 212 - Reflexos de °-cák- designando “sacudir, agitar”

C71	tetela	sáká	“secouer”	(Hagendorens 1975: 348)
H12	vili	sak' (ku)	“secouer de l'eau dans un récipient fermé pour le rincer”	(ILALOK 2008: 162)
H16	kongo	sàka ¹⁰³	“secouer, agiter”	(Laman 1936: 864)
		sàkumuka	“(intens. de <i>sàka</i> , secouer, ébranler, frissonner, tressaillir, trembler, frémir”	(Laman 1936: 868)

¹⁰³ O mesmo autor registra *sà* exprimindo “onomat. pour le bruit d'un coup de pioche dans la terre” (Laman 1936: 861).

H21	kimbundu	saka	“chocalhar”	(Maia 1994: 114)
		-sakesa		
K21	lozi	kushakasha	“rattle, to”	(O’Sullivan 1993: 235)
K31	luyi	shakasha	“agiter”	(Jacottet 1901: 232)
K332	rumanyo	-shákara	“noise, make a”	(Möhlig 2005: 383)
L31a	ciluba	-sàka	“ébranler, secouer”	(Kabuta 2008: 288)
		-kàsa	“jouer d’instrument à percussion”	(Kabuta 2008: 131)
R11	umbundu	saka	“agitar”	(Le Guennec & Valente 1972: 25)
R31	herero	-ṣakaṣaka ¹⁰⁴	“stark zappeln, mit den Beinen hin- und herschlagen (wie ein Tier, das geschlachtet wird)”	(Brincker 1886: 271)

No agrupamento, Brincker (1886: 271) registra, na língua herero (R31), um reflexo da forma reduplicada, *-ṣakaṣaka* (com efeito intensivo), designando a ação de mexer vigorosamente chutando as pernas para frente e para trás (como um animal sendo abatido). Segundo Urban (2014), mudanças na semântica também podem ser baseadas na analogia; nesse contexto, a ação de “mexer rigorosamente” assemelha-se à ação de sacudir. Outros registros da forma parcialmente reduplicada são mencionados (sem efeito) em lozi (K21), *kushakasha*, designando “chocalhar” (O’Sullivan 1993: 235) e em luyi (K31) *shakasha* “agitar” (Jacottet 1901: 232). Na língua vili (H12) atesta-se o sentido “secouer de l’eau dans un récipient fermé pour le rincer”, ou seja, um reflexo da forma verbal é empregado para descrever a ação de agitar água num recipiente fechado para obter o enxágue. Neste cenário, uma forma verbal pode ser empregada a fim de adaptar conceitos semânticos simples que

¹⁰⁴ ṣ = θ (de acordo com o sistema de anotação do autor).

coincidem com ações mais gerais e/ou específicas envolvendo a base conceitual. Nesse contexto, Benveniste (1954) contribui e explica que a necessidade de usar contextos pode parecer um princípio de método demasiado óbvio para merecer ênfase. O autor também argumenta que, na reconstrução de um processo semântico, deve-se levar em conta os fatores que causam o nascimento de uma nova ideia de significado.

Construções com adição de extensões são atestadas com e sem efeito no valor significativo, ex. em punu (B43) Blanchon (1995) registra *usayísə* para agitar, sacudir”; em kongo (H16) Laman (1936: 868) anota *sàkumuka* (combinação -um- + -uk-) com efeito intensivo (já indicado pelo autor, a partir da forma simples *sàka*) significando múltiplas ações que se referem, em português, à “sacudir, arrepiar, vacilar, tremer”; em kimbundu (H21) atesta-se a construção *-sakesa* para o mesmo sentido da forma *saka* “chocalhar” (Maia 1994: 114). Um fato interessante atestado no agrupamento é o registro em ciluba (L31a) do reflexo *-kàsa* que contempla o fenômeno da metátese, designando “jouer d’instrument à percussion”. O mesmo caso de transposição das sílabas, também foi atestado, na mesma língua, para o tema derivado °-caka designando “hochet”.

Para a C₁, oclusiva palatal surda, os reflexos apresentam-se, na maioria dos dados mencionados, em /s/ correspondência regular que resulta do processo /*c > s/, exceto em lozi (K21), onde constata-se a realização em /ʃ/ que corresponde ao processo regular /*c > ʃ/; em luyi (K31) atesta-se o mesmo reflexo, todavia, na língua /*c > Ø/. A ocorrência de /ʃ/ pode ser justificada devido influências da língua vizinha lozi (K21). Em herero (R31), a consoante /s/ representa a dental /θ/, provavelmente, influência da língua ngandjera (R24), pois regularmente o processo corresponde a /*c > fi/. Para a C₂, os dados mostram o reflexo direto em /k/, proveniente do processo regular /*k > k/, exceto em lozi (K21), onde o esperado seria o reflexo regular resultante de /*k > h/. Contudo, a correspondência em /k/ pode ser justificada, devido

influências da língua vizinha luyi (K31). A vogal de abertura máxima é atestada em todos os dados do agrupamento.

Quanto às informações tonais, a língua tetela (C71) indica reflexo do padrão *A, conforme exemplo citado acima para o agrupamento do sentido “bater as mãos”. Em ciluba (L31a) o reflexo corresponde inversamente ao tom A, ex. *-dím- (1) > *-jìma* “éteindre” (Kabuta 2008: 114).

A referida forma deriva duas construções com adição de extensão, registradas no BLR3, *-cakid- (5) “bater as mãos” zona R (9629) e *-cákud- (5) “sacudir (esp.)” zona L (9637).

3.1.24 °-cék- “sacudir, agitar, ressoar” > °-céké cl. 3/4, 7/8, 11/10 “chocalho (esp.)” > °-cékécéké cl. 9, 7/8 “chocalho (esp.)”

O termo *cisekese* (mambwe) denomina em classe 7 o instrumento musical “chocalho (esp.)” e corresponde ao tema °-céké, o qual é derivado da forma verbal °-cék- atestada em algumas línguas das zonas JD, K, L e R designando conceitos de “sacudir, agitar, ressoar”. A associação está ligada diretamente ao modo de toque do instrumento percussivo.

Tabela 213 - Reflexos de °-cék- “sacudir, agitar, ressoar”

JD61	rwanda	-sékany-	“heurter deux choses l’une contre l’autre”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 2114)
		-séker-	“retentir, en parlant de bruits plus ou moins rythmés”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 2116)
JD62	rundi	gusékera	“retentir, résonner”	(Rodegem 1970: 405)
		gusékereza	“faire retentir en tel endroit, dans telles circonstances”	

		gusékana	“s’entrechoquer, se heurter (corps durs), se cogner”	
		gusékanira	“se heurter avec bruit, s’entrechoquer”	
K11	chokwe	-sèkula	“agitar ou sacudir”	(Barbosa 1989: 502)
K14	luvale	-sèkula	“toss up, shake (as diviner’s basket)”	(Horton 1953: 292)
L52	lunda	-sekula	“toss, shake up and down”	(White 1957: 61)
R11	umbundu	sekula	“agitar”	(Le Guennec & Valente 1972: 25)

Em rwanda (JD61) e rundi (JD62) atesta-se construções com a adição da extensão -id-, onde os sentidos referem-se à conceitos de “ressoar”. Coupez *et al.* (2005: 2116) descrevem a ação produzida e menciona o contexto de barulhos mais ou menos rítmicos. Rodegem (1970: 405) registra outra construção, com dupla adição de extensão sufixal, *gusékereza* (combinação das correspondências -er- + -ez-) com efeito causativo “faire retentir en tel endroit, dans telles circonstance”. Em rwanda (JD61) Coupez *et al.* (2005: 2114) registram o dado *-sékany-* e explica o sentido: “heurter deux choses l’une contre l’autre”; Rodegem (1970) também menciona sentidos no mesmo contexto para as construções *gusékana* “s’entrechoquer, se heurter (corps durs), se cogner”, *gusékanira* (combinação -an- + -id-) com efeito intensivo “se heurter avec bruit, s’entrechoquer”. Nas zonas K, L e R, a extensão -ud- é registrada em algumas construções (sem efeito), ex. em chokwe (K11) Barbosa (1989: 502) anota *-sèkula* designando “agitar ou sacudir”; em luvale (K14) *-sèkula* (conceituando a ação de agitar um objeto) “toss up, shake (as diviner’s basket)” (Horton 1953: 292); em lunda (L52) o autor mencionam *-sekula* para “toss, shake up and down”, ou seja, conceito de chacoalhar (White 1957: 61); em umbundu (R11) Le Guennec & Valente 1972: 25) registram

sekula para “agitar”. Dessa forma, observa-se que, nas línguas da zona JD, a construção com extensão sufixal *-id-*, que corresponde a *-seker-*, conceitua a ação de “ressoar”, enquanto que, nas línguas mencionadas nas zonas K, L e R, a construção com *-ud-*, *-sekul-*, conceitua as ações de “agitar, sacudir”.

Os reflexos da C₁, oclusiva palatal surda, correspondem ao processo regular /*c > s/, em todas as línguas mencionadas. Para a C₂, os dados mostram correspondências diretas da oclusiva velar surda, resultantes do processo regular /*k > k/. Para a vogal, as correspondências privilegiam /*e/ aberto, nesta série de línguas de vogais.

Quanto ao padrão tonal, os dados mencionados nas línguas da zona JD, rúndi (JD61) e rúndi (JD62), refletem tom alto, que correspondem ao processo (*A > A) ex. **-bík-* (1) em rúndi (JD61) > *-bík-* “annoncer la mort de qqn.” (Coupez *et al.* 2005: 180), em rúndi (JD62) > *kubíka* “annoncer un décès” (Rodegem 1970: 35).

3.2 Processo ideofônico

De acordo com Dingemanse (2019), os ideofones são, antes de mais nada, representações que nos convidam a experimentar uma sensação de iconicidade, semelhança percebida, mesmo quando há dificuldades em identificar correspondências estruturais precisas entre forma e significado.

O termo ideofone foi primeiramente mencionado por Doke (1935) que o define sendo uma representação vívida de uma ideia em som. Os ideofones representam a ideia real expressa num som, através de uma palavra, muitas vezes, onomatopaica que descreve um predicado qualificativo ou advérbio em relação à maneira, cor, cheiro, ação, estado ou intensidade.

Segundo Childs (1994), os ideofones são relativamente negligenciados e raramente são integrados nas descrições linguísticas. O autor explica que são

mais comuns na perspectiva africanista do que na linguística geral; logo, são propriedades das línguas africanas. No bantu do sul, alguns trabalhos foram desenvolvidos evidenciando os ideofones especificamente nas línguas shona (S10) e changana (S53). Nesse contexto, destaca-se os trabalhos desenvolvidos por Fortune (1962), Langa (2003) e Nhampoca (2021).

Fortune (1962) inicia seu trabalho descrevendo algumas características especiais dos ideofones em shona. Para o autor, a forma mais interessante de comparar um ideofone não é com o advérbio, mas com o verbo; desse modo, eles são usados em uma narrativa ou discurso em que, muitas vezes, o estilo vivo e vivacidade especial são requeridos, representando um domínio particular da arte da fala. Na língua shona, em geral, os ideofones aparecem em frases após um verbo introdutório. Existem muitos casos de ideofones ligados por processos de derivação.

Langa (2003) comenta que não há um momento especial reservado ao uso de ideofones e que, na língua changana, a utilização dos mesmos é normal em conversações do cotidiano. O autor discute alguns exemplos de ideofones verbalizáveis, ou seja, que dão origem a verbos que desempenham as mesmas funções morfológicas e obedecem a estrutura geral, apresentada em outros verbos fora do domínio; e outros não-verbalizáveis, justificando que, independentemente da mesma estrutura, estes apresentam comportamento diferente no processo da verbalização.

Nhampoca (2021) descreve alguns ideofones na língua changana considerando o princípio da marcação com base nas características apresentadas por Givón (2001): princípio meta-icônico, frequência e dependência do contexto. Para a autora, os ideofones são predicadores marcados que predicam em situações específicas, distintas do estado normal das coisas na língua, caracterizados pelos princípios givonianos.

Childs (1989) notabiliza que uma relação entre verbo e ideofone é mais evidente, comparado à outras classes de palavras como substantivos e adjetivos, tanto no plano formal quanto semântico. Segundo o teórico, os ideofones claramente adicionam uma dimensão extra de significado. Neste estudo, a pesquisa aprofunda-se e revela de onde vem alguns verbos, neste domínio, que tem relação direta com nomes de instrumentos musicais. Alguns temas resultam de processos ideofônicos, às vezes, verbalizados. Segundo Langa (2003: 61), em changana (S53), “[...] a verbalização é feita através de verbalizadores que são quaisquer materiais linguísticos com finalidade de transformar os ideofones em verbos”.

O presente estudo coloca em evidência algumas construções ideofônicas, que dão origens à alguns temas, intermediados por um verbo, que transmite o mesmo conceito semântico percebido na construção monossilábica ideofônica, designando instrumentos musicais nas famílias aerofônica e idiofônica. Abaixo, apresenta-se algumas propostas de estrutura CV e CVV que dão origem a novas construções marcadas pelos morfemas verbalizadores (-**d**-, -**t**-, -**ng**-) as quais serão discutidas a seguir.

- a) °-pí “id. som do assobio, suspiro” > °-píó cl. 10 “id. som do assobio, apito” > °-píó**d**- “assobiar, apitar” > °-píó**d**ó cl. cl. 3, 7/8, 12/13 “apito”
- b) °-gu “id. barulho de batida” > °-gú**d**- “bater, retumbar” > °-gú**d**ó cl. 7/8, 3/4, 11, 9 “tambor de fenda”
- c) °-kui “id. amarração, puxada (de corda)” > °-kù**t**- “esfregar” > °-kù**t**à cl. 7/8, 3/4, (9/10) “tambor de fricção”
- d) °-du “id. barulho de pancada” > °-dù**ng**- “bater, dar pancada” > °-dù**ng**ò cl. 5/6, 9/10, (9/6) “tambor troncônico alongado”

Outro exemplo de construção ideofônica, porém, sem identificação de verbo: °-gé “id. barulho de sino” > °-gédé cl. 9, 7/8 “pequeno sino”.

3.2.1 °-pí cl. 7 “id. som de assobio, suspiro” > °-píé cl. 7 “id. som do assobio”/ °-píó cl. 10 “id. som do assobio, apito” > °-píód- “assobiar, apitar” > °-píódó cl. 3, 7/8, 12/13 “apito” > cl. 9/10 “flauta”

°-pí cl. 7 > “id. som de assobio, suspiro” > °-píé cl. 7 “id. som do assobio”
> *-pìèdèdè (5), 5901, cl. 7/8, 12/13 “assobio (sinal)”

> °-píó cl. 10 “id. som do assobio, apito” > °-píód- “assobiar, apitar” > °-píódó cl. 3, 7/8, 12/13 “apito” > cl. 9/10 “flauta”/ °-píódódó cl. 9a/10a, 12/13, 7/8 “assobio (sinal)” > cl. 12/13 “apito” > cl. (9a/10a), 12/13 “flauta”

°-pí cl. 7 “id. som de assobio, suspiro” > °-píé cl. 7 “id. som do assobio”
> *-pìèdèdè (5) cl. 7/8, 12/13 “assobio (sinal)”

O termo *akapyelele* (bemba) designa em cl. 12 “assobio” e reflete o tema *-pìèdèdè. O referido tema provém de origem ideofônica (com característica onomatopaica), °-pí cl. 7 “id. barulho de assobio, suspiro”. Segundo Childs (1994) a onomatopeia claramente desempenha um papel importante na composição de muitos ideofones. Nesse contexto, a origem onomatopaica está relacionada ao estreito sentido de “assobio e/ou suspiro humano”. O ideofone onomatopaico é atestado em algumas línguas que compreendem as zonas H, K e L.

Tabela 214 - Reflexos de °-pí cl. 7 “id. barulho de assobio, suspiro”

H16	kongo	vi ¹⁰⁵	cl.	“onomat. pour le bruit du sifflement”	(Laman 1936: 1062)
JD61	rwanda	pií	cl.	“ido. Imite um bruit de coup; pan!”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 1799)
K11	chokwe	hì	cl.	“ideóf. exprime o som de suspiro”	(Barbosa 1989: 99)
K14	luvale	hī	cl.	“denotes the sound of a sigh, hence, relief and relaxation”	(Horton 1953: 52)
L35	sanga	pí	cl. 7	“ido. désigne bruit de klaxon”	(Coupez 1976: 260P)
L52	lunda	hii	cl.	“denotes a sigh”	(White 1957: 23)

O conjunto de dados atesta conceitos onomatopaicos designando o sentido ideofônico “barulho de assobio, suspiro”. Em kongo (H16), Laman (1936: 1062) menciona *vi* e indica onomatopeia para o barulho do assobio. Nas outras línguas das zonas K e L, os autores registram conceitos que denotam o som do suspiro.

A consoante oclusiva bilabial surda é atestada regularmente e resulta do processo /*p > h/, em chokwe (K11), luvale (K14) e lunda (L52); em kongo (H16) constata-se a correspondência em /v/ (que designa v bilabial); em sanga (L35) constata-se o reflexo direto resultante do processo /*p > p/. Quanto à vogal, em lunda (L52) constata-se o alongamento vocálico pertinente; todavia, nesse caso, trata-se de um alongamento expressivo comum aos ideofones, em que o prolongamento representa a ação ou estado prolongado ou repetido (Childs 1994). Nesse contexto, a maioria dos reflexos privilegia /*i/ de segundo grau de abertura, por não haver ocorrência do processo da fricativização.

¹⁰⁵ v = v bilabial (sistema adotado pelo autor).

Quanto aos tons registrados, na língua sanga (L35) constata-se reflexo alto, que, pelo sistema de inversão, corresponde a tom baixo; todavia, como trata-se de princípio ideofônico (onomatopaico) o sistema não será considerado. Portanto, sugere-se tom *A para a construção °-pí.

O tema °-pí cl. 7 “id. barulho de assobio, suspiro” deriva em mesma classe a construção (CVV) °-píé expressando “id. som do assobio”. Alguns reflexos foram atestados em línguas pertencentes às zonas H, K e L.

Tabela 215 - Reflexos de °-píé “id. som do assobio, apito”

H16	kongo	fyé	cl.	“onomat. pour le bruit avec la bouche, les lèvres (en mangeant, en suçant, en baisant)”	(Laman 1936: 147)
K11	chokwe	pyé	cl.	“ideóf. exprime o som de assobio (ou semelhante)”	(Barbosa 1989: 469)
L35	sanga	pyé	cl. 7	“ido. désigne le bruit d’un sifflet de type européen, utilisé comme signal (appel, départ, etc.)”	(Coupez 1976: 271F)

Fora do bantu (Ijoïde), atestou-se um dado designando “som”, ex. em izon (Ijo) *fě* “sound” (Williamson & Timitimi 1983: 58).

As três línguas mencionadas no agrupamento indicam conceitos na qualidade ideofônica/onomatopaica. Em kongo (H16) Laman (1936: 147) menciona o termo *fyé* indicando “onomat. pour le bruit avec la bouche, les lèvres” fazendo referência ao som do assobio. Em chokwe (K11) *pyé* é mencionado designando o som do assobio propriamente, ou semelhante. Na língua sanga (L35) Coupez (1976: 271) descreve, em cl. 7, o sentido “barulho feito por um instrumento imitando um sinal (assobio)”.

A C₁ do tema, oclusiva bilabial surda, é refletida diretamente em sanga (L35) proveniente do processo /*p > p/. O mesmo reflexo é constatado em chokwe (K11), justificado por influências vindas das línguas vizinhas umbundu (R11) e kimbundu (H21), pois, na língua, a consoante se realiza regularmente em /h/. Em kongo (H16) constata-se a realização na fricativa labiodental que influencia diretamente na vogal, todavia, o processo de fricativização não é atestado nas outras línguas (de 5 vogais). Logo, propõe-se /*i/ de segundo grau de abertura, baseado também na origem do tema, onde o mesmo autor registra *vi* para “onomat. pour le bruit du sifflement” (Laman 1936: 1062).

Quanto à tonicidade, na mesma perspectiva do princípio °-pí, a língua sanga (L35) registra tom alto que será a base da proposta de padrão *A, desconsiderando o sistema invertido (o qual foi aplicado ao nome derivado combinando com as outras atestações).

O ideofone identificado passa por dois estágios: 1) a construção curta -CV exprimindo o “barulho do assobio, do suspiro”, compreendendo um som mais breve; 2) a construção -CVV exprimindo o som do assobio de forma mais intensa. Childs (1994) enfatiza que, na maioria dos casos, os ideofones desempenham uma função adverbial e estão intimamente ligados aos verbos. Segundo o autor, os mesmos possuem a característica sintática de, frequentemente, serem introduzidos por um verbo fictício.

Nesse contexto, destaca-se outro desenvolvimento, a partir do mesmo princípio, atestando outra derivação, nos dois estágios, que mostra o ideofone verbalizado, ou seja, transformado em verbo que deriva o nome do instrumento musical.

°-pí cl. 7 “id. barulho de assobio, suspiro” > °-píó cl. 10 “id. som do assobio, apito” > °-píód- “assobiar, apitar” > °-píódó cl. 3, 7/8, 12/13 “apito” > cl. 9/10 “flauta”/ °-píódódó cl. 9a/10a, 12/13, 7/8 “assobio (sinal)” > cl. 12/13 “apito” > cl. (9a/10a), 12/13 “flauta”

O termo *phyóolo* (yombe) designa “flauta” em cl. 9/10 e corresponde à proposta de tema °-píódó. A proposta de tema °-píódódó foi reconstruída em classes 12/13, (9/2) para “apito”; cl. 9a/10a, 12/13, 7/8 “assobio” e cl. 9a/10a, 12/13 “flauta”. O referido tema é derivado da proposta mais curta °-píódó cl. 3, 12/13, 7/8 “apito”, cl. 9/10 “flauta”. Ambos também provêm do tema ideofônico (onomatopaico) °-pí “id. som de assobio, suspiro”, apresentado acima, no processo de derivação de (*-pìèdèdè). O princípio °-pí deriva outra construção (CVV) °-píó “id. som do assobio, apito” atestado de norte a sul do domínio bantu em algumas línguas que compreendem as zonas B, H, K, L, M e S.

Tabela 216 - Reflexos de °-píó “id. som do assobio, apito”

B301	geviya	pyó	cl.	“d’un seul coup (idéophone)”	(Van der Veen & Bodinga 2002: 392)
H16	kongo	fyó	cl.	“onomat. pour le bruit fait avec la bouche, les lèvres (en mangeant, en suçant, en baisant)”	(Laman 1936: 147)
H41	mbala	pyo ou pyoo	cl.	“idéophone, idée de profondeur”	(Lecomte 1956: 158)
JD61	rwanda	pyo		“ido. Imiter le bruit d’une action rapide”	(Coupez <i>et al.</i> 2005: 1812)
K11	chokwe	pyó	cl.	“idéof. exprime o som do assobio	(Barbosa 1989: 469)

				(mais forte do que pyé)”	
L35	sanga	pyó	cl. 10	“désigne un cri prolongé”	(Coupez 1976: 273P)
M42	bemba	fyooo	cl.	“ideo. whistling”	(Van Sambeek 1955: 97)
S53	tsonga	pyó- pyó	cl.	“(id) whistle, as train”	(Cuenod 1976: 172)

No agrupamento de dados, constata-se a indicação dos sentidos “som do assobio” e “som do apito”. Em chokwe (K11), Barbosa (1989: 469) registra *pyó* exprimindo o som do assobio, sendo como mais forte que *pyé*. Na língua tsonga (S53) o autor anota a construção reduplicada, *pyó-pyó*, para “id. apito, como trem”, ou seja, a reduplicação com efeito de intensidade (expressando som contínuo). Em sanga (L35), Coupez (1976: 273P) menciona o sentido “grito prolongado”. Em bemba (M42) e mbala (H41) os autores anotam a forma com alongamento expressivo, representado o estado prolongado, ex. “idée de profondeur” (Lecomte 1956: 158), “whistling” (Van Sambeek 1955: 97).

A consoante oclusiva bilabial surda, é apresentada diretamente em quase todos os dados mencionados, com algumas observações: i) em sanga (L35) o reflexo provém regularmente do processo $/*p > p/$; ii) em mbala (H41), chokwe (K11) e tsonga (S53), a correspondência regular corresponderia no resultado do processo $/*p > h/$; todavia, a realização em $/p/$ pode ser justificada devido influências vindas de línguas vizinhas, ex. para mbala (H41), na língua vizinha yans (B85) $/*p > p/$; para chokwe (K11), a influência pode vir de duas línguas vizinhas, kimbundu (H21) $/*p > p/$ e/ou umbundu (R11) onde $/*p, *mp > p/$; tsonga (S53) pode ter sofrido influências a partir de shona (S10) $/*p > p/$. Para as vogais, em V_{11} os reflexos privilegiam $/*i/$ de segundo grau de abertura, em V_{12} os dados refletem a vogal $/*o/$ aberta. Em mbala (H41) e bemba (M42) o alongamento vocálico; nesse contexto, de acordo com Childs (1994), corresponde ao prolongamento que representa o estado prolongado (alongamento expressivo

comum aos ideofones). Para Fortune (1962) essas alterações que configuram repetições são decorrentes de estresse (recurso expressivo) que aparecem, principalmente, nas formas com características onomatopaicas e imitativas.

Quanto aos tons, as informações em sanga (L35), tsonga (S53) e geviya (B301), favorecem o padrão *A, ex. em sanga (L35), o processo de construção verbal também desconsidera o sistema de inversão, dessa forma combinando com as outras ocorrências; em tsonga (S53) um exemplo mostrando a base alta: *-kúmú (1a) > *mfúmó* “authority” (Cuenod 1976: 264).

O tema ideofônico °-píó “id. som do assobio, apito” deriva a forma verbal °-píód- reconstruída para os sentidos “assobiar, apitar”. Segundo Langa (2003: 61), “a verbalização é feita através de verbalizadores que são quaisquer materiais linguísticos com finalidade de transformar os ideofones em verbos”. Nesse contexto, a verbalização se faz através do acréscimo da oclusiva alveolar sonora. Abaixo, algumas atestações, distribuídas em algumas línguas pertencentes às zonas A, K e L:

Tabela 217 - Reflexos de °-píód- “assobiar, apitar”

A75	fang	fyor (h)	“faire du bruit avec les lèvres”	(Galley 1964: 430)
A91	kwakum	fyóóló	“siffler”	(Belliard 2005: 182)
K21	lozi	kupyolola	“blow to (a whistle)”	(O’Sullivan 1993: 28)
L35	sanga	-pyól-	“siffler”	(Coupez 1976: 273P)

Em lozi (K21) constata-se a construção com a extensão /-ud-/ com efeito condicionante “soprar um apito” (O’Sullivan 1993: 28); a descrição do autor mostra que a ação não se restringe ao assobio produzido na boca, como bem descreve Galley (1964: 430) em fang (A75).

A C₁ reconstruída, oclusiva bilabial surda, é refletida diretamente em sanga (L35) /*p > p/; em lozi (K21) constata-se a mesma realização da consoante, quando, na língua, regularmente o processo corresponde a /*p > f/. Todavia,

o reflexo em /p/ pode ser explicado devido influências da língua vizinha kwangali (K33), onde o processo também corresponde ao reflexo direto. Em kwakum (A91) atesta-se o reflexo regular proveniente do processo /*p > f/. Em fang (A75) a correspondência resulta do processo /*p(VV) > f/. Concernente à C₂, os reflexos são regulares em quase todos os dados mencionados e provém do processo de lateralização /*d > l/, exceto na língua fang (A75), onde constata-se a ocorrência irregular em /r/, quando se espera a realização em /y/, através do processo regular /*d > y/; desse modo, fica difícil saber de onde vem o reflexo irregular. Quanto às vogais reconstruídas, em posição V₁₂ é pertinente /*i/ de segundo grau de abertura diante dos reflexos regulares da C₁. Em posição V₁₂, os dados mostram correspondências da vogal posterior meio-fechada. O alongamento atestado em kwakum (A91) é justificado devido o prolongamento representado pela ação (alongamento expressivo ou reduplicação ilimitada comum aos ideofones) (Childs 1994).

Quanto aos reflexos tonais, em kwakum (A91) o autor registra correspondência para o padrão *A, ex. *-tím- (1) > *tím* “creuser” (Belliard s.d.: 26). Em sanga (L35) Coupez (1976: 273P) anota reflexo alto que, pelo processo de inversão, corresponde a *B. Todavia, nesse caso, não será considerado o processo de inversão, por se tratar de um verbo com princípio ideofônico (onomatopaico). Outro fator importante a ser levado em conta é a atestação, na mesma língua, do tom alto para o princípio °-pí. Todavia, o sistema de inversão foi considerado nos nomes derivados.

3.2.2 °-gé cl. 9 “id. barulho de sino” > °-gédé cl. 9, 7/8 “pequeno sino” > °-gédégédé cl. 7/8, (9), (5/6), (12/13) “pequeno sino”

°-gé cl. 9 “id. barulho de sino” > °-gédé cl. 9, 7/8 “pequeno sino” > (*-gèngédé (4), 1365 ps 212, cl. 9/10, 5/6, 7/8 “pequeno sino”/ *-kéngélé (5), 1779 ps 293, cl. 9/10, (9/6) “pequeno sino”) > °-gédégédé cl. 7/8, (9), (5/6), (12/13) “pequeno sino”

O nome *ngélélé* (mongo) designa “sino pequeno” em cl. 9 e reflete o tema °-gédé que deriva a construção parcialmente reduplicada *-gèngédé cl. 9/10, 5/6, 7/8 / ~ *-kéngélé cl. 9/10, 9/6, (5) e a forma totalmente reduplicada °-gédégédé cl. 5/6, 7/8, 12/13, 9. Os referidos temas provêm de origem ideofônica (onomatopaica), °-gé cl. 9 “id. barulho de sino”. Os reflexos para o tema monossilábico foram atestados, principalmente na região noroeste do domínio bantu, em línguas pertencentes às zonas A, B, C, H e L.

Tabela 218 - Reflexos de °-gé “id. barulho de sino”

A75	fang	ñge (h), pl. beñge	cl. <u>9/8</u> ?	“son à peine perceptible qui vient de loin”	(Galley 1964: 276)
B63	ndumu	ngengenge	cl. <u>9</u>	“cliquetis”	(Biton 1969: 345)
C36d	lingala	ngεε	cl. <u>9</u>	“son de cloche, de clochette, de sonnette”	(Kawata 2003: 211)
C61	mongo	ngεε	cl. <u>9</u>	“(onom.) bruit d’un coup sur le metal, plus doux et plus grave que ngéé”	(Hulstaert 1957: 1420)
		ngééé	cl. <u>9</u>	“une sonnette qui sonne”	
C71	tetela	ngé	cl. <u>9</u>	“bruit (sec, sur métal)”	(Hagendorens 1984: 32)

H11	kibembe	ngéé	cl. 9	“golpe do sino”	(Maniacky, com. pessoal)
H16	kongo	ngé-ngé	cl. 9	“onomat. pour le bruit d’une cloche ou clochette”	(Laman 1936: 687)
L11	pende	ngé	cl. 9	“avec tintement”	(Gusimana 1972: 150)
S10	shona	ngé	cl.	“ideo of Metal”	(Hannan 1974: 452)

Em ciluba (L31a) Kabuta (2008: 127) registra um reflexo reduplicado do tema, *kangênge* cl. 12/13, designando o instrumento “clochette”.

No agrupamento, Galley (1964: 276) registra na língua fang (A75) *ñge, beñge* indicando ressonância de algo, ex. “son à peine perceptible qui vient de loin”. Em três línguas das zonas C e L, constata-se sentidos referentes à ressonância de metal, ex. em mongo (C61) “(onom.) bruit d’un coup sur le metal...”, em tetela (C71) “bruit (sec, sur métal)”, em pende (L11) “avec tintement”. A indicação de ideofone é mencionada em mongo (C61), onde Hulstaert (1957: 1420) registra o termo *ngεε* exprimindo “(onom.) bruit d’un coup sur le metal, plus doux et plus grave que ngéé” e em kongo (H16) com a atestação do reflexo reduplicado (destacado pela inserção do hífen), *ngé-ngé* (com efeito intensivo), designando “onomat. pour le bruit d’une cloche ou clochette”. Na língua ndumu (B63) Biton (1969: 345) registra a triplicação do tema, *ngengenge* exprimindo “cliquetis”, ou seja, indicando efeito de intensidade, som prolongado. O alongamento expressivo indicando o estado prolongado ou repetido (comum aos ideofones) é atestado também em lingala (C36), mongo (C61) e kibembe (H11). O estresse é fortemente marcado nas formas que refletem o tema, em quase todas as línguas mencionadas no agrupamento, às vezes em maior grau, o que configura recurso expressivo, referente aos ideofones onomatopaicos e imitativos (Fortune (1962). O presente estudo não identificou dados refletindo a verbalização do ideofone, como no caso de °-píó > °-píód-.

A estrutura monossilábica do tema é constituída pela consoante /*g/ com a integração da nasal de classe 9, atestada diretamente em todos os dados apresentados, mais a vogal sugerida /*e/ aberta, constatada nas três línguas da zona C, mencionadas no agrupamento.

Quanto ao tom, a proposta do padrão *A baseia-se nas informações registradas em kibembe (H11) indicando o reflexo direto (Maniacky, com. pessoal) e nas línguas tetela (C71) e pende (L11). Para as duas últimas, seguem exemplos mostrando a base alta: tetela (C71) *-cíndí (1) > *eséndé* “écureuil” (Hagendorens 1984: 89); pende (L11) *-kúdú (1) > *kúlú* “ancien, vieux” (Gusimana 1972: 81).

3.2.3 °-du cl. 9 “id. barulho de pancada” > °-dòng- “bater, dar pancada” > tema revisado °-dòngù cl. 9/10, (9/6) “tambor troncônico alongado”

O nome *ndùngù* (nzebi) designa “tambor troncônico alongado” e reflete o tema revisado °-dòngù. O referido tema é derivado de uma construção ideofônica com verbo intermediário. O presente estudo levantou alguns dados verbais que indicam conceitos para os sentidos “bater, dar pancada”. Os reflexos podem ser percebidos em algumas línguas pertencentes às zonas A, B, JE e K.

Tabela 219 - Reflexos de °-dòng- “bater, dar pancada”

A832	bikele	duŋə	“noise, to make”	(Begne 1980: 136)
B43	punu	udungílə	“résonner, sonner creux”	(Blanchon 1995)
JE11	nyoro	koronga	“beat”	(Davis 1952: 196)
K11	chokwe	ndungula	“dar pancada ou choque (que soe ndungu)”	(Barbosa 1989: 352)

Os dados indicam conceitos das ações “bater, dar pancada”. Em duas línguas do agrupamento, constatam-se construções com adição de extensão, ex. em punu (B43) Blanchon (1995) registra *udungílə* (sem modificação no sentido),

ex. “résonner, sonner creux”; em chokwe (K11) Barbosa (1989: 352) anota *ndungula* (com efeito causativo) “dar pancada ou choque (que soe ndungu)”. A C₁, oclusiva alveolar sonora, apresenta-se diretamente em bikele (A832), punu (B43) e em chokwe (K11) (com a retenção da nasal). Em nyoro (JE11) atesta-se o reflexo em /r/ proveniente do processo regular na língua /*d > r/ (vibrantização). A C₂, oclusiva velar sonora pré-nasalizada, apresenta reflexos diretos em quase todos os dados mencionados /*ng > ng/, exceto em bikele (A832), onde constata-se o processo de redução do complexo nasal /*ng > ŋ/, justificado pela aplicação da regra de Meinhof (Stappers s.d.: 21). Para a vogal, sugere-se /*u/ de segundo grau de abertura baseado na posição entre /o/ e /u/ nas línguas de 5 e 7 vogais.

Quanto ao tom, o reflexo registrado em punu (B43) sugere o padrão *B, ex. *-bòd- (1) > *ubotíyə* “pourrir”.

O verbo °-dùng- origina o tema revisado °-dùngù em cl. 7/8, 3/4, 12/13 designando o sentido inicial “barulho de pancada” que deriva em cl. 5/6, 9/10, 9/6, (3), (4), (7) “tambor troncônico alongado”. A constatação do primeiro sentido, ligado diretamente ao verbo, pelo conceito básico “fazer barulho”, motivou a busca pelo elemento gerador do contexto. Em chokwe (K11) Barbosa (1989: 352) registra o reflexo *ndungu* designando “ideóf. exprime ‘pancada ou choque’ que ressoa”; a indicação do ideofone também é mencionada no reflexo do verbo, ex. na mesma língua, Barbosa (1989: 352) anota *ndungula* para “dar pancada ou choque (que soe ndungu)”. O termo *ndungu* é explicado pelo autor como tipo de pancada ou choque. Em luvale (K14) o termo *-lúngulùngu* cl. 12/13 designa “of the rhythmic beating of a drum” (Horton 1953: 174). As indicações semânticas ligadas ao nome e ao verbo, mencionadas nas línguas da zona K, chokwe (K11) e luvale (K14), motivaram a busca pelo ideofone (substantivo) que origina todo o contexto envolvendo o nome do instrumento musical “tambor troncônico alongado”. Na zona K e nas zonas vizinhas H e L atestou-se um grupo de reflexos para o tema monossilábico °-du designando “id. barulho de pancada”.

Tabela 220 - Reflexos de °-du “id. barulho de pancada”

D23	komo	nduu	cl.	“noise”	(Thomas 2014: 141)
H16	kongo	ndú	cl. 9	“onomat. pour le bruit de qqch qu’on déchire, qu’on brise ou casse”	(Laman 1936: 673)
H21	kimbundu	ndundu	cl. 9	“pancada”	(Maia 1994: 461)
K11	chokwe	ndú	cl. 9	“ideóf. Exprime ‘pancada, choque ou baque surdo, cavo’ (como de paulada, soco, patada, passo, etc.)”	(Barbosa 1989: 349)
K14	luvale	ndú	cl. 9	“Denotes a thudding, thumping or heavy plopping noise”	(Horton 1953: 210)
L52	lunda	ndu	cl. 9	“ideoph. of thudding noise”	(White 1957: 47)
L53	ruund	ndu	cl. 9	“(onomat.) the gun went off with a bang !”	(Nash 1996)

O contexto mostra a estrutura monossilábica do ideofone apresentando em kimbundu (H21) a ocorrência reduplicada e, em algumas línguas, a marcação de tom alto. Os sentidos mencionados refletem conceitos indicando tipo de “barulho de pancada”. Segundo Childs (1994), os ideofones não possuem características únicas nem qualidades diferentes das outras categorias de palavras; todavia, eles têm maior dependência de universais e menor dependência de convenções específicas da linguagem.

No conjunto de dados, os termos exprimem não um som geral, contínuo, mas um tipo de choque, pancada, paulada, explicada através do barulho de um corpo ao cair ou ao bater em outro. Logo, a estrutura de sílaba única sugere

o tipo de som. Por exemplo, o dado registrado na língua kongo (H16) exprime “onomat. pour le bruit de qqch qu’on déchire, qu’on brise ou casse” (Laman 1936: 673); nesse contexto, o som causado pelo rasgo, esmago ou quebra representa um único som obtido. A expressão em ruund (L53) mostra outra situação de sonoridade única, ex. “(onomat.) the gun went off with a bang!” (Nash 1996), ou seja, o autor descreve o som do tiro disparado por uma arma, que estrondou. Em luvale (K14) e lunda (L52) as fontes indicam um ruído, uma batida pesada, um barulho retumbante (Horton 1953: 210), (White 1957: 47).

Em kimbundu (H21) constata-se a reduplicação do tema, *ndundu*, sem efeito no valor significativo, designando “pancada” (Maia 1994: 461). A consoante do tema, oclusiva alveolar sonora, é apresentada diretamente com a integração da nasal de classe 9. Todas as línguas mencionadas no agrupamento são de 5 vogais e refletem /u/ de segundo grau de abertura.

3.2.4 °-kuɪ cl. “id. amarração, puxada (de corda)” > °-kùt- “esfregar” > tema revisado °-kùt à cl. 7/8, 3/4, (9/10) “tambor de fricção”

O termo *nkwíta* (ngangela) designa “tambor de fricção” e provém do tema revisado °-kùt à cl. 7/8, 3/4, (9/10) atestado em algumas línguas das zonas H, K e L. O referido tema tem origem ideofônica e provém de uma proposta de reconstrução monossilábica, °-kuɪ, que deriva um verbo intermediário. Os dados levantados concentram-se em línguas das zonas K, L e R. A associação com o nome do instrumento se faz de acordo com a tendência observada no contexto do vocabulário em estudo para instrumento musical no subgrupo membranofones: a ação particular de toque do instrumento, no caso da *nkwíta*, a fricção. Houaiss (2009) descreve: “fricção: atrito resultante de dois corpos que se esfregam; atrição”.

Abaixo, apresenta-se um conjunto de dados atuais que permite propor um tema ideofônico monossilábico, que origina uma construção verbal

(apresentada em seguida). As descrições das fontes fazem referência ao ato de amarração, puxada (de corda), algo que quando apertado causa um som.

Tabela 221 - Reflexos de °-ku “id. de amarração, puxada (de corda)”

K11	chokwe	kwí	cl.	“ideóf. Exprime a ideia de fortemente amarrado, vedado ou impedido; impedimento, obstáculo; impossibilidade”	(Barbosa 1989: 244)
K14	luvale	kwí	cl.	“id. Denotes tight tying. Prob. the idea of creaking as the rope is pulled”	(Horton 1953: 141)
L35	sanga	kwi	cl.	“ido. Désigne l’action de tirer (signifie qu’on tire et enfonce alternativement, plusieurs fois)”	(Coupez 1976: 318K)
L52	lunda	kwi	cl.	“ideoph. of pulling tight”	(White 1957: 37)
R22	ndonga	kwi	cl.	“denotes the sound of a lash with a whip or sudden grasping”	(Tirronen 1986: 171)

As descrições dadas pelas fontes definem a ideia de amarração, puxada (de corda). Mais especificamente, Horton (1953: 141), menciona o dado *kwí* em luvale (K14) e explica o sentido de “ideia de ranger enquanto a corda é puxada”. Na língua sanga (L35), a fonte registra *kwi* para “a ação de puxar (significando puxar e empurrar alternadamente, várias vezes)”. Na língua lunda (L52), White (1957: 37) define o sentido “id. de puxar com força”. Os sentidos mencionados no agrupamento referem-se ao conceito básico da fricção.

A consoante do tema monossilábico tem correspondência direta e reflete a oclusiva velar surda. Para as vogais, em posição V_{11} , constata-se a presença da semivogal /w/ que favorece /u/ de segundo grau de abertura; em posição V_{12} , os dados privilegiam /i/ de segundo grau de abertura.

O tema monossilábico °-kui “id. de amarração, puxada (de corda)” deriva o verbo °-kùit- indicando a ação de “esfregar” atestado em algumas línguas das zonas K e L.

Tabela 222 - Reflexos de °-kùit- “esfregar”

K11	chokwe	-kwita	“esfregar (o corpo para tirar a sujidade)”	(Barbosa 1989: 245)
K14	lwena	kwita, ku	“to rub on, rub with”	(White 1944: 21)
K12b	ngangela	-kwíita	“frotter”	(Maniacky 2002: 359)
K33	kwangali	kwita	“rub”	(Kloppers 1994: 131)
K332	rumanyo	-kwíta mò	“rub into”	(Möhlig 2005: 411)
		-kwíta, i-	“anoint”	(Möhlig 2005: 119)
L52	lunda	kwita	“rub on, daub, paint”	(White 1957: 37)
L53	ruund	-kwít	“to paint”	(Hoover 1975: K-25)

Os sentidos descritos sugerem o conceito de “esfregar”. Em chokwe (K11), a fonte descreve o sentido “esfregar (o corpo para tirar a sujidade)”. A ação de esfregar realiza-se com movimentos de vai e vem, através da fricção; nesse contexto, o verbo também se estende e designa sentidos referentes à ações similares, porém, mais suaves, ex. “pintar” registrado por White (1957: 37) em lunda (L52) e por Hoover (1975: K-25) em ruund (L53); “ungir” registrado por Möhlig (2005: 119) em rumanyo (K332), onde também anota o sentido reconstruído “esfregar”.

Quanto à estrutura segmental da forma, a C_1 é refletida diretamente em todos os dados mencionados no agrupamento que indicam correspondências da oclusiva velar surda, /*k > k/. Em C_2 , os reflexos também se apresentam diretamente e refletem a oclusiva alveolar surda, /*t > t/. Para as vogais, em

posição V₁₁, atesta-se a semivogal /w/ que favorece /u/ de segundo grau de abertura; em V₁₂, observa-se o alongamento da vogal em ngangela (K12b), todavia, na língua, esse processo não é pertinente. Existe outro caso de alongamento em ruund (L53), porém, por não haver o mesmo processo para a forma ideofônica, sugere-se /i/ de segundo grau de abertura.

Para o padrão tonal, a informação registrada em rumanyo (K332) favorece *B, ex. *-dìm- “cultivar” > -*líma* “cultivate (field)” (Möhlig 2005: 317), *-dèd- (1) > -*réra* “bring up” (Möhlig 2005: 299).

3.2.5 °-gu cl. “id. barulho de batida” > °-gúd- “bater, retumbar” > °-gúdu cl. 7/8, 3/4, 11, 9 “tambor de fenda” > °-gudugudu cl. 7/8, (9) “tambor de fenda (usado para afugentar aves)”

O termo *nkúlu* (ewondo) designa “tambor de fenda” em classes 7/8 e provém do tema °-gúdu. O tema tem origem ideofônica com verbo intermediário significando as ações de “bater, retumbar”. A associação se faz pelo modo de toque característico do instrumento, “bater”, que motivou a busca pelo ideofone baseado nas características semânticas do verbo encontrado, ex. em chokwe (K11) Barbosa (1989: 222) registra -*kululuka* “ribombar, retumbar, ecoar (trovão, tiro, voz de leão etc.)”. A ideia descrita para o verbo, designando produzir barulho, motivou a busca de um ideofone característico para o contexto. Em algumas línguas ocidentais, identificou-se reflexos que favorecem a construção monossilábica °-gu cl. 9 designando “id. barulho de batida”.

Tabela 223 - Reflexos de °-gu cl. 9 “id. barulho de batida”

C32	bangi	kô	cl.	“noisy from kukola”	(Whitehead 1899: 134)
C71	tetela	kú	cl.	“comme d’un coup sur la porte, la table frappée du poing”	(Hagendorens 1984: 1056)

H16	kongo	ngùu	cl. 9	“onomat. Pour un coup de feu; paf !”	(Laman 1936: 693)
K11	chokwe	ngú	cl. 9	“ideóf. “som surdo ou cavo, mas forte e definido, como de pancada, de coisa pesada caindo, de vento forte, de trovoadas, etc.”	(Barbosa 1989: 364)
K14	luvale	ngù	cl. 9	“id. denota a firme sound”	(Horton 1953: 223)

Os sentidos registrados mostram conceitos de barulho. Nas cinco línguas mencionadas, os dados indicam semanticamente ideofone de barulho causado por uma batida. Na língua bangi (C32), por exemplo, a fonte associa o termo *kô* ao verbo *kukola* que quer dizer “make noise; make a sound”. Em chokwe (K11), Barbosa (1989: 364) especifica o ideofone e descreve um som surdo e cavo, forte e definido, fazendo relação com som de coisa pesada, de vento forte, trovoadas. Em luvalé (K14) constata-se a indicação de id. de som firme. Em três línguas das zonas H e K, kongo (H16), chokwe (K11) e luvalé (K14), observa-se a retenção da nasal e, portanto, sugere-se a classe 9, mesmo se, nas duas línguas da zona C, não há indicação de prefixo.

A C₁ da proposta de tema monossilábico é refletida diretamente (com a retenção da nasal) em kongo (H16), chokwe (K11) e luvalé (K14). Na zona C, línguas bangi (C32) e tetela (C71), a correspondência se apresenta em /k/, processo de ensurdecimento regular, /*g > k/. Os reflexos da vogal privilegiam /u/ de segundo grau de abertura.

O ideofone monossilábico °-gù cl. 9 “id. barulho de batida” deriva a forma verbal °-gúd-, com indicação de reflexo no agrupamento da tabela 225, na língua bangi (C32) *kô* “noisy from kukola” (Whitehead 1899: 134). As correspondências do verbo são atestadas em algumas línguas no lado ocidental do domínio bantu, compreendendo as zonas C, H e K.

Tabela 224 - Reflexos de °-gúd- “bater, retumbar”

C32	bangi	kukólá	“make noise; make a sound”	(Whitehead 1899: 400/457)
C35a	ntomba	kúla	“battre, frapper”	(Mamet 1955: 261/293)
C35b	bolia	kúla	“battre, frapper”	(Mamet 1960: 219/238)
C71	tetela	nkúlá	“frapper”	(Hagendorens 1984: 123)
H16	kongo	kúla	“frapper”	(Laman 1936: 327)
		kūlubuta	“frapper, battre mal du tambour (tam-tam), faire du bruit, du tapage, cliqueter”	(Laman 1936: 329)
K11	chokwe	-kululuka	“ribombar, retumbar, ecoar (trovão, tiro, voz de leão etc.)”	(Barbosa 1989: 222)

Os sentidos mencionados no agrupamento designam ações de bater e retumbar. Em bangi (C32) Whitehead (1899: 400/457) menciona um termo designando um conceito mais geral “make noise, make a sound”, em português, “fazer barulho, fazer um som”. Construções com adição de extensão são atestadas em duas línguas das zonas H e K, ex. kongo (H16), *kūlubuta* (combinação -ub- + -ut-) marca o sentido causativo “faire du bruit, du tapage”, além do sentido fazendo referência ao som do tambor “battre mal du tambour (tam-tam)” que marca de forma direta a relação de derivação entre os temas e o verbo; chokwe (K11) *-kululuka* (combinação -ud- + -uk-) marcando a intensidade, “ribombar, retumbar, ecoar”, ou seja, referindo-se ao sentido de produzir barulho surdo, ressoar fortemente (Houaiss 2009). Esse é mais um fato que associa diretamente o sentido verbal à função principal do instrumento musical “tambor de fenda”.

Na língua chokwe (K11) atesta-se o termo *ngú* designando ideofone de “som surdo ou cavo, mas forte e definido, como de pancada, de coisa pesada caindo, de vento forte, de trovoadas, etc.” (Barbosa 1989: 364); em kongo (H16), Laman (1936: 693) registra o termo *ngùu, na* ~ definindo “onomat. pour un

coup de feu; paf!”. O referido verbo apresenta princípio ideofônico e, nesse caso, tratar-se de um verbo intermediário para um tema de origem ideofônica.

A C₁, oclusiva velar sonora, apresenta-se em /k/ na totalidade dos dados mencionados e corresponde ao processo regular de ensurdecimento /*g > k/ produtivo em quase todas as línguas do agrupamento, exceto em chokwe (K11), onde o esperado seria o apagamento da consoante, resultante do processo /*g > Ø/; todavia, a ocorrência pode ser explicada devido influências vindas das línguas vizinhas pende (L11) e kwese (L13), onde também é regular o reflexo em /k/. Para a C₂, oclusiva alveolar sonora, todos os reflexos atestados provêm do processo regular /*d > l/. A vogal privilegiada nos reflexos corresponde à vogal /*u/ de segundo grau de abertura, pela regularidade da consoante e a atestação de oposição entre /o/ e /u/ nas línguas de 7 vogais que compreendem a zona C.

Quanto às informações tonais registradas no agrupamento, todas as línguas da zona C indicam reflexo proveniente diretamente de tom *A, ex. bangi (C32) *-dók- (1) > -lúá “vomir” (Whitehead 1899: 488); ntomba (C35a) *-dók- (1) > -lúá “vomir” (Mamet 1955: 343); bolia (C35b) *-dók- (1) > -lúá “vomir” (Mamet 1960: 262), tetela (C71) *-búd- (1) > mbólá “briser (verre)” (Hagendorens 1984: 31).

3.3 Processo metonímico

Segundo Bréal (1897), um novo sentido não existe para pôr fim ao antigo, mas ambos podem coexistir. Todavia, acredita-se que, em alguns casos, a aquisição de um novo sentido pode envolver um período de coexistência até a suplantação total do novo. O autor ainda enfatiza que a ampliação do sentido é um fenômeno normal, que deve ter seu lugar entre todos os povos cuja vida é intensa e cujo pensamento é ativo. Os conceitos metonímicos nos permitem pensar uma coisa em termos de sua relação com outra.

Segundo Grzega & Schöner (2007: 41): “In describing motivations behind certain changes of meaning, associative principles are of great importance. The four basic associative principles are similarity, contiguity, partiality and contrast”. Para os autores quatro princípios associativos básicos norteiam as mudanças de sentido: similaridade, contiguidade, parcialidade e contraste.

A metonímia caracteriza-se pela mudança semântica com base na contiguidade de conceitos pertencentes ao mesmo domínio. Esse processo permite a substituição de um termo por outro, cujo conceito tem ligação próxima podendo ser do tipo causal, espacial, temporal, com o conceito para o qual o termo é usado (Grzega & Schöner 2007). De acordo com Benveniste (1954), o significado de uma forma linguística é definido por todos os seus usos, pela sua distribuição e pelos tipos de conexões resultantes. Para o autor, referente ao campo semântico, a busca pelo sentido de uma forma linguística é definida pela totalidade de seus usos, por sua distribuição e pelos tipos de ligações que deles resultam. Para se traçar a história de uma palavra, além de justificar as mudanças semânticas, é preciso respeitar as leis fonéticas, ou seja, provar a regularidade das mudanças de som e explicar as irregularidades que podem acontecer num determinado grupo de cognatos.

No BLR3 o tema *-píndí (1), 2527, cl. 3/4, (5/6) “tíbia, perna, panturrilha, osso”, atestado em boa parte do domínio bantu, zonas A, B, C, D, E, G, H, K, M, R apresenta o processo de mudança metonímica que pode ser explicado com base na contiguidade espacial, ou seja, todos os sentidos atribuídos ao tema têm uma conexão real de parte-todo espacial (Urban 2014). De acordo com Bastin (1985), existe sempre um sentido dominante que pode ser considerado como o ponto de partida que deriva outros significados (que podem ser independentes a partir da significação primária), ex. “osso”, no contexto, se refere ao osso da perna, mas fora do contexto pode ser entendido como um sentido independente. Outro exemplo, *-gàdò (3) cl. 9 “braço, mão, dedo”, 8957, atestado nas zonas F, J e S.

No vocabulário dos instrumentos musicais, identificam-se os domínios causal (efeito e causa) e espacial (matéria e objeto) aplicados nos nomes que designam “tambor de fenda”, “xilofone” e “lamelofone”; “inst. musical geral”, “harpa”; “cítara” e “ferro” e “sino”.

3.3.1 *-dìmbà (1), 980, cl. (i) 5/6, 3/4, 7/8 “tambor de fenda” > cl. (ii) 5/6, 7/8 “lamelofone” > cl. (i) 5/6, 7/8, (3/4), (9) “(placa de) xilofone”

(Ampliação de sentido)

O tema *-dìmbà, citado anteriormente na seção deverbativa, provém de °-dìmb- “bater, dar golpes”. O mesmo foi reconstruído designando três tipos de instrumentos musicais na mesma família (idiofones): tambor de fenda, xilofone e lamelofone. Em geral, os tambores de fenda são constituídos por um tronco de árvore, esvaziado, contendo uma fenda na parte superior que o divide em dois lados; o mesmo é tocado com duas baquetas (recobertas ou não por um tipo de borracha). Os xilofones compõem-se de uma ou mais lamelas de madeira, postas e fixadas lado a lado, alguns possuem ressonadores em cabaças; há modelos retos e curvados, variando no tamanho. Seu toque é similar ao tambor de fenda, ou seja, é tocado com o auxílio de uma ou duas baquetas que percitem as lamelas. O lamelofone também é composto por lamelas, as quais variam de número, fixadas em uma prancheta, contendo ou não uma caixa de ressonância. Porém, trata-se de um instrumento pequeno, tocado através de batidas leves e delicadas com os dedos polegares.

No trabalho comparativo, as diferenças só podem ser compreendidas se levarmos em conta o aspecto diacrônico dos fatos. As classes nominais atribuídas a um determinado substantivo podem ser vinculadas ao funcionamento anterior do sistema; todavia, isso não exclui reajustes durante a evolução, onde cada tema pode ser explicado a partir de uma história particular (Bastin 1985).

Os reflexos referentes ao sentido “tambor de fenda” foram atestados em cl. 5/6, 7/8, 3/4, principalmente, cobrindo parte da área ocidental bantu, em línguas pertencentes às zonas A, B, C, D, H, JD, K, L. As mesmas classes se estendem (+ cl. 11/10) para o sentido “xilofone” bastante difundido, sendo atestado em boa parte domínio bantu. As classes 5/6, 7/8, 11/10 se estendem ao sentido “lamelofone”, onde também pode ser atestado em cl. 9a/10a e 12/13 (caracterizando o tamanho pequeno) com atestações mais orientais. No plano comparativo, de acordo com a dispersão dos dados, o sentido primário “tambor” origina-se no extremo norte e se estende na região central do domínio bantu. Para o segundo sentido “xilofone”, bastante difundido, as classes de origem são atestadas nos reflexos registrados nas línguas sangu (B42), kituba (H10A) e em algumas línguas da zona L, marcando a passagem de sentido. O terceiro sentido atestado “lamelofone” também marca difusão a partir de “xilofone”. Na língua sangu (B42) nas classes de origem 5/6 designam os três sentidos ex. *dèmbà* cl. 5/6 “drum”, “xylophone” e “hand-piano”. Segundo Bréal (1897), a partir de um novo sentido, a palavra tende a se multiplicar e produzir outros termos iguais na forma, porém distintos no valor. O autor explica que, quanto mais significados uma palavra acumula, mais se contribui para a representatividade da atividade intelectual e social.

O primeiro sentido pertence a um contexto mais básico que provém do verbo “bater, dar golpes”, logo o processo manifestado explica as outras significações a partir do princípio da matéria (madeira que passa a ser lamela) e, principalmente do modo de toque comum para todos esses instrumentos, ligados ao verbo. Nesse contexto, Bastin (1985) contribui enfatizando que a diversidade de significados apresentados pelos substantivos deverbativos pode estar relacionada às modificações semânticas regulares associadas ao próprio sistema de derivação verbal.

No mesmo sistema identificou-se os temas osculantes °-gìmbí e °-kìmbí, para os quais, atestou-se, mesmo que minimamente, o sentido “tambor de fenda”, na zona A. Para °-gìmbí os reflexos se estendem na zona C e designam

“xilofone”, para °kùmbí há atestação do mesmo sentido na língua bende (F12). Todavia, os mesmos são mencionados no subgrupo dos Lamelofones, devido corresponderem mais amplamente a este sentido, o que não quer dizer que os temas não estejam ligados ao sentido primário “tambor de fenda” a ao sentido intermediário “xilofone”. Nesse contexto, para Bréal (1897) um termo pode assim ser conduzido por uma série mais ou menos de intermediários.

3.3.2 *-gòmbí (4), 6658, cl. 9/10 “inst. musical geral” > cl. 9/10, (9/2), (11/10) “harpa” > cl. 9/(6), 11/10 “cítara”

(Especialização de sentido)

De acordo com a dispersão no domínio bantu, o tema *-gòmbí designa em cl. 9, (19/18), (9/10) “inst. musical geral” no extremo norte, concentrados na zona A, em cl. 9/10, (1/2), 9/2, 11/10 “harpa” com dados mais frequentes na zona B e em cl. 9, 9/(6), 11/10 “cítara” mais estendido em línguas da zona C.

O referido tema é deverbativo e provém de *-gòmb- “bater palmas, bater tambor” > “bater, fazer barulho” > “tocar inst. musical”. As atestações para o sentido geral se manifestam em harmônio, xilofone, acordeão, flauta, lamelofone e, fora do bantu, em tambor; ou seja, designa instrumentos pertencentes às famílias aerofônicas e idiofônicas. Sobre a comparação de sentidos num dado grupo, Benveniste (1954) notabiliza que, quando, na comparação dos termos de um grupo unitário, nos encontramos na presença de desenvolvimentos de significado distribuídos em grupos distintos, somos, muitas vezes, obrigados a indicar em que direção o significado variou e quais dos significados observados produziu o outro. É então necessário referir-se a um critério bastante geral e constante para não precisar ser justificado todas as vezes. O autor orienta primeiramente partir de um critério geral, o qual conecta todos os sentidos; desse modo, a relação metonímica, referente ao tema *-gòmbí, é marcada pelo sentido geral “inst. musical” como princípio

do desenvolvimento para as outras significações, baseado na ação de produzir som, ou seja, o sentido primário (geral) provém do verbo que indica, inicialmente, “bater, fazer barulho”, e de acordo com a dispersão, evolui e passa a designar “tocar inst. musical”. Logo, o sistema explica os outros sentidos a partir do mesmo contexto, principalmente, ligado ao efeito produzido por cada espécie do mesmo domínio.

Os reflexos de *-gòmbí para o sentido “inst. musical” são atestados em kundu (A122), akoose (A15c), bakwiri (A22), duala (A24), basaa (A43a), tuki (A601), bekwel (A85b), geviya (B301) e fora do bantu identifica-se o sentido “tambor”, ex. em ndemli *ngòmbí* cl. 9 (Ngoran 1999: 20). As correspondências se estendem designando “harpa” com atestações em fang (A75), myene (B11), mpongwe (B11a), geviya (B301), pove (B305), punu (B43), aka (C104), bangi (C32), lingala (C36d) e songe (L23). O sentido “cítara” concentra-se numa série de línguas localizadas, principalmente, na zona C, ex. kombe (A33b), seki (B21), pove (B05), ndjabi (B52), yaa (B73c), koyo (C24), ntomba (C35a), bolia (C35b), lingala (C36d), boa (C44), mongo (C61), tetela (C71), ndamba (G52) e kibembe (H11).

Os diferentes sentidos atestados no domínio bantu sugerem que *-gòmbí deve apresentar inicialmente um sentido geral designando qualquer instrumento musical, atestado no extremo norte, e pelo processo de especialização passa a denominar “harpa” com atestações nas zonas A, B e C que mais tarde, na mesma família cordofônica, se estendem a um instrumento similar “cítara”, às vezes, compreendido como a própria harpa. A transição entre os sentidos “harpa” e “cítara” pode ser atestada em pove (B305) cl. 9/10 *ngòmbí* “cithare (harpe traditionnelle)” (Mickala Manfoumbi 2004: 477) e punu (B43) cl. 9/2n *ngòmbí* “petite harpe-cithare à 7 cordes” (Blanchon 1995). Em lingala (C36d), a fonte indica em cl. 11 os dois sentidos, subentendidos como independentes, ex. *longombi* “harpe, cithare” explicando que ambos são “instrument à cordes” (Dzokanga 2001: 185). Em songe (L23) há indicação de dúvida quanto ao registro do sentido harpa, ex. cl. 11 *lúnkombe* “instrument de

musique (harpe?)” (Oost 1990: 70). Provavelmente, de acordo com a dispersão e o sistema de passagem do sentido, trata-se mesmo do instrumento “cítara”, já que existem atestações do mesmo nas línguas vizinhas mingo (C61) e tetela (C71). No agrupamento para o sentido “cítara” constatam-se ocorrências dos neologismos “guitarra” e “violão” percebidos em línguas das zonas B e C.

**3.3.3 *-címíbí (4), 617, cl. 9/(10) “ferro, cauri” > cl. 9/10 “sino”/
*-címíbí (5), 578, cl. 9/10 “ferro, cauri” > cl. 9/10 “sino”**

(Matéria e objeto)

Os temas osculantes *-címíbí (4) cl. 9 e *-címíbí (5) cl. 9/10 foram atestados para “ferro, cauri” principalmente no lado oriental do domínio bantu. Alguns reflexos identificados na região sul indicam o sentido “sino” para os dois temas, por meio da associação baseada da matéria-prima ao objeto. Para *-címíbí as atestações são mais dispersas e designam “cauri” nas zonas F, G e J; nas zonas L, M e S os sentidos indicam “ferro”. A passagem de sentido pode ser percebida na região sul, zona S, em mesmas classes ex. changana (S53) *nsimbi (yi-ti)* c. 9/10 “ferro, metal”, “sino” (Siteo 1996: 163), ronga (S54) *nsímíbí (yi-ti)* cl. 9/10 “ferro, metal; qualquer metal”, “sino campainha” (Siteo 2008: 210). O nome é estendido para designar “sino” sem alteração prefixal. Para *-címíbí, as indicações no BLR3 mostram reflexos nas zonas J e S, todavia, o presente estudo encontrou reflexos em sangu (B42) *sémbé* cl. 9/10 “iron” (Idiata 199x), em ruund (L53) *nsimbi* cl. 9/10 “any instrument made of iron” (Nash 1996) e em mambwe (M15) *nsimbi* cl. 9/10 “any instrument made of iron” (Halemba 1995). O sentido “sino” pode ser atestado em makhuwa (P31) *esimbi* cl. 9, nambya (S16B) *insimbi* cl. 9/10, ndebele (S407) *insimbi* cl. 9/10, xhosa (S41) *intsimbi (in-, iin-)* cl. 9/10, zulu (S42) *nsimbi* cl. 9/10 mostrando a mesma tendência sem mudança de classes. À título de exemplo, o tema *-kándà (4), 1707, cl. 3/4, 5/6, 9/10, 10, atestado para os sentidos “pele, roupa de pele”, mostra o mesmo processo de evolução do

sentido, tipo de especialização, ex. sangu (B42) *kándà* cl. 3/4, 5/6, 9/10 “skin” (Idiata 199x); rwanda (JD61) *-káanda* cl. 9/10 “pagne de femme en peau de vache descendait de la ceinture jusqu’aux genoux” (Coupez *et al.* 2005: 1214); rundi (JD62) *inkânda* cl. 9/10 “peau de vache servant de pagne aux femmes” (Rodegem 1970: 211). No primeiro exemplo, observa-se que o autor menciona o par de classes 9/10 para a matéria “pele”, o qual é citado acompanhando o objeto (feito a partir de) “tanga feminina” nas duas línguas atestadas na zona J.

3.3.4 Tema revisado °-búngú cl. 11/10, 9/10, 5/6 “vegetal: bambu, junco” > cl. 11/10 “trombeta”

(Matéria e objeto)

Identificou-se no BLR3 o tema *-bungu (5) reconstruído em classe cl. 9 designando “vegetal: cana, junco”, atestado nas zonas R e S. De acordo com os dados linguísticos atuais, atestados principalmente na região sudoeste, sugere-se proposição tonal inteiramente alta, *AA para o referido tema (revisado) °-búngú cl. 11/10, 9/10, 5/6 “vegetal: bambu, junco”. O tema apresenta a mesma tendência metonímica dos temas osculantes *-címí e *-címí através da associação matéria e objeto. Em algumas línguas das zonas H, K, L e R atesta-se o sentido “bambu, cana”. A passagem de sentido pode ser percebida em duas línguas das zonas H e R. Em kimbundu (H21), o termo *mbungu* cl. 9 designa “bambu”, em cl. 11/10 o termo é empregado designando “trombeta” (Maia 1994: 70, 629); em umbundu (R11) o substantivo *umbungu* designa em cl. 11/10 “bambu”, as mesmas classes são empregadas para denominar o instrumento “trombeta” (Le Guennec & Valente 1972: 73, 652). Ross, Pawley & Osmond (1998) atestam o mesmo processo (matéria e objeto), relacionado à instrumento de sopro, em outras famílias de línguas.

Quando um novo sentido é dado a um termo, ele tende a se multiplicar e produzir novos exemplos, similares na forma, porém, diferentes no valor (Bréal 1897).

3.4 Processo metafórico

A metáfora está relacionada à mudança semântica que ocorre com base na semelhança entre dois conceitos de estruturas diferentes. Tal semelhança pode ser perceptual ou funcional, referente ao efeito, comportamento etc. Esta figura de linguagem refere-se à descrição ou qualidade de uma maneira não literal e ajuda a explicar uma ideia geral sobre algo ou alguém. As metáforas são sempre intencionais (Grzega & Schöner 2007).

A metáfora se caracteriza como mecanismos cognitivos de extensão do significado (Geeraerts 2009). Em português, a transposição do sentido próprio ao figurado é bastante produtiva, ex. “Aquele homem é um gato” (associação com beleza felina), “Minha professora é um anjo” (associação com bondade dos anjos), “José chegou com uma fome de leão” (associação com o apetite de leão). Outras ocorrências de metáfora podem ser atestadas em bantu, ex. em swahili (G42) *nililowa chepechepe* “Eu estava mais que encharcado” (associação com estado molhado); na língua, o termo *chepechepe* significa “molhado, encharcado” (Johnson 1951: 54). Em fipa (M13) envolvendo o vocabulário das partes do corpo, ex. *alina inda* “ela tem barriga” (associação com gravidez), pois na língua, *inda* significa “uma barriga”; *wa pepela umweso* “ele/ela tem um coração leve” (associação com pouca capacidade de enfrentar problemas fortes, dolorosos ou grandes), *mweso* designa “coração”; *atakwite uwongo* “ele/ela não tem cérebro” (associação com falta de inteligência), *uwongo* quer dizer “cérebro” (Lusekelo & Kapufi 2014). Segundo Bastin (1985), certas associações não podem ser compreendidas sem levar em conta os traços culturais de que são expressão e que, às vezes, podemos ignorar. A referida autora alerta para a importância dos aspectos extralinguísticos na compreensão das associações.

Em línguas das zonas H, K, L, R e S atestou-se reflexos de um tema reconstruído para “hipopótamo” que deriva metaforicamente em cl. 7/8 o sentido “tambor de fenda”, através da similaridade sonora.

3.4.1 *-gòbú (4), 1480, cl. 9/10 “hipopótamo” zonas: H, K e L > cl. 7/8 “tambor de fenda” zonas: H, K, L, R e S

(adição de sentido condicionada - similaridade sonora)

No vocabulário dos instrumentos musicais identificou-se o nome *cínguvu* designando “tambor de fenda”. Já mencionado no capítulo anterior, o tema *-gòbú (4) designa em cl. 9/10 “hipopótamo” em algumas línguas das zonas H, K e L, onde reflexos do mesmo tema também são atestados denominando “tambor de fenda”. A relação do tema reconstruído *-gòbú com o sentido “tambor de fenda” está associada à semelhança que envolve o som do ronco do animal com o som obtido através do toque do instrumento. Nesse sentido, uma espécie particular de metáfora, extremamente frequente em todas as línguas, provém da comunicação entre os órgãos dos nossos sentidos, que nos permite transportar para a audição sensações experimentadas (Bréal 1897).

Laurenty (1995: 140) comenta que certas designações para os tambores de fenda derivam sua origem do ambiente mais ou menos imediato do africano, destacando vários exemplos de relações que mostram a conexão do objeto com a circunstância, dentre eles: “semelhança com o grito de um animal”. O critério de motivação semântica, notabilizado pelo autor, mostra a comparação associando o grito do animal com o som produzido pelo instrumento. Nesse contexto, Bastin (1992) menciona claramente a associação envolvendo o som do tambor com o “grito do animal”, registrada em comunidades chokwe. A autora explica que, a orquestra que acompanha as danças chokwe inclui, além dos membranofones, o idiofone *cínguvu* ou grande tambor de madeira em forma de trapézio. O nome vernáculo deste

tambor de madeira vem do hipopótamo *nguvu*, cuja voz cavernosa se assemelha.

Com mudança de classe nominal, para o tema existente *-gùbú (4), Bastin (1992) enfatiza que o nome vernacular do tambor de fenda vem do hipopótamo *nguvu*, cuja voz cavernosa se assemelha. Segundo Bréal (1897), metáfora é a percepção instantânea de uma semelhança entre dois objetos. Nesse contexto, a metáfora se destaca na percepção entre um animal e um objeto, a partir da sonoridade emitida por ambos.

Em três línguas das zonas K e L comprova-se a ocorrência de reflexos designando em diferentes classes “hipopótamo” e “tambor de fenda”.

Tabela 225 - Reflexos de *-gùbú em cl. 9/10, 9/2 “hipopótamo”

H21	kimbundu	nguvu	cl. 9	“hipopótamo”	(Maia 1994: 337)
K11	chokwe	nguvu	cl. 9/10	“hipopotamus”	(Mac Jannet 1949: 26/39)
K14	luvale	ngúvù	cl. <u>9/2</u>	“hipopotamus”	(Anonyme 1978: 75)
L51	salampasu	ngóvu	cl. <u>9</u>	“hipopotame”	(Guillot s.d.: 11)

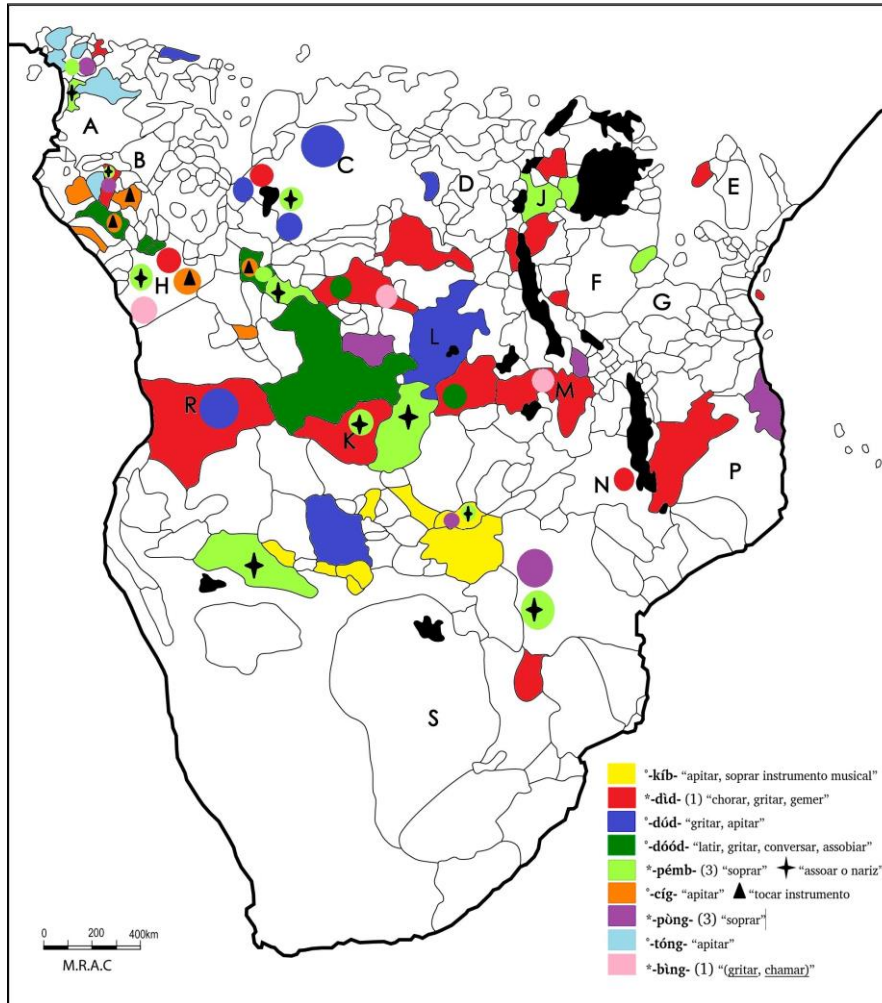
Tabela 226 - Reflexos de *-gùbú em cl. 7/8 “tambor de fenda”

H21	kimbundu	kinguvu	cl. <u>7/8</u>	“tambour, bombo”	(Maia 1994: 598)
K11	chokwe	cinguvu	cl. <u>7/8</u>	“slit drum”	(Bastin 1992: 28)
K14	luvale	cikuvu	cl. <u>7/8</u>	“drum wood, large”	(Anonyme 1978: 48)
L51	salampasu	tshínguvu	cl. <u>7/8</u>	“tam-tam”	(Guillot s.d.: 21)

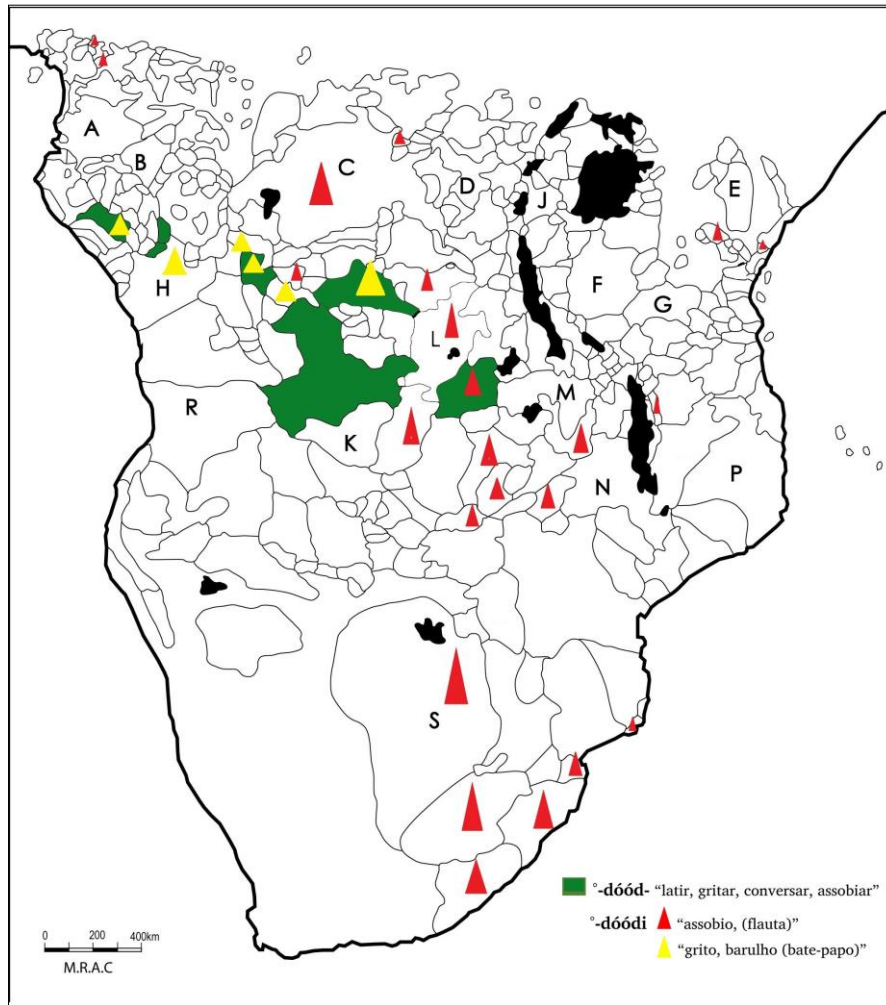
A mudança de sentido em cl 7/8, proposta no presente estudo, parte do princípio associativo de similaridade que envolve o som emitido pelo animal e o som produzido pelo tambor de fenda. A comparação não claramente explícita (associação da ideia feita pelo falante) está ligada diretamente à metáfora.

Outros temas para “tambor de fenda” foram identificados e discutidos no presente estudo, ex. à nível PB, *-dìmbà, deverbativo (< v. “bater”), se concentra mais a norte e se estende ao centro do domínio bantu, zonas A, B, C, D, H, JD, K, L concorre com os reflexos do tema °-gudu, com origem ideofônica (< id. “barulho” que também envolve verbo), atestado mais dispersamente de norte a sul bantu, zonas A, B, C, D, E, H, JE, K, N e S; porém, com lacuna na região central, devido ocorrências concentradas de reflexos dos temas mais regionais (revisados): °-kùmbí, deverbativo (< v. específico “bater tambor”) e °-jóndò. Os mesmos suplantaram os dois temas antigos, causando o desaparecimento dos reflexos principalmente nesta região do domínio bantu. Nas zonas H e K, reflexos do tema °-gudu coexistem com correspondências de *-gùbú que aparece sozinho no extremo sul com intermediação da língua lozi (K21).

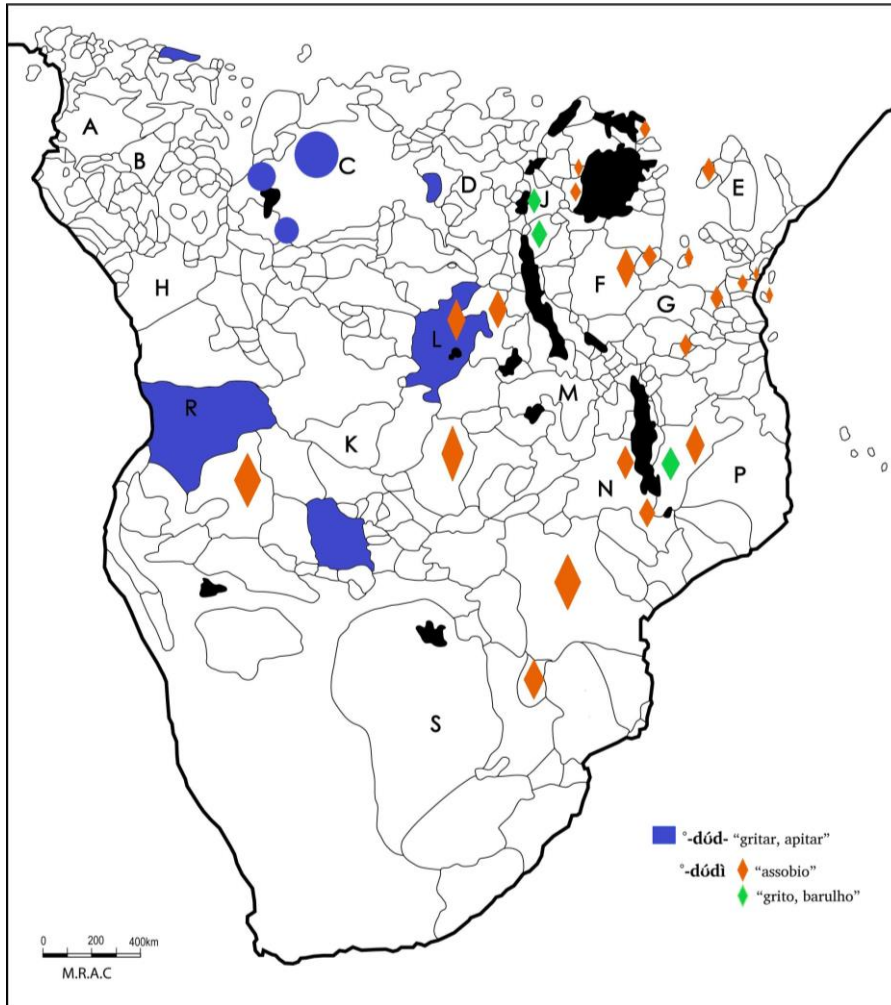
Mapa 43 - Reflexos dos radicais verbais gerais que dão origem a alguns aerofones



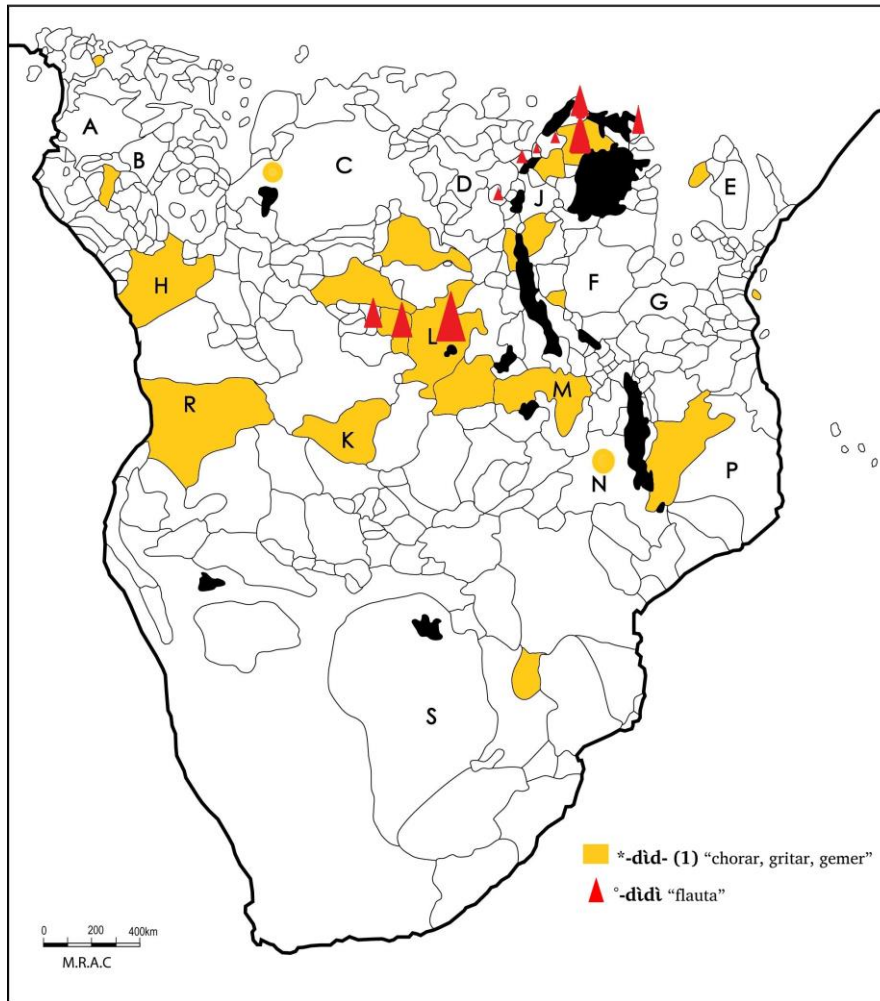
Mapa 44 - Reflexos de °-dóód- e °-dóódi



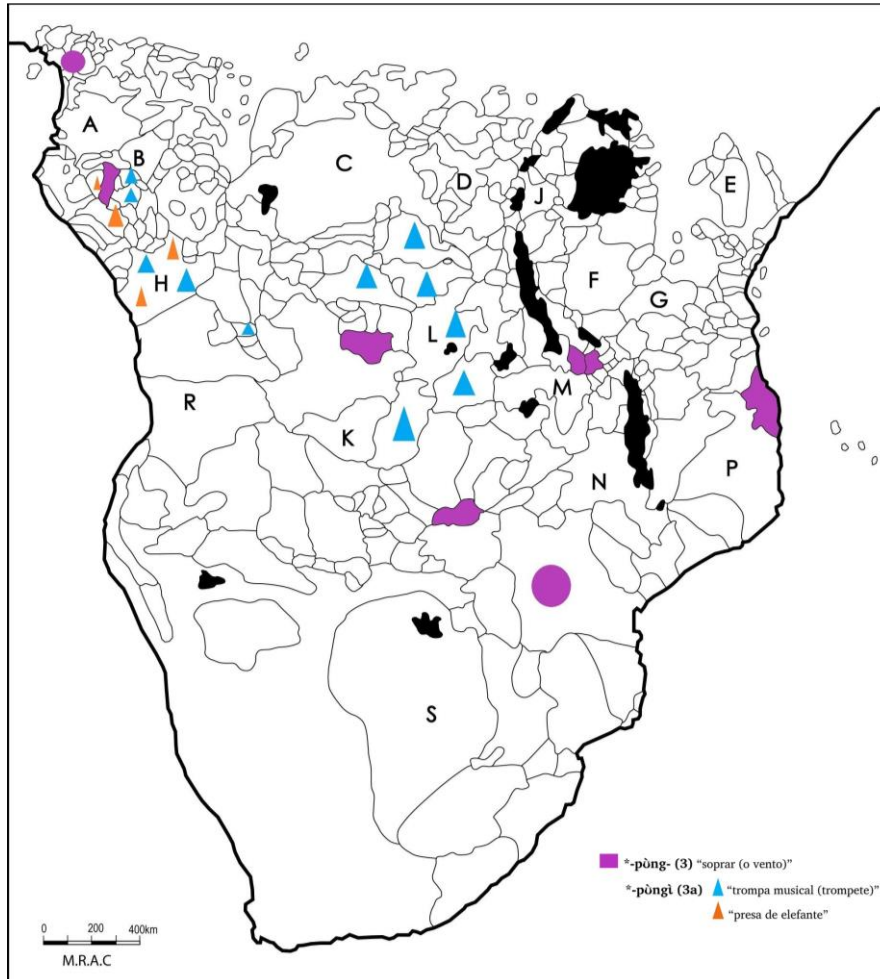
Mapa 45 - Reflexos de °-dód- e °-dódi



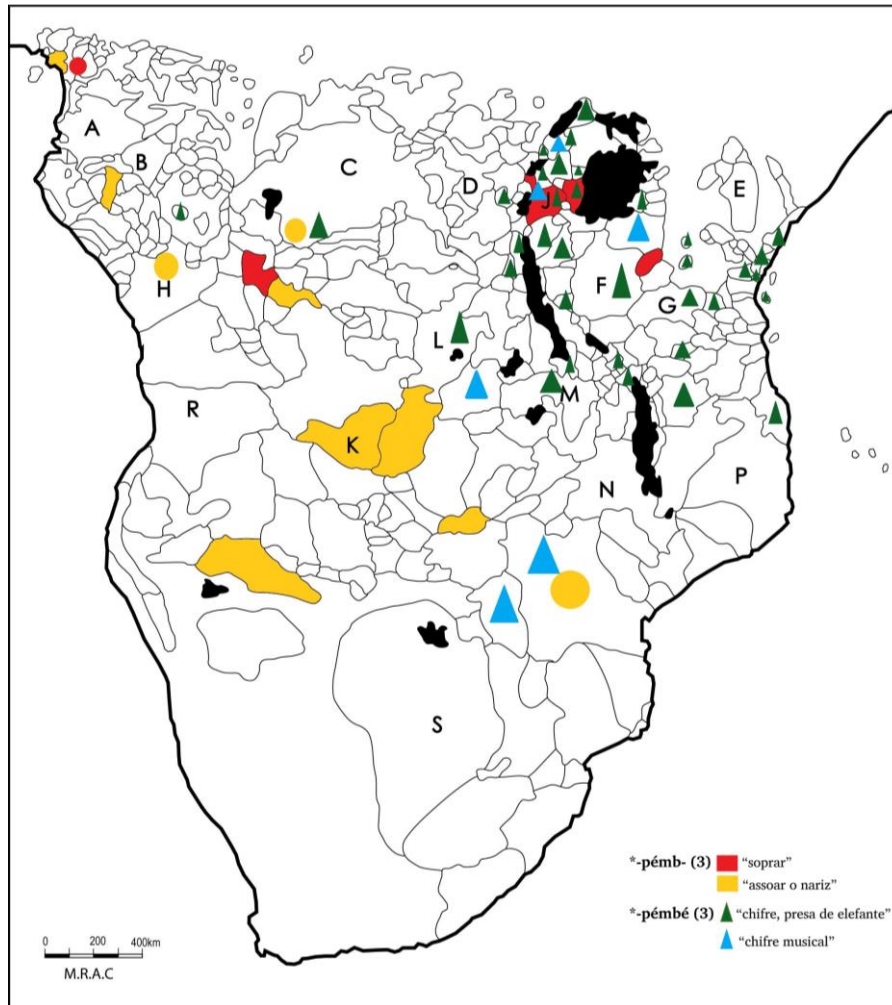
Mapa 46 - Reflexos de *-dìd- e °-dìdì



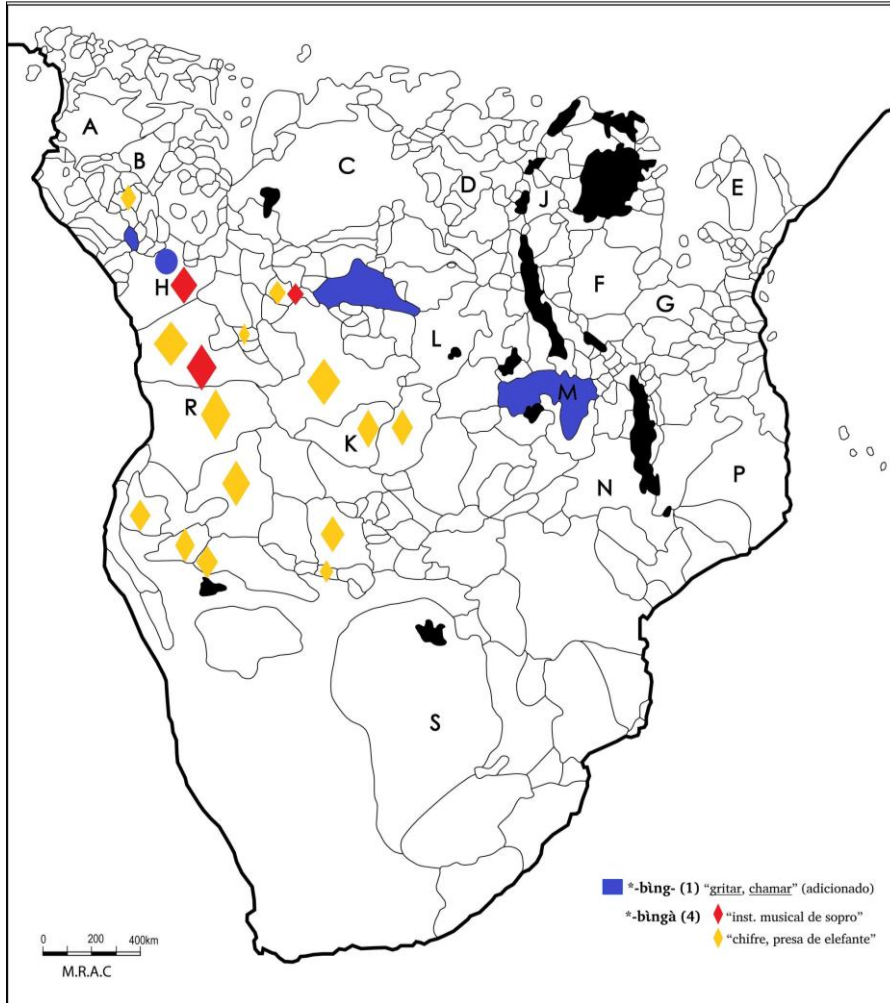
Mapa 47 - Reflexos de *-pùng- e *-pùngì



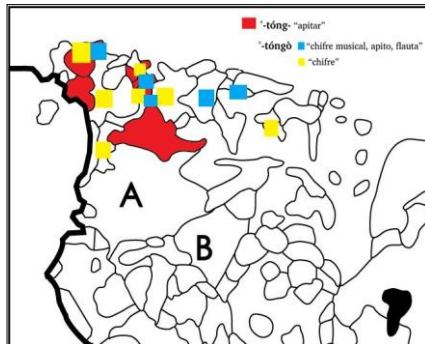
Mapa 48 - Reflexos de *-pémb- e *-pémbé



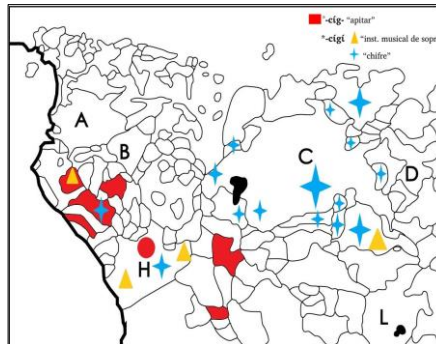
Mapa 49 - Reflexos de *-bìng- e *-bìngà



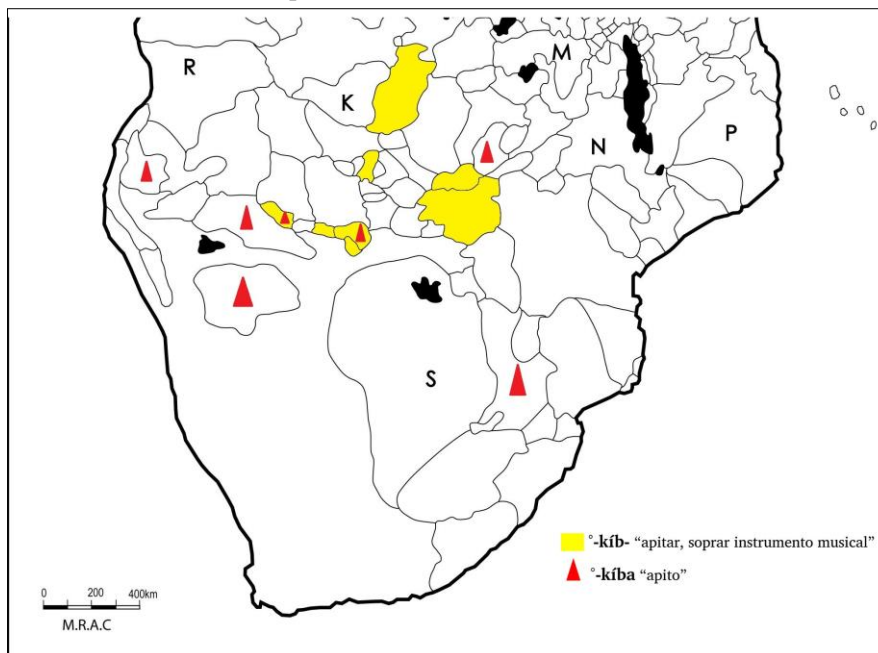
Mapa 50 - Reflexos de °-tóng- e °-tóngò



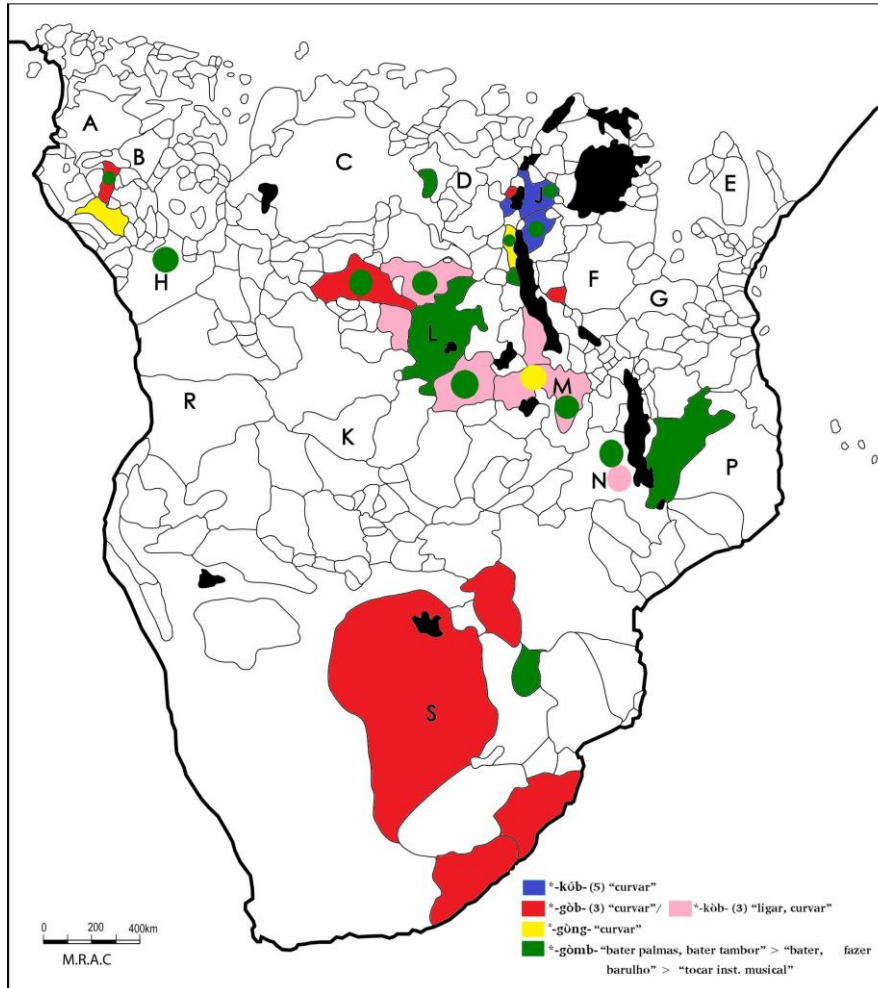
Mapa 51 - Reflexos de °-cíg- e *-cígí



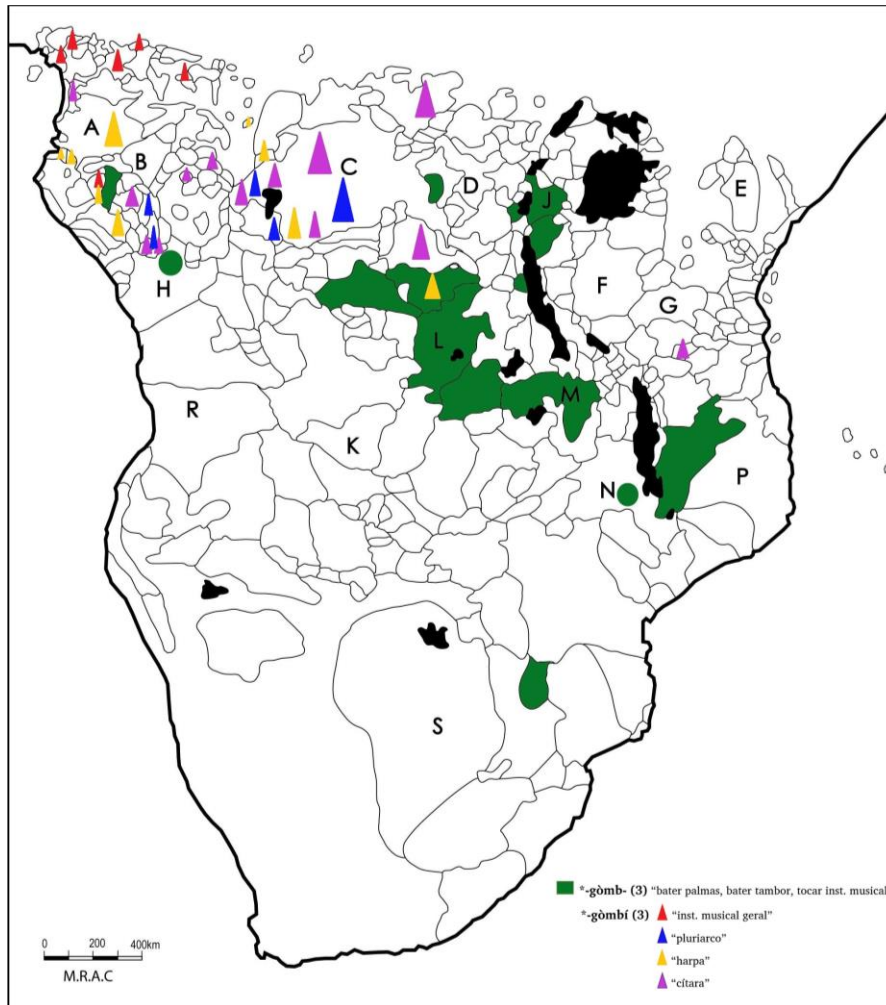
Mapa 52 - Reflexos de °-kíb- e °-kíba



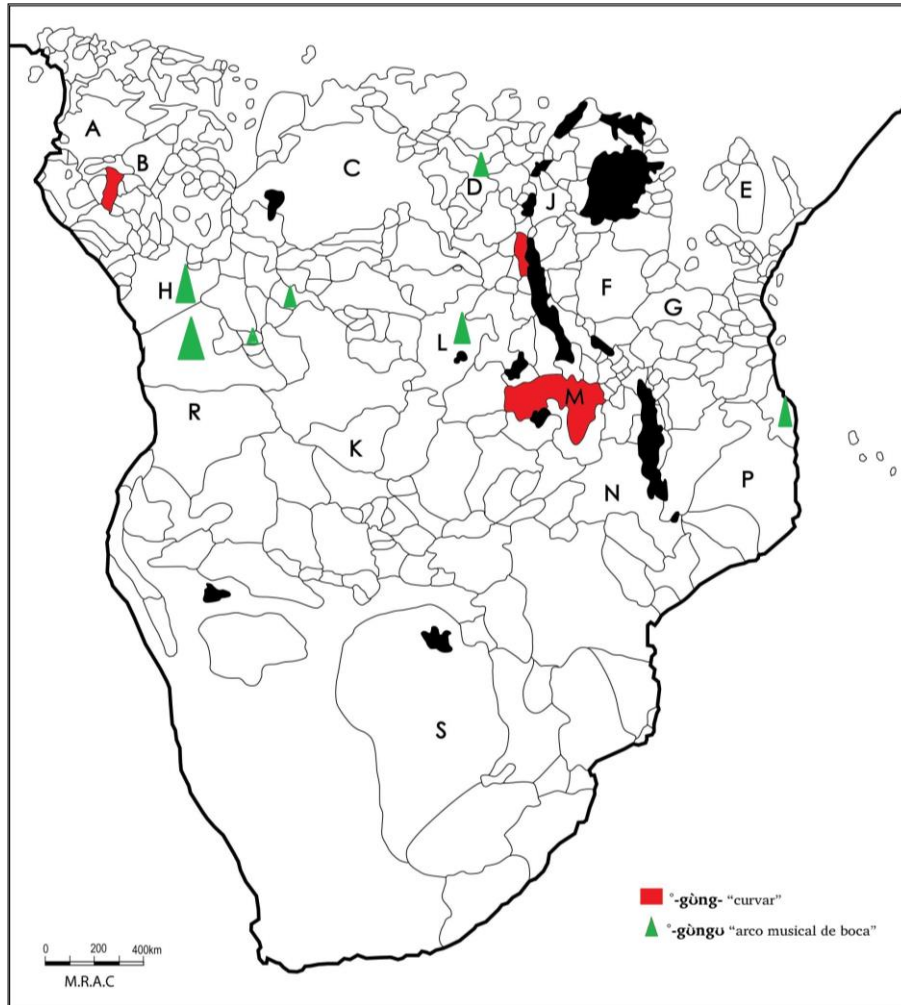
Mapa 53 - Reflexos dos radicais verbais que dão origem a alguns de cordofones



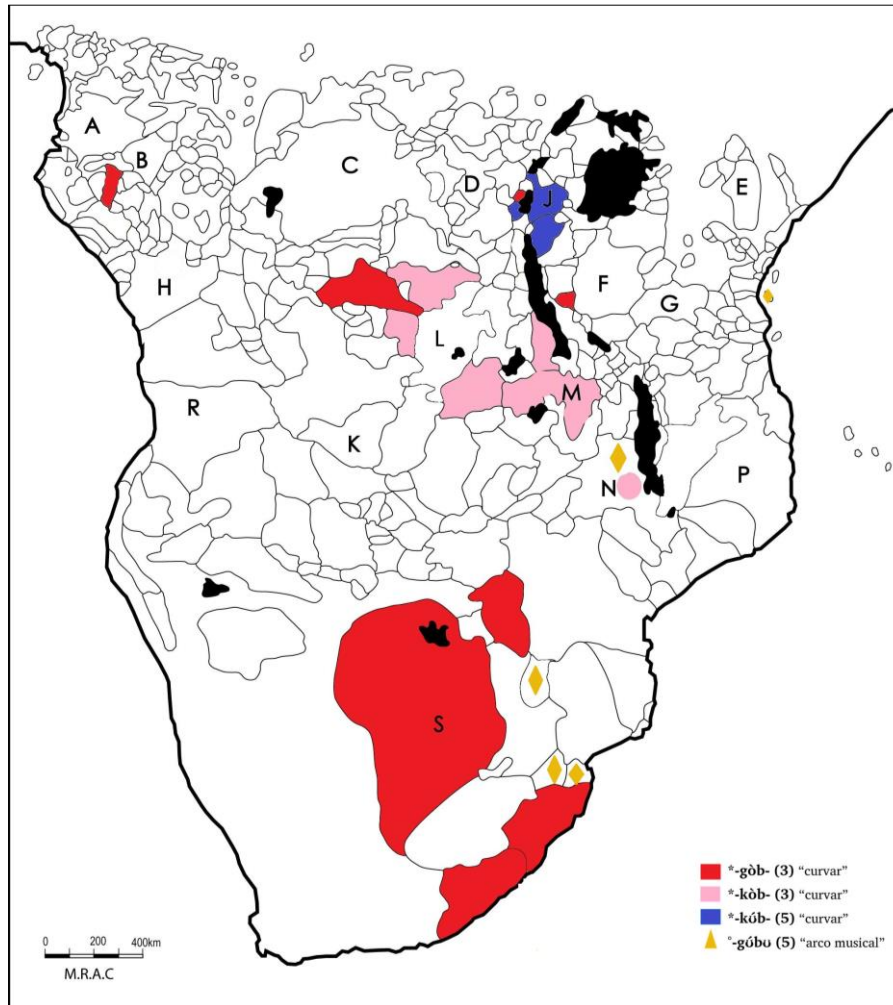
Mapa 54 - Reflexos de *-gòmb- e *-gòmbí



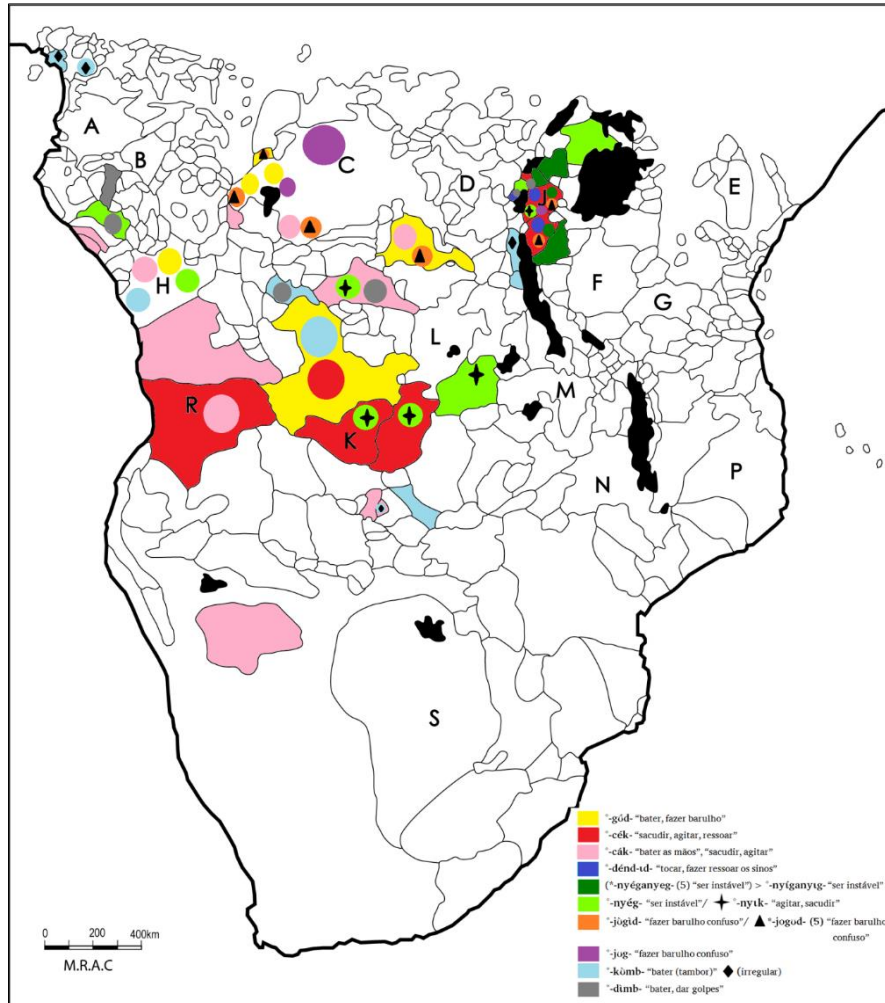
Mapa 55 - Reflexos de °-gòng- e °-gòngu



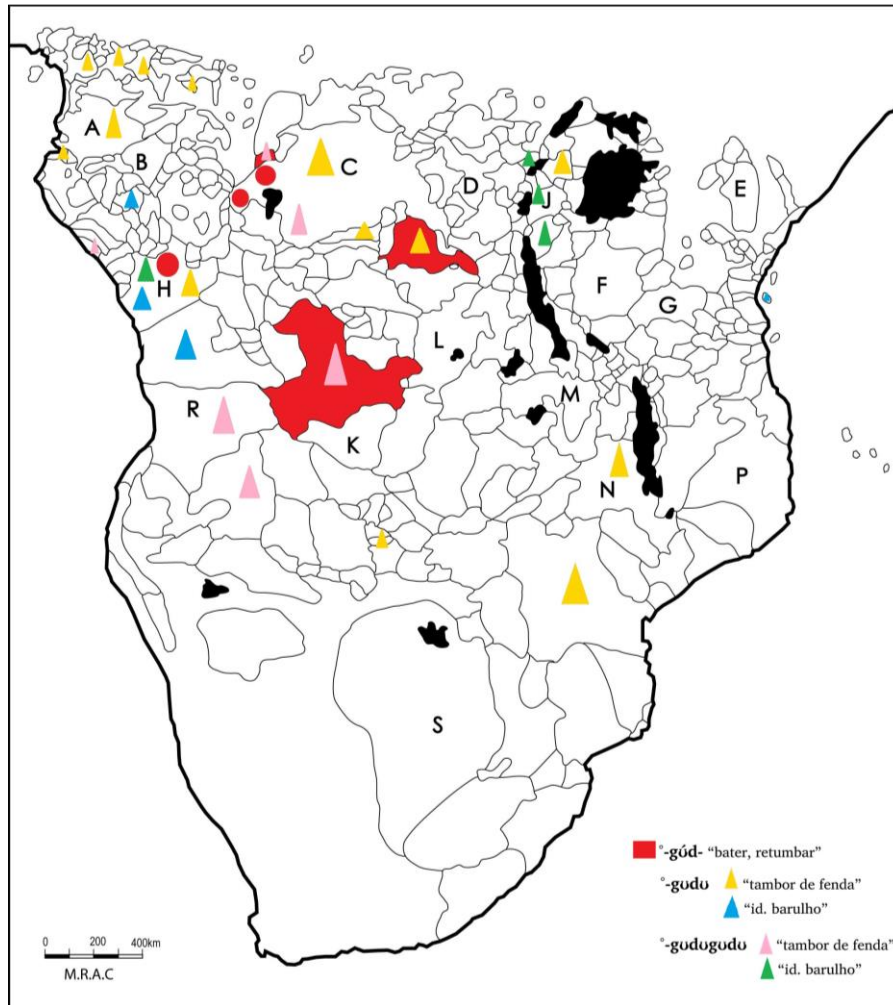
Mapa 56 - Reflexos de *-gòb-, *-kòb-, *-kúb- e °-góbu



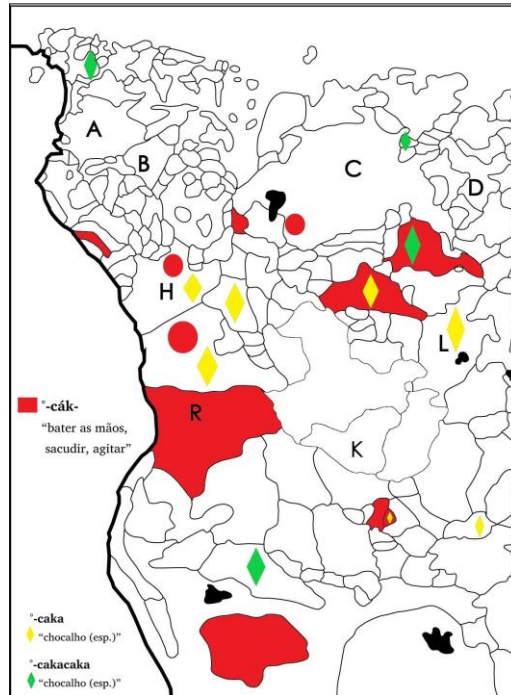
Mapa 57 - Reflexos dos radicais verbais que dão origem a alguns idiofones



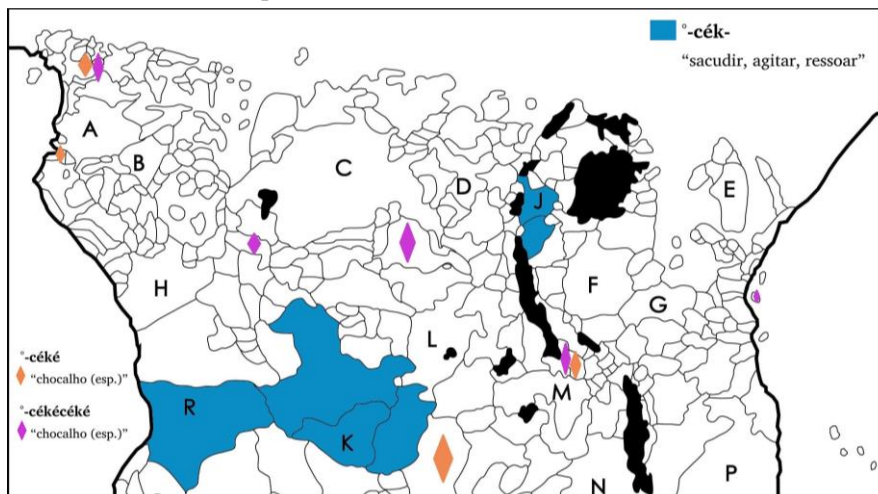
Mapa 58 - Reflexos de °-gód-, °-gudu e °-godogudu



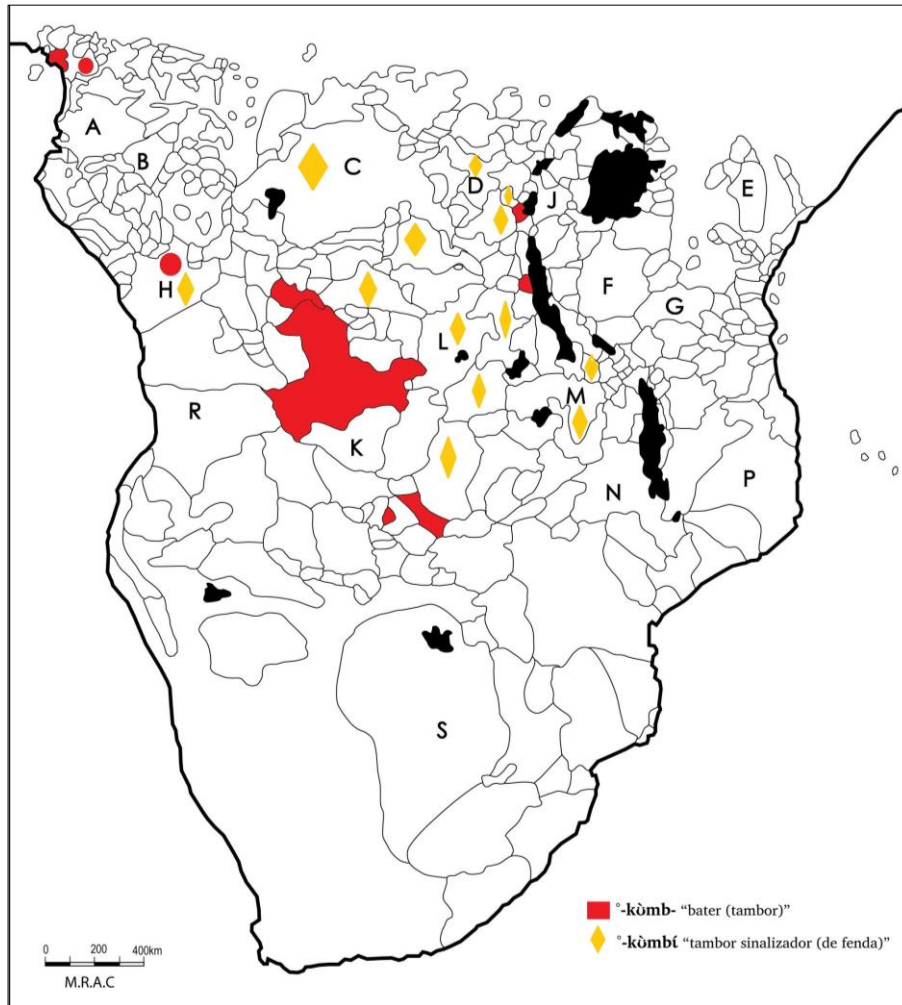
Mapa 59 - Reflexos de °-cák-, °-caka e °-cakacaka



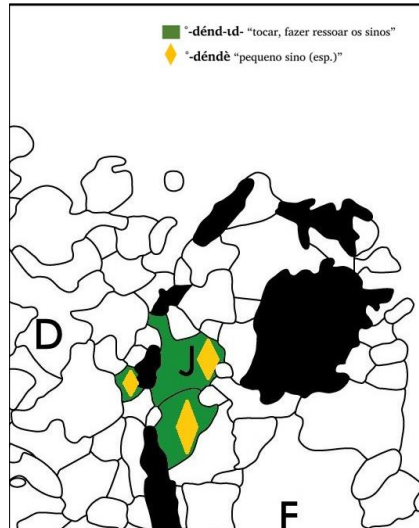
Mapa 60 - Reflexos de °-céké e °-cékécéké



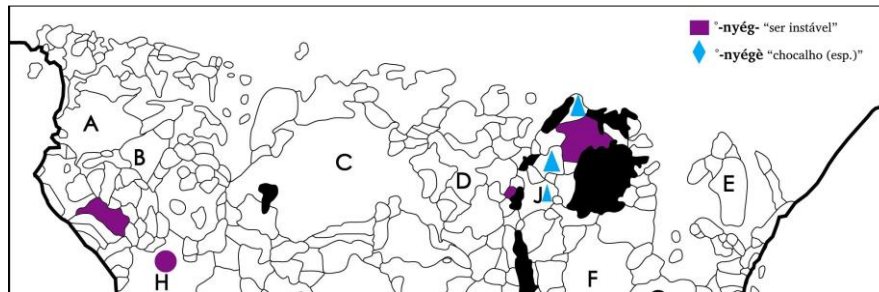
Mapa 61 - Reflexos de °-kòmb- e °-kòmbí



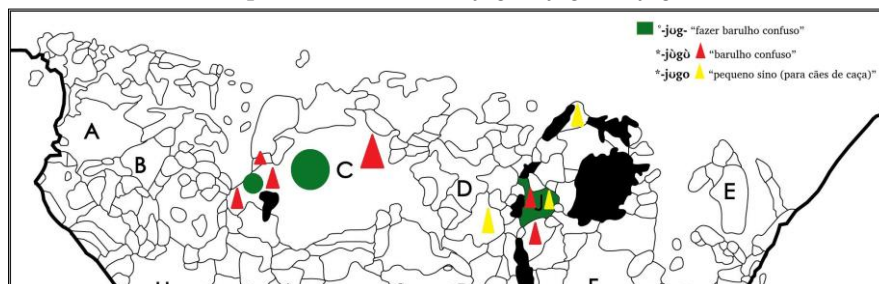
Mapa 62 - Reflexos de °-dénd-ɪd- e °-déndè



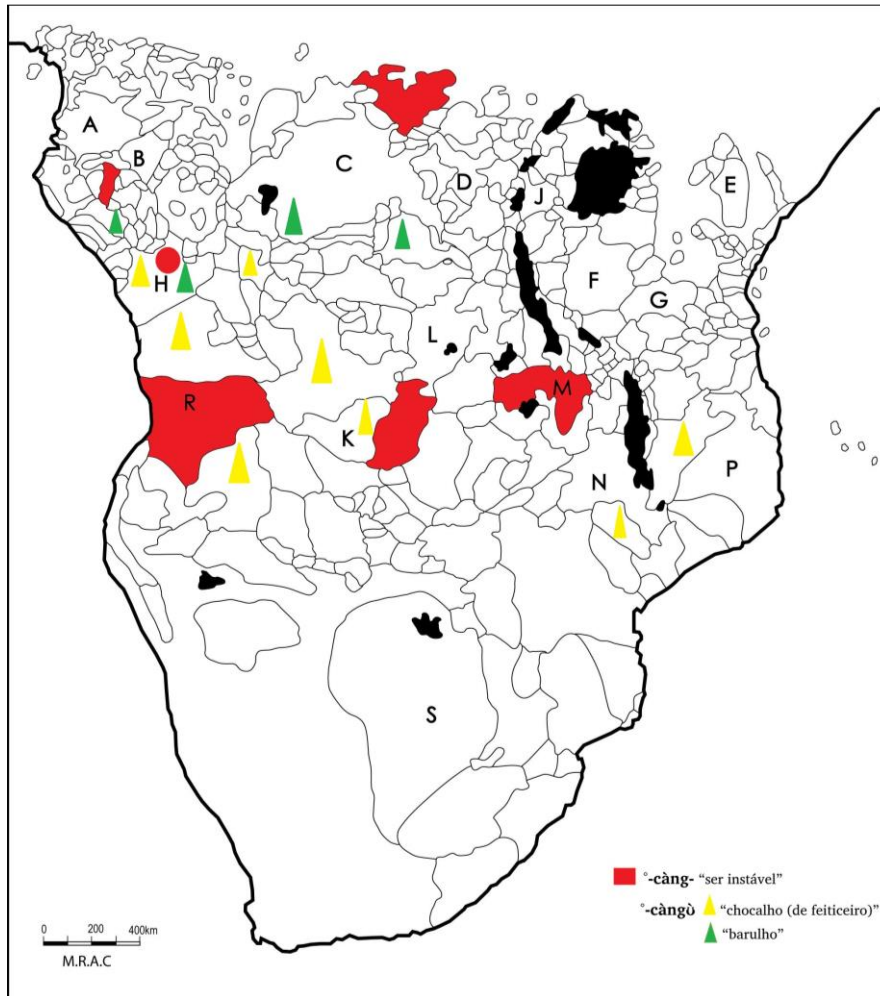
Mapa 63 - Reflexos de °-nyég- e °-nyégè



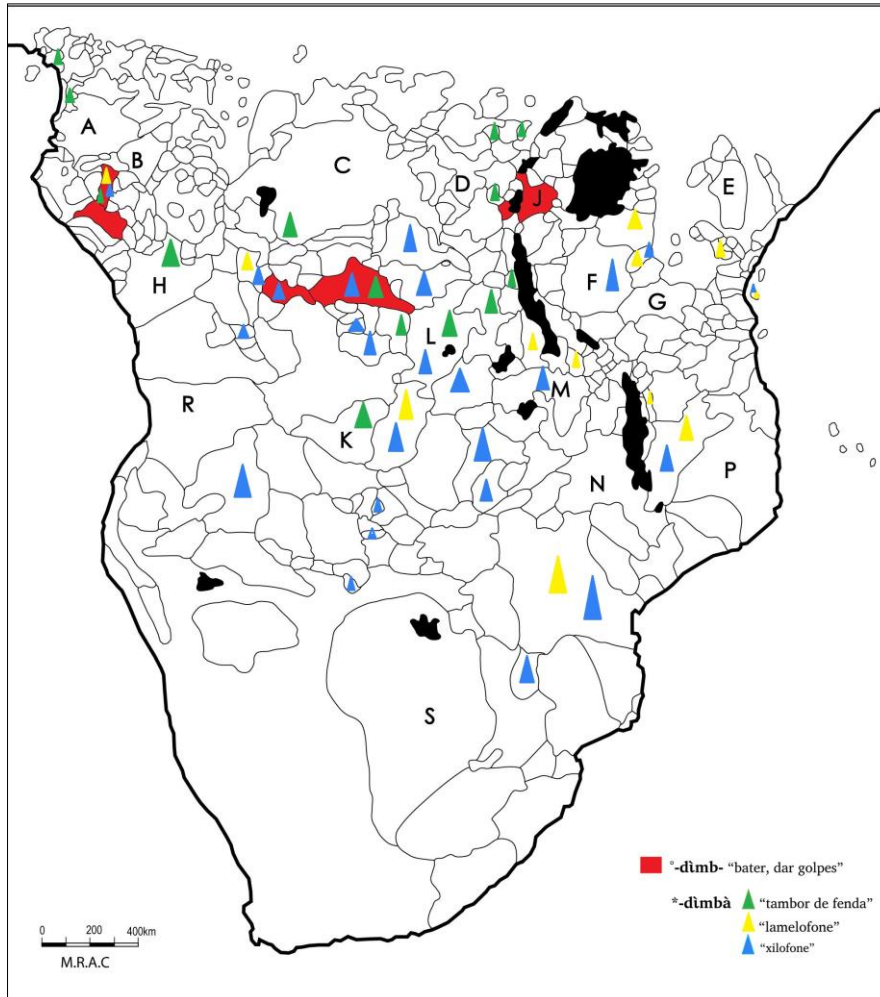
Mapa 64 - Reflexos de °-jug-, *-jùgù e *-jugo



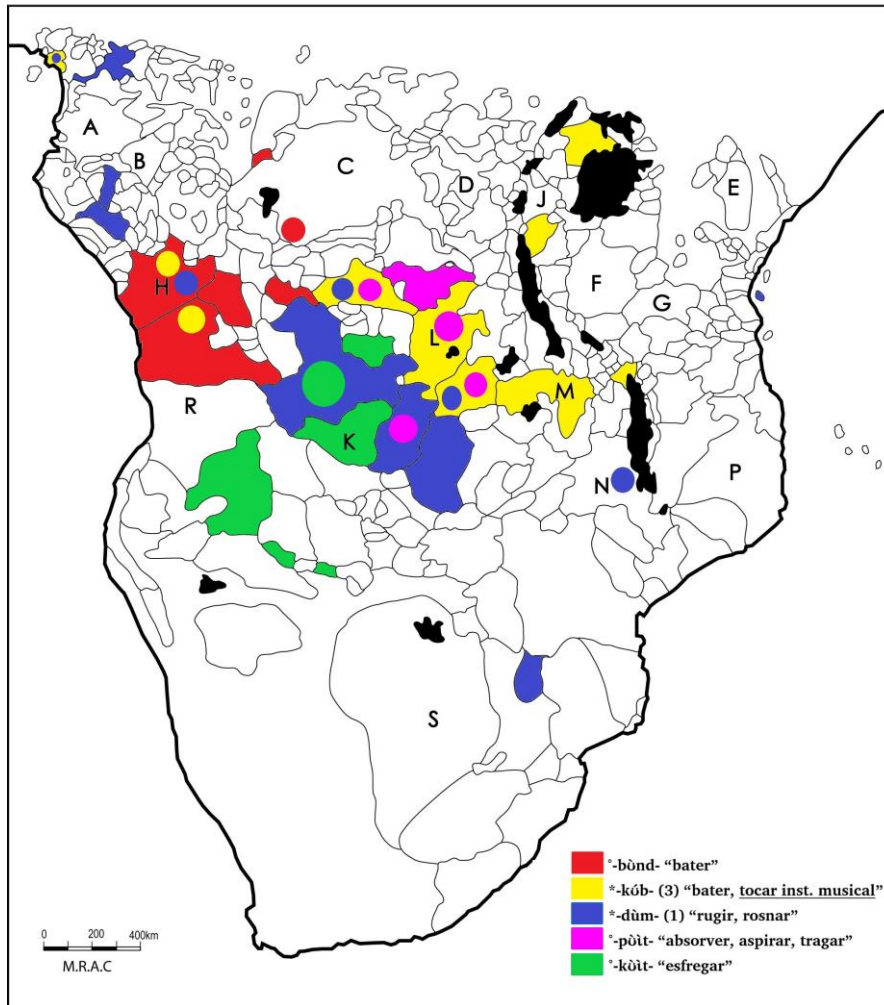
Mapa 65 - Reflexos de °-càng- e °-càngò



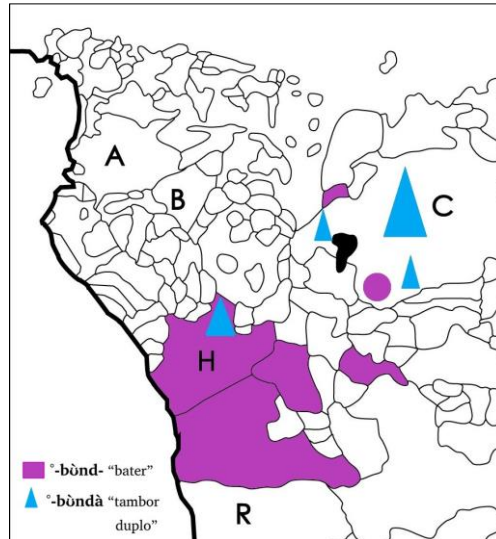
Mapa 66 - Reflexos de *-dĩmb- e *-dĩmbà



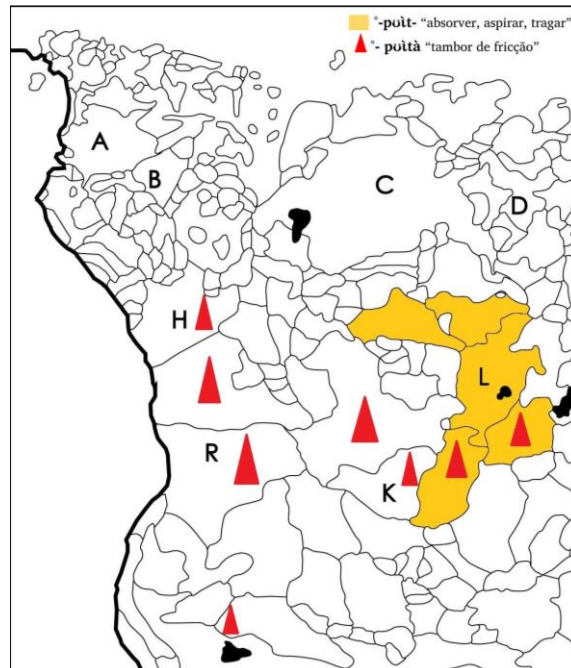
Mapa 67 - Reflexos dos radicais verbais que dão origens a alguns membranofones



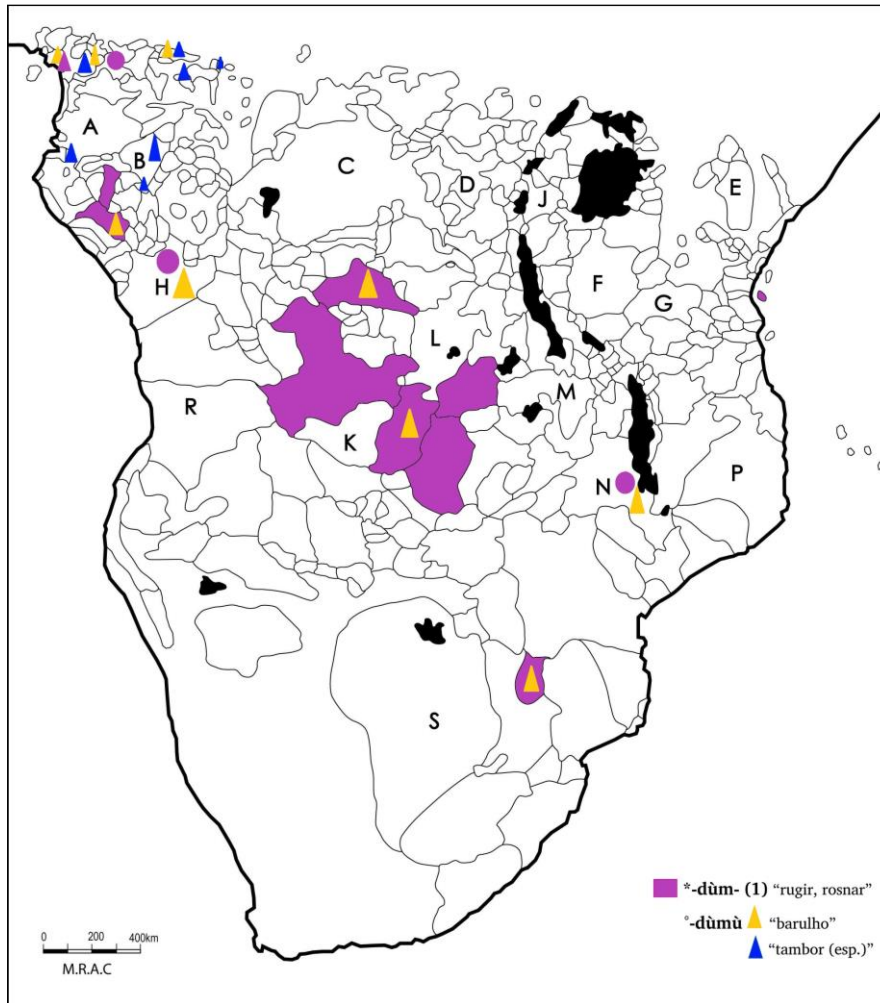
Mapa 68 - Reflexos de °-bùnd- e °-bùndà



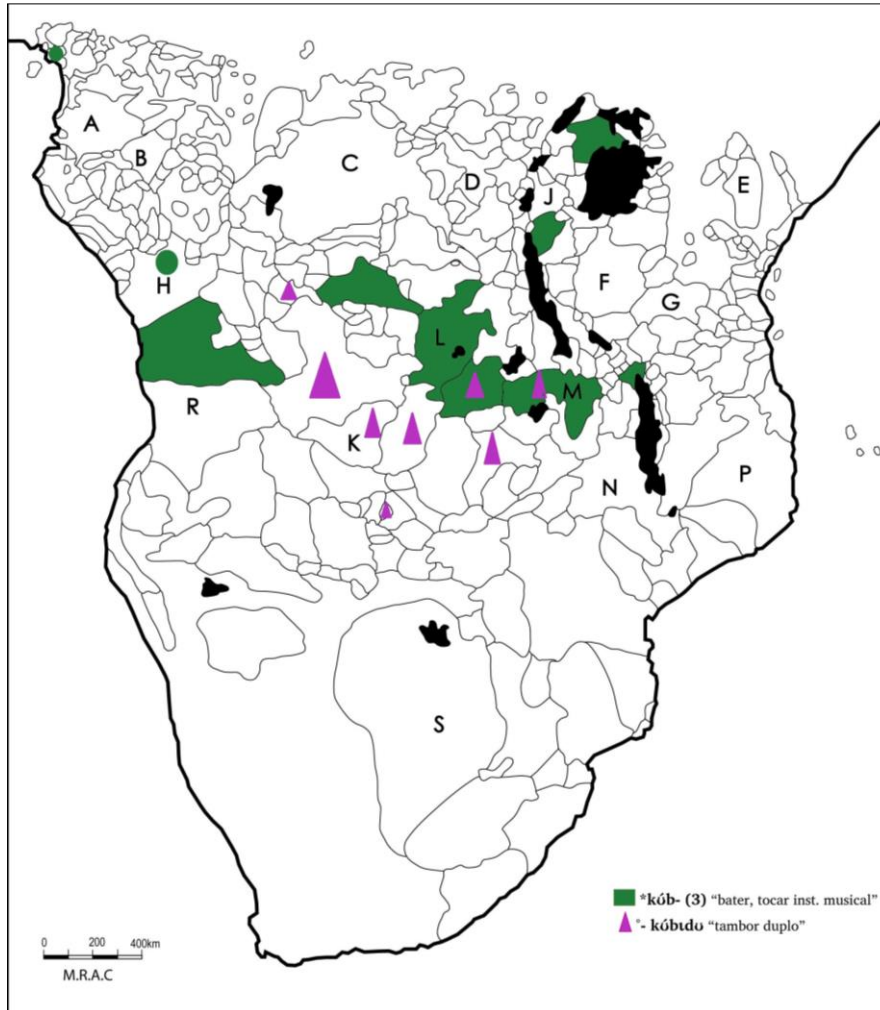
Mapa 69 - Reflexos de °-puìt- e °-puità



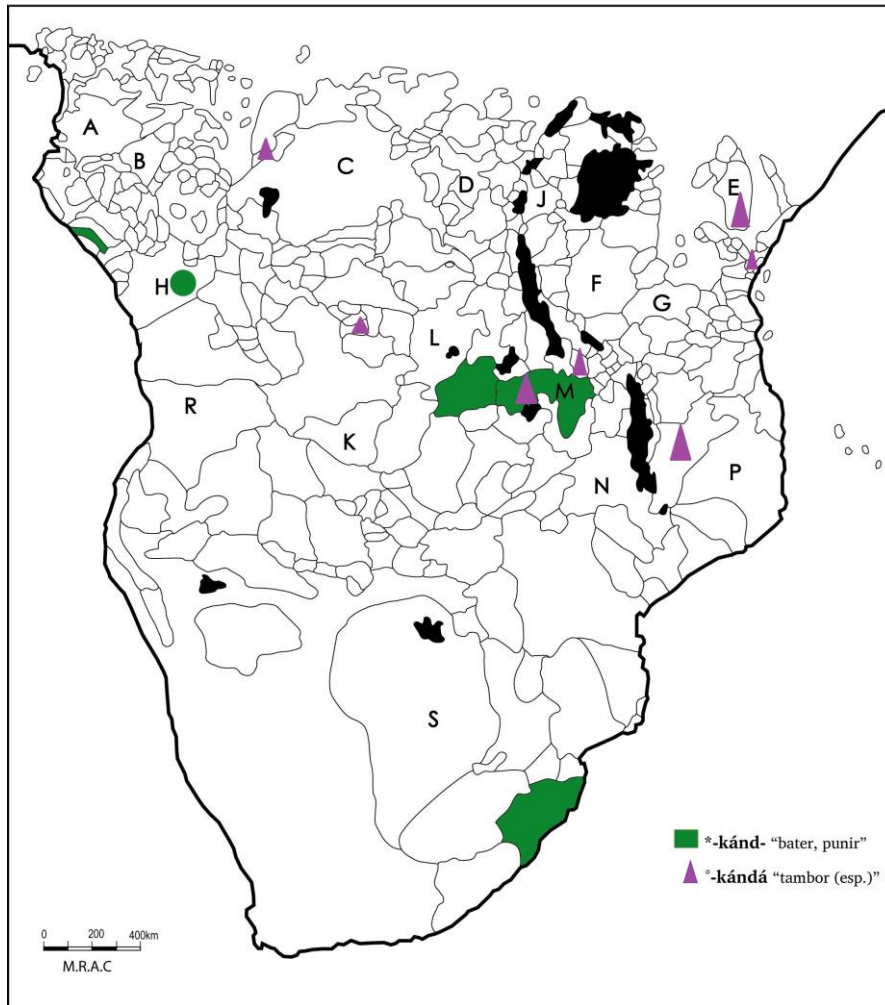
Mapa 70 - Reflexos de *-dùm- e °-dùmù



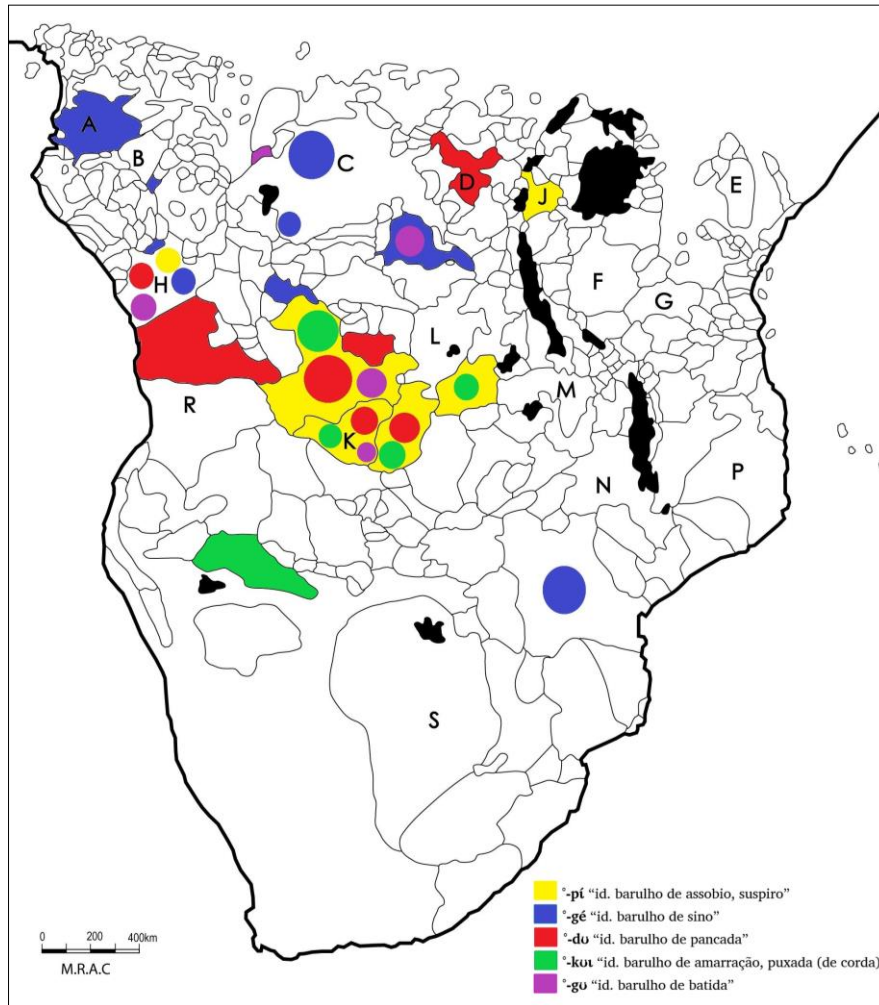
Mapa 71 - Reflexos de *-kúb- e °-kúbũdu



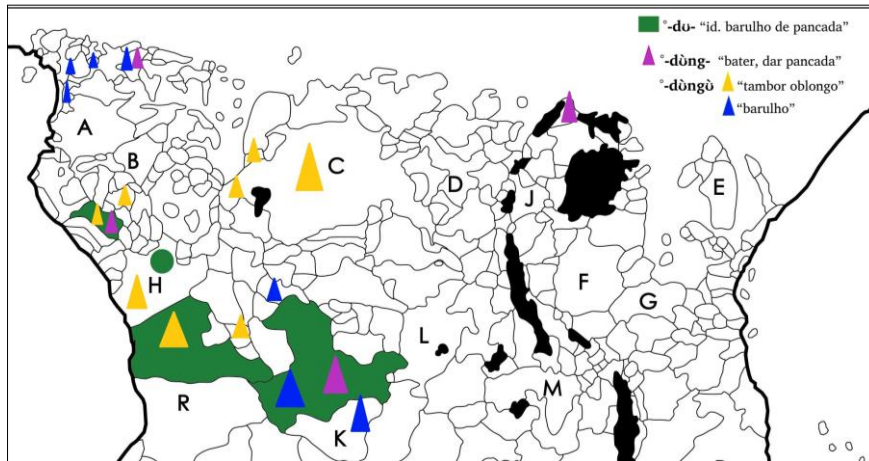
Mapa 72 - Reflexos de *-kánd- e °-kándá



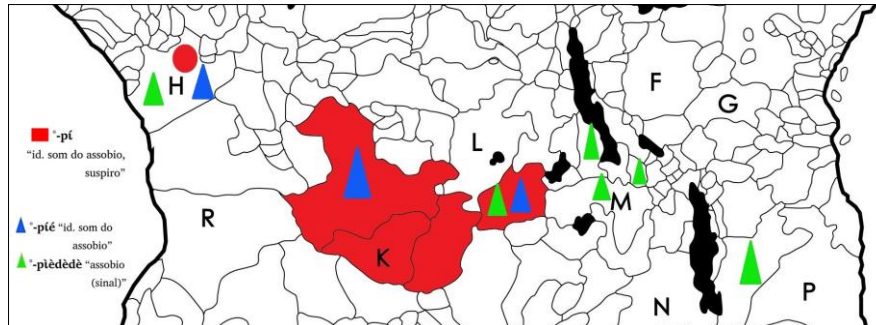
Mapa 73 - Reflexos dos ideofones que dão origem aos instrumentos aerofônico e membranofônico



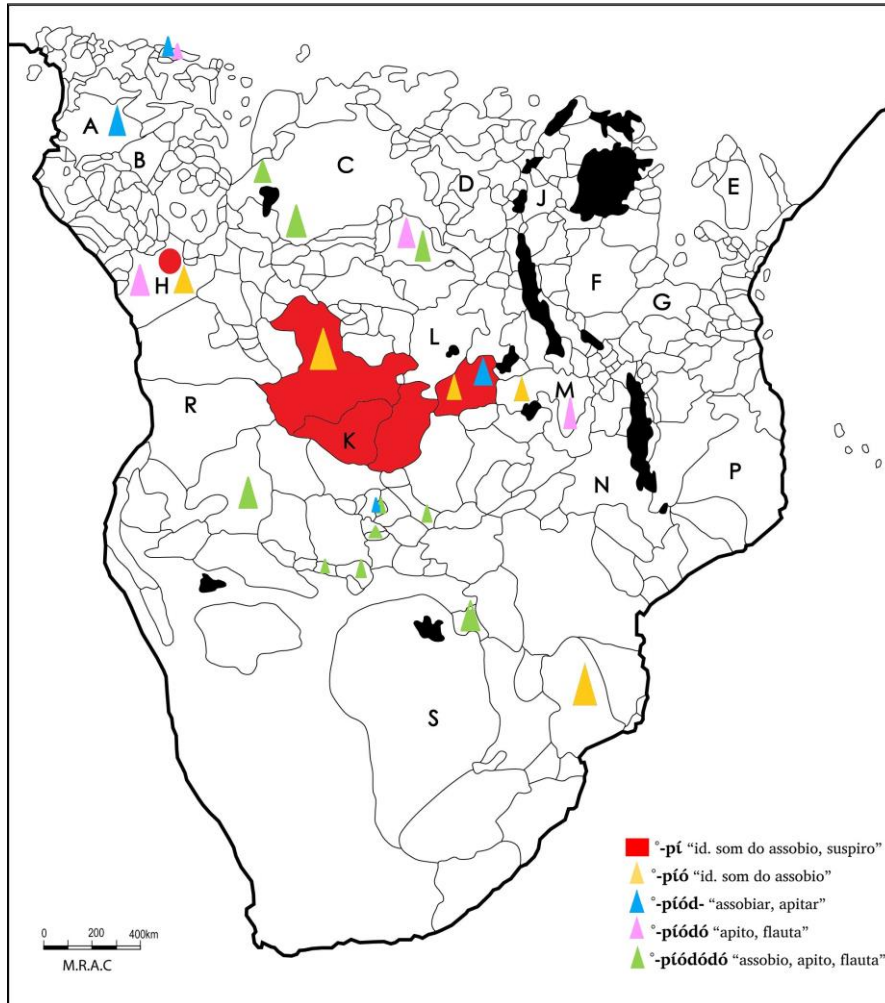
Mapa 74 - Reflexos de °-du, °-dùng e °-dùngù



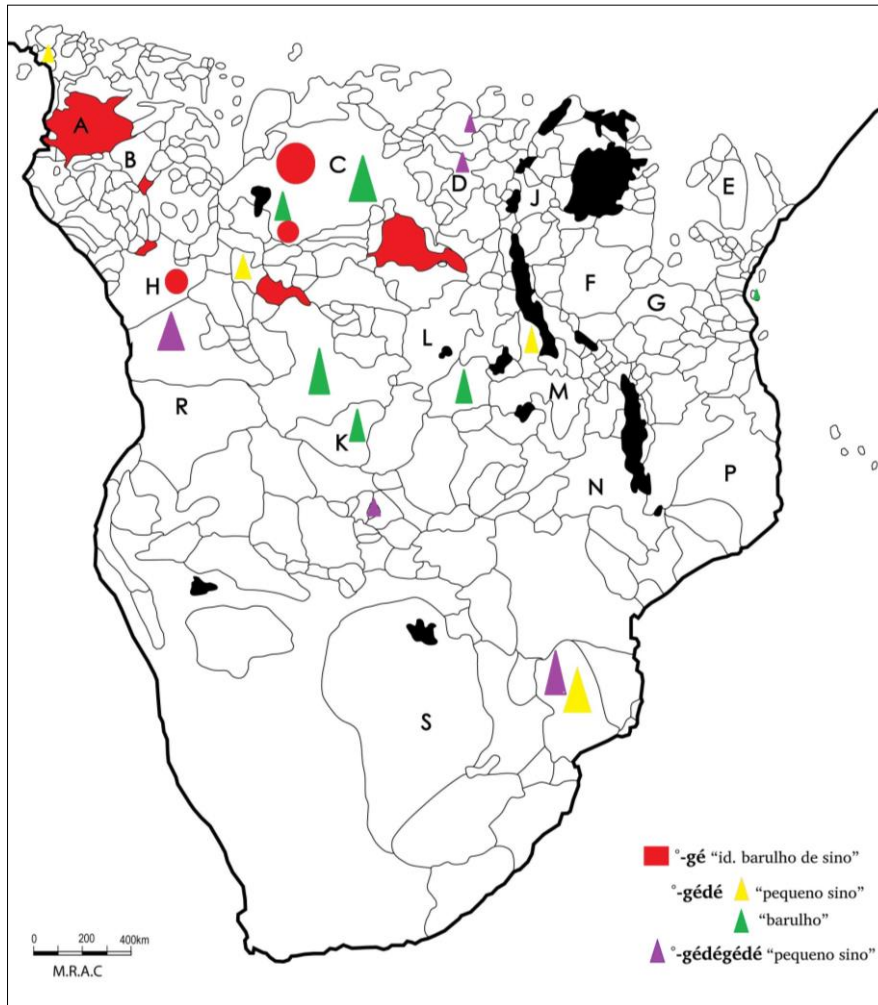
Mapa 75 - Reflexos de °-pí, °-píé e *-pièdèdè



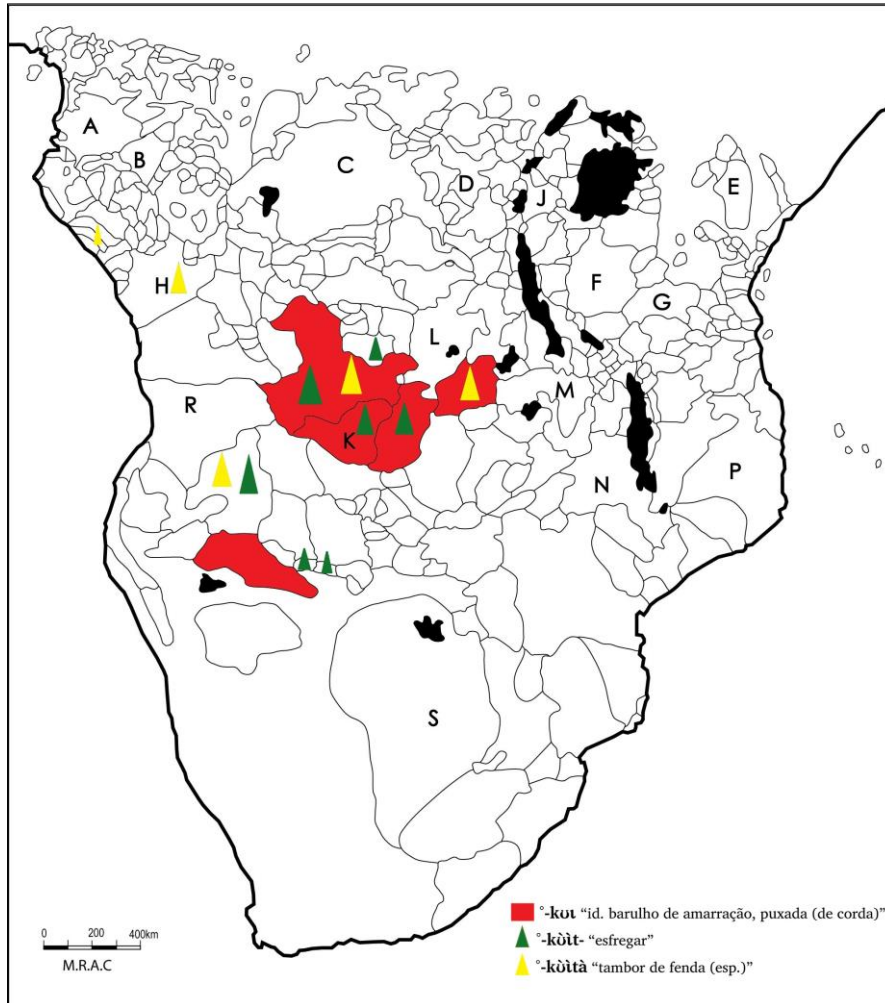
Mapa 76 - Reflexos de °-pí, °-píó, °-píód-, °-píódó e °-píódódó



Mapa 77 - Reflexos de °-gé, °-gédé e °-gédégédé



Mapa 78 - Reflexos de °-kui, °-kùit- e °-kùità



Mapa 79 - Reflexos de °-gu, °-gud-, °-gudu e °-gudugudu

